



Como se namora no Rio

No texto

Figuras e Fatos



AUGUSTO SEVERO — POR INICIATIVA DO TOURING CLUBE DO BRASIL, ATRAVÉS DE SUA COMISSÃO DE TURISMO AÉREO, REALIZARA-SE, NESTA CAPITAL, EXPRESSIVAS SOLENIDADES EM MEMÓRIA DE AUGUSTO SEVERO, POR MOTIVO DO 42.º ANIVERSÁRIO DA MORTE TRÁGICA DESSE PIONEIRO DA CONQUISTA DO AR, EM PARIS, A BORDO DO DIRIGÍVEL "PAX". NOSSAS GRAVURAS MOSTRAM UM ASPECTO DA ROMARIA AO TUMULO DE AUGUSTO SEVERO, NO CEMITÉRIO DE S. J. BATISTA, E A SESSÃO SOLENE NA SEDE DO TOURING CLUBE DO BRASIL SOB A PRESIDÊNCIA DO BRIGADEIRO NEWTON BRAGA. NO FLAGRANTE DA SESSÃO VÊEM-SE OS REPRESENTANTES DOS MINISTROS DA FAZENDA E DO TRABALHO E O VICE-PRESIDENTE DO TOURING CLUB, NOSSO COLABORADOR BERILO NEVES.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

5 — Senhoras: D. Célia de Carvalho Fernando, D. Maria Julia de Lima e Silva; Senhorinha: Lucia Sampaio Gomes. Senhores: Dr. Alfredo de Oliveira Lima, Dr. Azevedo e Souza, Dr. Torreão Roxo, Dr. Ramiro Berbert de Castro, Dr. Ajax Cunha da Fonseca, Dr. Anselmo Nogueira Macieira, Dr. Joaquim Rodrigues Neves, Dr. Belmiro de Souza, Olympio Heitor.

6 — Senhoras: D. Estefania Carvalho. Senhores: Dr. Sebastião do Rego Barros, Dr. Americo Lassance, João Picanço da Costa, tenente-coronel aviador Plínio Raulino de Oliveira, Dr. Celso Kelly, Pedro Buarque de Lima.

7 — Senhorinha Lygia de Avila. Senhores: Leonel Saraiva, Dr. Alceu Mario de Sá Freire.

8 — Senhoras: D. Magdalena Nabuco, D. Valeda Sampaio Gomes. Senhores: Dr. Luiz Nabuco, Dr. Vicente Rão, Dr. Fiel Fontes, Dr. Tarquinio de Souza Filho, capitão de fragata Francisco Paes de Oliveira, Dr. Alair Teixeira de Godoy, Germano Pinheiro Lemos, Luis Custodio Barbosa, Aluizio de Miranda Reis.

9 — Senhoras: D. Maria Nobrega, D. Severina de Barros Ferreira, D. Carmelita França. Senhores: Dr. Olindo Semeraro, Dr. A. Berbert de Carvalho.

10 — Senhoras: D. Nair de Tefé Hermes da Fonseca. Senhorinha: Lupe Carneiro da Cunha. Senhores: Dr. Fernando Costa, major Helio de Macedo Soares e Silva, comandante Atila Soares, Albano Guimarães Lello, Walter de Lima Almeida, Dr. Hilson Caire Perissé, Maurino Moscoro, cadete do ar Wilson Freire Carvalhal. Menina Anna Maria de Paula



SALLY LORETTI, COM 9 ANOS DE IDADE, JÁ PODE SER CONSIDERADA UMA GRANDE DANÇARINA, POIS, ESTREANDO NO PALCO AOS 4 ANOS, EM BELEMO PARA, ONDE ARRANCOU DELIRANTES APLAUSOS DE SELECIONADO AUDITORIO, VEM, DESDE ENTÃO, EVOLUINDO VERTIGINOSAMENTE NA ARTE COREOGRAFICA. A PEQUENA "DANSEUSE", QUE APARECE ACIMA NUMA GRACIOSA CENA DA "DANÇA RUSSA" DE SWARTZMAN, É HOJE ALUNA DE EROS VOLUSIA NO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, ONDE TEM MERECIDO FRANCS ELOGIOS DA PROFESSORA, PELOS SEUS VALIOSOS E PRECOCES CONHECIMENTOS DA ARTE MARAVILHOSA DE PAULOWA E ISADORA.

A NOSSA CAPA

Junho chegou. Junho mês dos balões que não sobem mais, das noites frias que nos convidam a tirar os cobertores



Como se namora no Rio Na foto

da gavêta, mês de tantas ilusões desfeitas, com o passar dos tempos...

Mais um junho de guerra, este que aí está, não permitindo que se cogite de festejos do Mês da Cidade. E por isso as preocupações continuam sendo as mesmas — o cinema, o teatro, a temporada de futebol, o prado, o casino... Nossa capa de hoje mostra-nos Lucille Brenner em um sugestivo perfil, motivo de adorno dos mais elegantes para algumas dessas obrigações forçadas do junho sem balões, sem foguetes, sem fogueiras, que estamos começando a viver.

Lucille Brenner é uma artista moça. Si vai ser ou não uma grande "estrela", é cêdo para vaticinar. Mas um predição não lhe falta: o da beleza. Talvez dois: o da elegancia também.



PARA CADA GOSTO UM TOM,
PARA CADA PELE UMA CÔR.

Pó de Arroz
ORYGAM DE GALLY

O PÓ DE ARROZ QUE
REALÇA A BELEZA!

A' VENDA EM TODO O BRASIL

"A filha de um chefe de tribu da Nigéria fala pela BBC, para a África Ocidental, em favor dos Aliados."

(DOS JORNAIS)

MAIS que um choque de exércitos, esta guerra é um conflito de almas... Pos trás dos *tanks*, dos aviões, dos navios encouraçados, há uma palpitação de asas, um remígio de esperanças: são os milhões de homens prisioneiros dos nazistas e seus sequazes totalitários. A Europa é uma cadeia pública, onde agonizam Nações e gemem Impérios... O exército alemão monta guarda à consciência do mais ilustre continente do Mundo. Que há na Noruega? Grades de ferro; através das quais um povo mártir procura vislumbrar o raio de sol da liberdade! Que sucede à França? Deixa-se algemar depois de 1.000 anos de glórias militares, depois de Iena e Friedland, depois de Bonaparte e Clemenceau... Que há na Grécia? Crianças mortas à fome porque seus pais não esqueceram que, um dia, nas Termópilas, algumas centenas de bravos retardaram, de algumas horas, a marcha de uma tirania...

Tôdas as raças humanas têm os olhos postos na marcha dos exércitos libertadores. O caucasiano, o americano do sul, o nórdico, o preto da África, o malaio das ilhas dos mares do Sul — tôdos esperam a vitória das Nações Unidas, porque estão ameaçados de perder o maior dos bens temporais: a liberdade. Onde há um túmulo de herói inimigo da tirania, aí está um altar da Humanidade. Washington, Tiradentes, Juarez, Vitor Hugo, Cavour, Garibaldi — tôdos os que odiastes os tiranos, velai por nós. Jamais, como neste século, esteve em jogo, de maneira tão decisiva, o destino da alma humana. Que importa que as cidades se transformem em ruínas, e os livros se queimem na voragem dos incêndios totais? Ficando um homem livre, na face da Terra, terá valido a pena a perda dos tesoiros da Civilização. Um homem livre e um raio de sol — eis o resumo da felicidade universal! As grades de ferro de uma prisão causam maior dano que o mármore frio de um túmulo... Porque, no túmulo, há apenas a matéria que se decompõe; na cadeia, há um espírito que se rebela, um coração que se escuta a si mesmo... A Morte é a perda da consciência; a escravidão — o renascimento dela... Através das grades de um cárcere, a Vida pompeia com tôdos os seus encantos, e sorri com tôdas as suas tentações. Que bela é a avezinha a voar por sobre os ramos das árvores! E o lagarto que se espreguiça ao sol, na volúpia morna do dia estival! E a formiguinha, que carrega a sua folha morta, para acumular, no seio da terra, os recursos com que afrontar o inverno longo e a noite triste! O' pássaros de Deus! Por que não ensinai aos homens a delícia de ser sempre livres e a graça de ser sempre alegres?

Os descendentes de Cham, sobre quem pesaram séculos de escravidão, levantam a voz em favor da liberdade do Mundo! Sutilíssima ironia dos tempos, imensurável mordacidade dos fatos históricos! Os pretos clamam para que se dê liberdade aos po-

vos de tôdas as raças, inclusive os brancos que tantas vezes os soldaram às infamantíssimas galés! Nos ergástulos de um sistema político monstruoso, agonizam milhões de homens de tôdos os matizes étnicos. Os netos dos Vikings audazes, os descendentes dos Romanos dominadores do Mundo, os que pertencem à estirpe dos Cartagineses, debravadores de oceanos, os que deram à Humanidade sua estrutura jurídica, os que a cristianizaram e redimiram — tôdos, tôdos sofrem os horrores da tirania cinzenta, e pagam nos cárceres de uma Europa esfomeada o crime de terem acreditado numa ficção — o Direito.

E, agora, é uma voz que se ergue, das profundezas do continente africano, para clamar pela liberdade, para invocar a luz radiosa sem a qual toda alma é triste e todo coração é enfermo. Como esquecer a apóstrofe genial, posta pelo poeta dos escravos na boca do povo africano? Haverá alguém que não lhe sinta a atualidade dos conceitos?

Deus, Deus, onde estás, que não respondes?

Em que mundo, em que estrêla tú te escondes, Embuçado nos céus?...

E' a voz do Mundo, a voz universal das coisas — não apenas dos homens e dos seres vivos — mas de tudo o que é de Deus: aves e plantas, insetos e folhas, pedras e ramos de árvores... E' a voz do Mundo, que se faz ouvir à vespera do mais assombroso acontecimento da História: a libertação da Humanidade pelas forças conjuntas das Nações Unidas.

A Fortaleza da Europa sente os arietes daquelas forças a derrancar-lhe os muros de bronze. Não são os engenhos bélicos que os derruem: é o castigo de Deus que os aniquila. A palavra da moça nigeriana tem a validade de uma página do Evangelho — porque simboliza o grito de revolta de milhões de escravos e o clamor profundo de milhões de mártires!

Deus começa a responder ao apêlo da África — e o coração dos séculos pulsa neste momento bíblico da história do Mundo.



A V O Z D O
M U N D O

B E R I L O N E V E S

A mulher na Guerra e no Após-Guerra

"APÓIO AO ESFÓRÇO DE GUERRA COM ECONOMIA, TRABALHO, CORAGEM E TODO AMPARO POSSÍVEL AOS QUE LUTAM LÁ FORA", PALAVRAS DA ROMANCISTA RAQUEL DE QUEIROZ — "A MULHER TEM TRABALHADO E SOFRIDO COMO O HOMEM, E, ALIÁS, NÃO TEM FEITO MAIS QUE A SUA OBRIGAÇÃO" — RÁPIDAS E JUDICIOSAS PALAVRAS DA INTELLECTUAL PATRÍCIA SINTETIZANDO SEU MODO DE PENSAR E FOCALIZANDO OS DIREITOS E OBRIGAÇÕES DAS SUAS IRMÃS DE SEXO, DEPOIS DA GUERRA ATUAL.

Reportagem de JUANITA BOREL MACHADO

ESTA série de reportagens que a REVISTA DA SEMANA está oferecendo aos seus leitores, focalizando assunto de palpitante importância, tem merecido os mais justos e calorosos aplausos. Estamos consultando a Mulher Brasileira, através de algumas de suas mais representativas figuras, dando-lhe oportunidade de responder quatro importantes quesitos. E cada representante do sexo outrora erroneamente chamado fraco tem se portado á altura das contingências, advertindo, orientando, sugerindo atitudes das mulheres e dos homens no após guerra, e, principalmente, enaltecendo os fatores nacionalistas da questão. São esposas, mães, noivas e filhas que falam pela voz autorizada das senhoras Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Eunice Weaver, Teresita Porto da Silveira, Mendonça Lima e, hoje, também Raquel de Queiroz, encarando o papel feminino na hora em que nossos soldados estão prontos para rumar ao campo de batalha, orientando o preparo espiritual da primeira geração em dias de paz, ajuizando da participação da mulher brasileira em todas as atividades intelectuais e materiais, e, finalmente, alvitrando o que deve ser ainda a presença de Eva no terreno sentimental. Quatro perguntas, apenas, mas que grandes perguntas! Elas se dirigem, bem a fundo, ao coração da Mulher.

DUAS POSES DE RAQUEL DE QUEIROZ: EM CIMA, NUM DIA DE REPOUSO E EM BAIXO, NUM DIA DE TRABALHO. OBSERVEM A DIFERENÇA DE ESTADO FISIONOMICO. RAQUEL É OUTRA, COMPENETRADA DE SEU TRABALHO INTELLECTUAL, DEDILHANDO A MÁQUINA.



permitindo-lhe externar suas opiniões sobre os assuntos mais em evidencia hoje e, principalmente, amanhã, quando as luzes tenham voltado a brilhar.

Nossa "enquete" prosseguirá com outras consultas, auscultando novas idéas e dando, assim, aos leitores da REVISTA este novo material informativo de tanta e tão pronunciada atualidade.

Quando a combustão do sol nordestino penetra a terra começando a sua obra de destruição, a vegetação luxuriante entrega-se ao exício e desaparece num borralho encandescente. Em meio da desolação da terra sêca, surge porem um individuo vegetal rijo e fêro, desafiando o flagelo com sua poderosa resistencia vital; é o *Joazeiro*. Milagre e benção da terra sertaneja. Raquel de Queiroz é como o *Joazeiro* de sua terra, sobrepõe sua pujança intelectual, a força vital de sua inteligencia, a escolas, a grupos, a generos ou a gostos literarios; tudo isso, que pode destruir e calcinar, tem de ficar à margem de seu valor intrinseco. A propaganda de grupos, tão comum em política como em literatura, se a envolve, contudo não a atinge, como a combustão não atinge o joazeiro.

Na moderna literatura proletaria, como na de sabor classico, medram os cogumelos, os apuiseiros, como frondejam cedros e carvalhos, pois o valor não está no genero. está no individuo, na afirmação de seu talento. Deus pode ser negado, mas não destruido.

A propaganda de grupo não ultrapassa suas proprias fronteiras; conseguirá alfinetar a curiosidade literaria do visinho, mas não o convencerá, sinão pela força da inteligencia, porque esta é como a luz telurica do sol. Foi essa irradiação icástica e pletórica que fez de Raquel de Queiroz, não o membro ilustre de um *team* anarquico, mas uma expressão nacional da literatura do Brasil, porque é um talento que não tem classe, nem sexo, nem grupo, faz parte da historia literaria do Brasil de qualquer época, como o seu parente José de Alencar.

Em Fortaleza, no Ceará, no ano da graça de 1910, aos 17 dias do mês de Novembro, surgiu na terra heroica e lirica dos jangadeiros dos verdes mares bravios o *Joazeiro* simbólico do qual acabo de falar-vos.

FALA RAQUEL DE QUEIROZ

1 — *Como encara o papel da mulher brasileira na hora em que os nossos soldados estão prontos para rumar ao campo da luta?*

— A Mulher Brasileira não é parte essencial da Nação Brasileira? ou será que existe uma coletividade de amazonas que dêa ter papel à parte no conjunto nacional? Pois a nação toda sabe que o seu papel é o papel das retaguardas. Apoio ao esforço de guerra com economia, trabalho, coragem e todo amparo possível aos que lutam lá fóra.

2 — *Em sua opinião, que orientação terá a primeira geração de após-guerra?*

— Não me atrevo a exprimir nenhuma opinião a esse respeito. Tudo depende, com certeza, da orientação dos vencedores. Mas, si não tenho opinião, tenho esperanças de que novas perspectivas, possibilidades novas, venham a abrir-se para os artistas no mundo que se organizará depois da catástrofe.

3 — *Nas artes, nas letras e em todas as atividades materiais, acha que a mulher terá participação mais destacada no mundo de após-guerra?*

— Provavelmente. A mulher tem trabalhado e sofrido como o homem — e aliás não tem feito mais que a sua obrigação. E' claro que as mulheres que tiveram posições de responsabilidade nestes tempos difíceis, não voltarão de boamente á cozinha, e aqueles que as utilizavam, decerto, quererão continuar dispendo de uma colaboração que se mostrou tão preciosa.

4 — *E no terreno sentimental?*

— No terreno sentimental? Ora, ora, que outra PARTICIPAÇÃO poderá ter a mulher no terreno sentimental sinão a que já tem agora?

Em tempo de guerra, a passividade era o papel tradicional das mulheres. Até 1914, poucas eram as que poderiam fazer outra cousa que não fosse manter o lar, ter paciência e esperar. A guerra moderna porém, transformou essa angustiosa e inútil expectativa em uma vida muito mais ativa. Durante a última guerra, determinado número de mulheres substituiu na indústria e nos serviços públicos, os homens mandados para as linhas de frente.

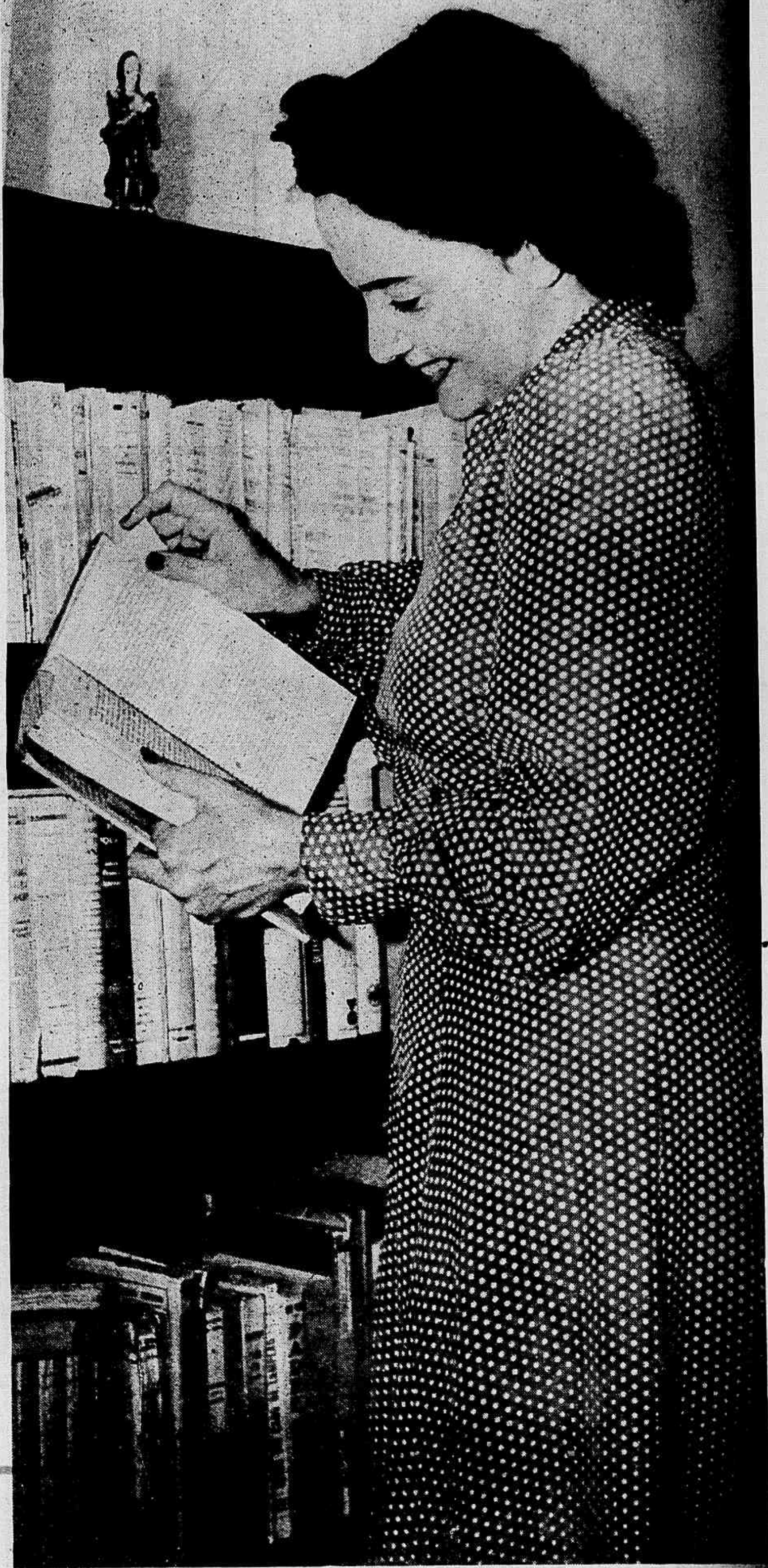
Na guerra atual elas consentiram em correr os maiores perigos e em se submeterem à disciplina, tal como seus maridos, filhos ou noivos, nos raids aéreos, no mar e mesmo nas linhas de fogo.

Encontram-se mulheres nas fábricas, nos serviços de comboiamento de bombardeiros e de transportes militares. Elas desempenham frequentemente um duplo papel: donas de casa, à noite, comprando e preparando as cousas necessárias às refeições da família, tomando conta das crianças, e cuidando dos arranjos da casa; durante o dia indo ganhar a vida como condutoras de ônibus, reparando motores, fabricando peças de aviões e de canhões e executando grande número de outras tarefas, consideradas antes como impossíveis para mãos femininas.

Embora nos Estados Unidos não se tenha ainda chegado, como na Inglaterra a utilizar a totalidade da mão de obra feminina, existem pelo menos, quatro milhões e meio de mulheres que contribuem diretamente para o esforço de guerra. E isso, dois anos, depois de Pearl Harbor!

O maior empregador das atividades femininas é o próprio Tio Sam. Durante o ano passado de 40.000 nomes de mulheres foram acrescidos às folhas de pagamento do governo. Além disso, um número bastante considerável de moças que acabaram seus cursos de colégio, foram aproveitadas em postos de responsabilidade nos Serviços Públicos, muitos dos quais estavam vagos em consequência de terem seus ocupantes sido mobilizados ou em outros mais modestos, porém necessários para vencer a guerra. As mulheres que exercem suas atividades nos Serviços Públicos recebem os mesmos vencimentos que os homens.

Muitos corpos femininos foram creados recentemente, para trabalhar junto às forças combatentes, em caráter efetivo; são as WAACS, as WAVES e as WAFS. Até agora o número de mulheres admitidas nesses serviços foi estritamente limitado por condições impostas pelos decretos que crearam êsses corpos, ou pelas dotações orçamentárias. E' provavel porém que as atuais restrições desapareçam dentro em pouco e que outros serviços idênticos sejam creados.



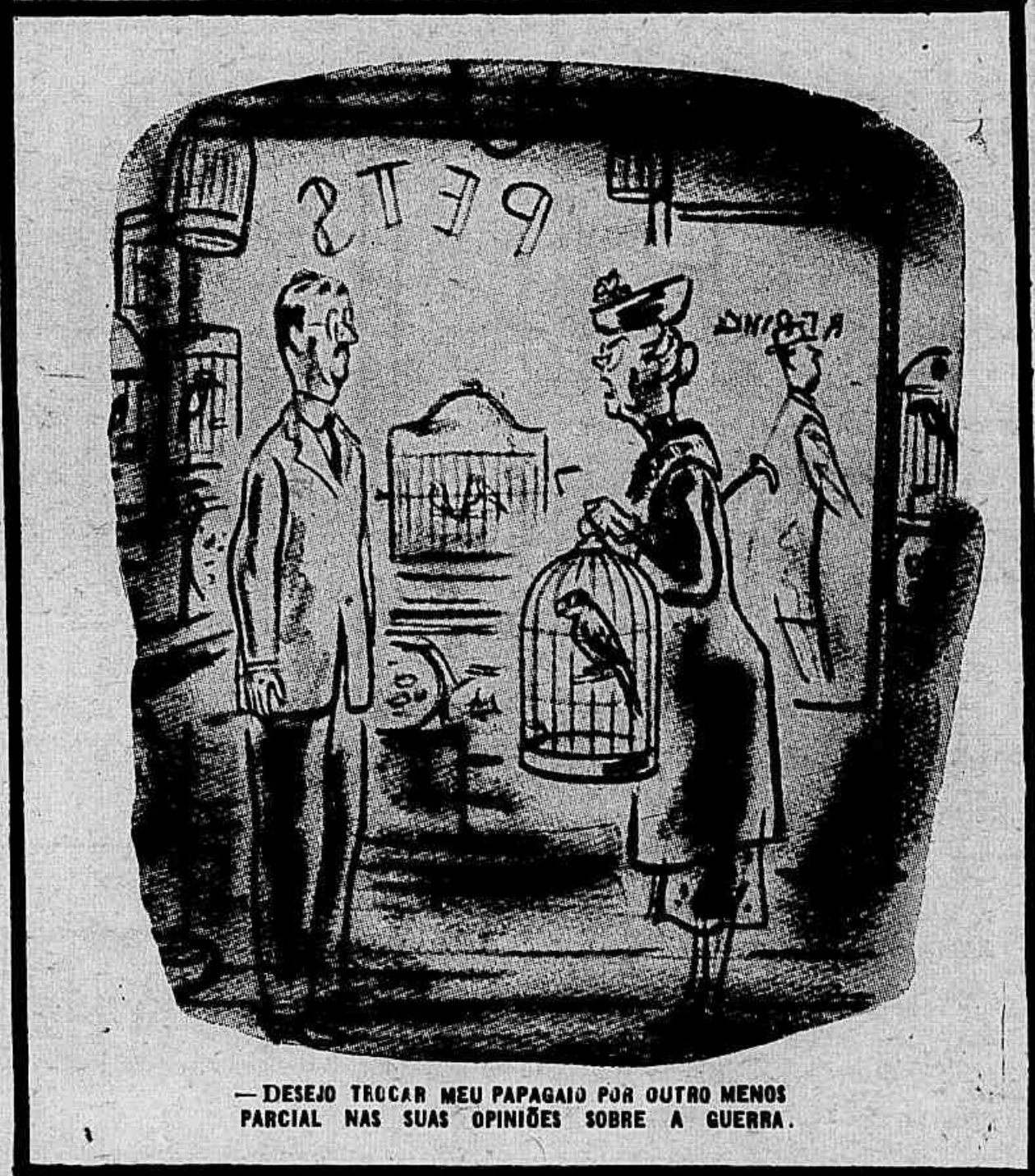
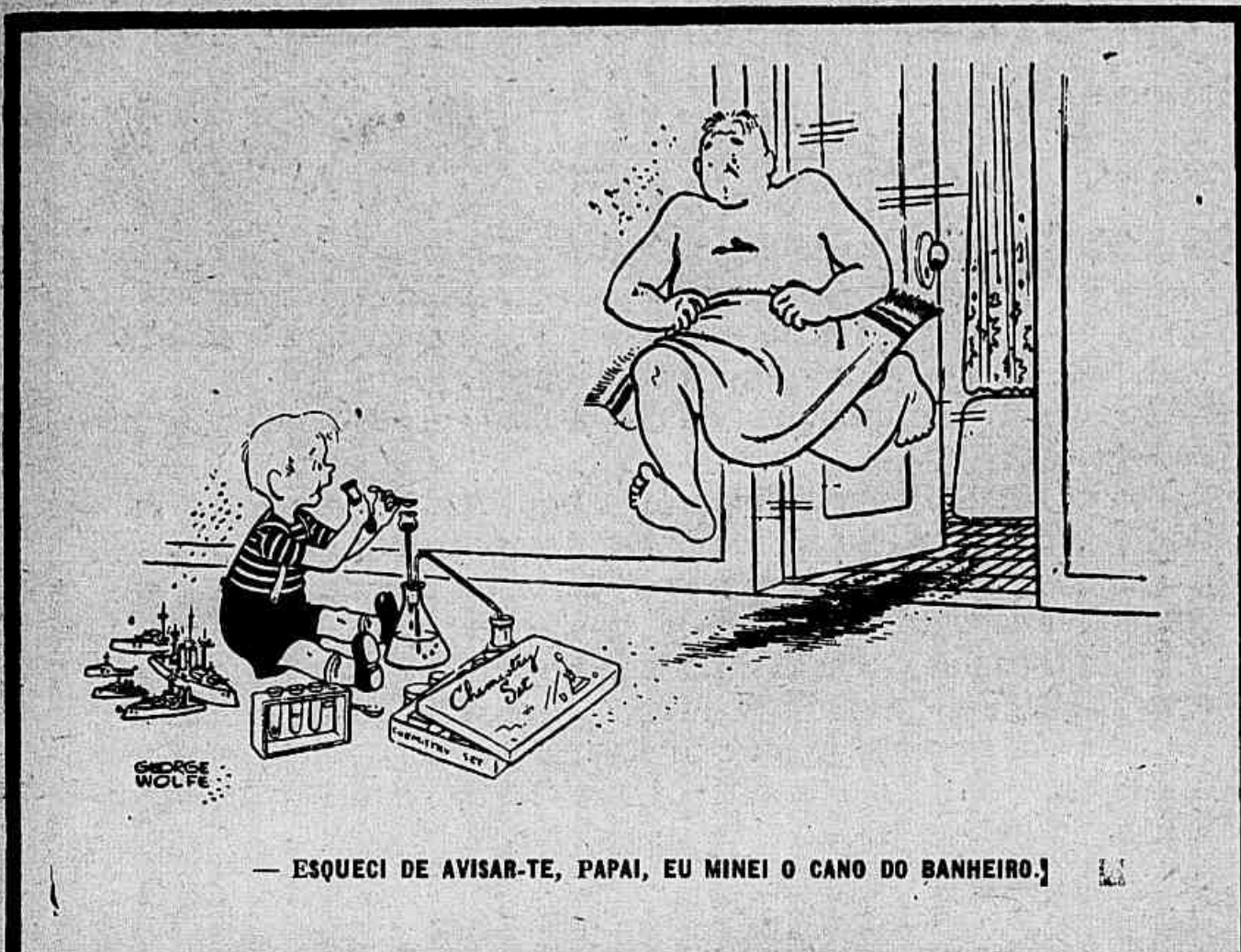
OUTRO PRECIOSO INSTANTANEO DA FESTEJADA AUTORA DE "QUINZE", BATIDO NUM RECANTO DA SUA BIBLIOTECA. RAQUEL FOLHEIA OS SEUS LIVROS QUERIDOS, COMPANHEIROS DE TÓDAS AS HORAS DE ENLÉVO E AEDITAÇÃO.

BIBLIOGRAFIA

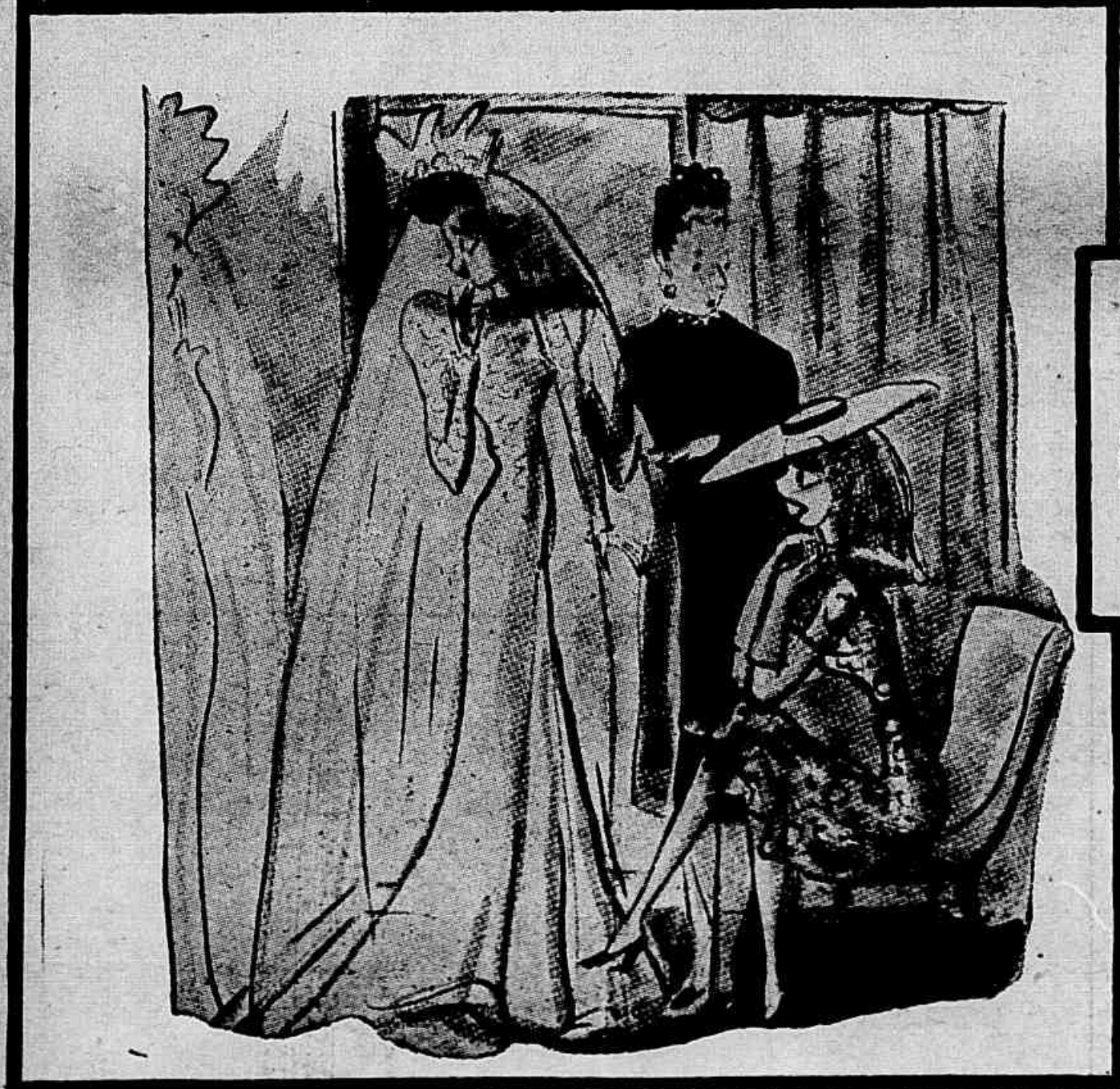
LIVROS — O QUINZE — PUBLICADO EM 1931 E PREMIADO PELA "FUNDAÇÃO GRAÇA ARANHA"; JOÃO MIGUEL — EM 1932; CAMINHO DE PEDRA — EM 1937; TRÊS MARIAS — EM 1939. — PREMIADO PELA "FUNDAÇÃO FELIPE DE OLIVEIRA".

MUITO JOVEM COLABOROU NO "CEARÁ", EM SUA TERRA

NO RIO COLABORA NA "FOLHA DA MANHÃ", "LEITURA", "FOLHA CARIOCA"; JÁ COLABOROU EM "O JORNAL" E "DIRETRIZES".



DE BOM HUMOR



— COMPRA O MELHOR, QUERIDA, NÃO É SEMPRE QUE UMA MULHER CASA PELA PRIMEIRA VEZ.

O CONFORTO DOS CABELELEIROS NO REINO DE NEPTUNO.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 3-6-1944 --- N. 23

Sumario

LITERATURA:

A voz do mundo (Berilo Neves).....	3
Livros Novos.....	8-9
Musculos e Nervos (Aluisio Azevedo).....	15
Um caso de consciência (Ellen Glasgow).....	18
Dois poemas de Adalcinda.....	28
Nunca mais estarei sozinha (O. Wdsley).....	39

REPORTAGENS:

Figuras e-Fatos.....	2
A mulher na guerra e no após guerra.....	4-5
Como se namora no Rio.....	10 a 13
O adeus do expedicionário.....	22-23
A "proteção" de Hitler na Polonia.....	24 a 27

FOTOGRAFICAS:

Era uma vez.....	16-17
Joquei Clube.....	19
Aconteceu no Rio.....	29
Coisas do Brasil.....	40

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	35
Nade de novo em modas.....	36-37
O que se deve evitar — Copa e Cozinha.....	47
Trabalho Manual.....	48
Outros Modelos.....	49

SEÇÕES:

A guerra em marcha.....	14
De Rádio (Djalma Maciel).....	30

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

AVULSAS:

Eles também são autores.....	20-21
A pianista dos dedos de fada.....	31
A proposito da morte de Van Loon.....	32-33
Centenario de Caetano de Campos.....	41
A maravilhosa historia de Lili Chauchoin.....	42-43
Aves do Brasil.....	44

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	6
Na hora H da vitamina (Orlando Matos).....	38
"Charge" de Raul.....	50

SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE BOM BARATO

A' VENDA EM TODO O BRASIL



Habitos criados agora DURARÃO TÔDA A VIDA

Faça ver ao seu filho, desde logo, para a sua aparência e saúde, a importância da higiene bucal e dos dentes limpos. Escolha com o máximo cuidado o dentífrico que ele deverá usar: puro, eficaz e de sabor muito agradável. Ele gostará do Creme Dental Squibb pelo seu delicioso sabor e pela admirável sensação de frescor que deixa na



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

424



*Para ele,
só dou
o melhor!*

QUER ver seu bebê crescer forte e sadio? Inclua, diariamente, Quaker Oats, no seu regime alimentar. Quaker Oats desenvolve o corpo, ossos e músculos — enriquece o sangue, auxilia o crescimento normal. Contém em abundância Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas. De gosto agradável, econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Insista em comprar a lata com afigurado Quaker — a aveia sem impurezas.



Livros

LITERATURA DESENHADA

A literatura vem apresentando ultimamente uma tendência nova, perigosíssima e muito sintomática numa época em que não há tempo para ler nem para pensar. Para quem observa edições se sucederem e se exgotarem em nossas livrarias, poderá parecer exagerada essa última afirmação.

Facilmente poderemos nos convencer da sua veracidade, se observarmos o gênero de leitura preferido.

A vulgarização é em grande parte responsável por uma verdadeira preguiça mental que se observa em toda parte.

Hoje em dia vulgariza-se toda espécie de conhecimentos, em todos os setores da cultura humana.

O público foge das verdadeiras e primitivas fontes.

Não há mais tempo nem gosto para esses exercícios de inteligência. As ideias devem vir explicadas, mastigadas para que tenhamos apenas o trabalho de ingeri-las o mais rapidamente possível alardeando uma falsa cultura, feita de retalhos e de citações.

Os romances superficiais, os livros descritivos, essencialmente objetivos, as biografias ligeiras são os gêneros mais procurados, justamente porque não dão o que pensar, não dão trabalho.

E o essencial para o homem do nosso século é fazer tudo o mais rapidamente possível. Temos pressa, temos muita pressa, vivemos sempre correndo, embora não saibamos para que nem porque.

Talvez por isso, as historietas em quadrinhos, que começaram timidamente no rodapé de alguns jornais, foram aos poucos tomando de assalto todos os vespertinos e matutinos, crescendo, tornando-se ousados, chegando mesmo a fazer concorrência aos noticiários de crimes e de futebol.

Que tenham cuidado os nossos "cracks"... Brucutu é hoje em dia tão conhecido quanto Da Guia, "O Divino Mestre" como o chamaram por aí.

Ha mesmo revistas e jornais, aparentemente destinados à infância mas lidos por milhares de homens de negócios seríssimos, senhoras, mães respeitabilíssimas de família, cujas páginas são inteiramente dedicadas às historietas em quadros e seus heróis absurdos.

Este parece ser o gênero ideal de leitura para a época em que vivemos e para a mentalidade do povo.

Entretanto, não chega mesmo a ser leitura, pois os bonecos suprem o texto, que se reduz a ligeiros diálogos. As imagens fazem o resto.

Leitura objetiva, rápida, para se fazer no bonde ou no onibus, ou enquanto se ingere um cafésinho, a qual acabou por se tornar, como este, um verdadeiro vício.

Muita gente boa por aí compra os jornais mais por causa do Brucutu ou do Fantasma do que para ler as notícias.

Nos bondes e nos onibus, é frequente observarmos senhores graves, que abrem o jornal e rapidamente os títulos dos noticiários de guerra e, sofregamente, vão procurar no rodapé, o seu herói favorito.

Qual é, entretanto, o conteúdo dessas historias? Qual a sua intenção? Que representam seus heróis?

Tomemos alguns e examinemo-los.

Todos devem lembrar-se daquele gordíssimo, imperturbável e irrepreensível "Comendador" do O GLOBO, que acabava sempre resolvendo as mais sérias dificuldades com os milhões de dólares de que dispunha.

Ele é o tipo legítimo do magnata, do plutocrata insaciável e cheio de caprichos, mostrando que o dinheiro pode resolver todas as situações.

Papini, no seu "Goç", apresenta um tipo selvagem e brutal de milionário, que resolve experimentar o poder do seu dinheiro, julgando que com ele poderia resolver tudo, inclusive a compra da felicidade. O livro mostra então a tremenda desilusão desse excêntrico, que acaba por se entediar da vida, com todas as suas riquezas.

No comendador, entretanto, não percebemos nenhum sentido de crítica nesse sentido. "Popeye" é outra figura popular das historietas. Criação de Segar, embora tenha entrado em franca decadência depois da morte do seu inventor, continua a existir.

Que simboliza o marinheiro caólho? Apenas uma propaganda do "espinafre"? Não. Ele mostra a vitória da força bruta, capaz de vencer tudo. Todos nós gostaríamos que o murro aplicado em nosso inimigo produzisse os resultados surpreendentes de um soco de Popeye.

Os dois juntos, "Comendador" e "Popeye", simbolizam a fusão da força bruta e da prepotência do dinheiro.

Os heróis das crianças de hoje, dos nossos filhos, são bem diferentes dos nossos. A distância de apenas uma geração, trouxe uma diferença radical e completa neste setor.

Os heróis das nossas crianças são precisamente estes que elas costumam ver nos jornais que lhes são destinados.

Si levarmos em conta a influência que as impressões da infância têm pelo resto da vida, permanecendo em nossa memória ou em nosso sub-consciente, transformando-se numa parte de nós mesmos, podemos avaliar a importância dessas leituras.

Comparemos por exemplo, uma heroína de Júlio Verne, delicada, sensível, com as heroínas dessas historietas em quadrinhos.

Estas se apresentam geralmente semi-núas, decotadíssimas, com roupas e tipo de certa classe de mulheres que tem sofrido ultimamente no Rio uma severa perseguição da polícia.

Este é o tipo de mulher por quem lutam os heróis de nossos filhos. Será este o tipo de mulher com que, pelo menos subconscientemente, eles sonharão? Esperemos que isto não aconteça, e que as futuras mães sejam bem diferentes delas.

TEORIA DA LITERATURA. — Antonio Soares Amora. — São Paulo. — 1944.



Este livro destinado a divulgar no Brasil as mais modernas ideias de crítica literária, de autoria do professor Antonio Soares Amora, lente de literatura portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, é sem dúvida uma obra séria, um livro de caráter técnico, especializado, da teoria literária. Não é uma obra de divulgação superficial.

Reconstituindo a evolução histórica do conceito de arte literária e analisando detidamente todos os conceitos propostos da antiguidade até hoje, faz uma exegese do conceito estético moderno.

A obra literária é estudada nos seus diferentes aspectos. São aqui abordados os temas do realismo e do irrealismo estético e literário, o universalismo e o individualismo na arte, o formalismo e a liberdade criadora. A linguagem poética e as outras formas de linguagem são estudadas pelo autor, demonstrando sólida cultura crítica. A questão dos gêneros literários e do estilo é também analisada.

A metodologia da criação literária e sobretudo as teorias de Taine são confrontadas com a atitude da crítica atual.

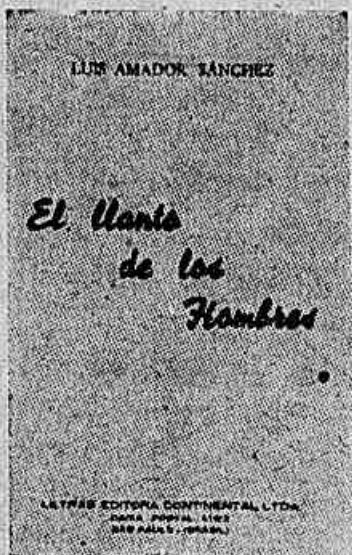
A evolução histórica e o esquema das ideias estéticas das principais escolas, desde a escola trovadoresca até o modernismo, é traçada pelo autor.

Nova

E' evidentemente uma obra de carater didático, tendo por finalidade, como o autor explica no prefácio, a divulgação das ideias de teoria da literatura.



EL LLANTO DE LOS HOMBRES. — Luiz Amador Sánchez. — São Paulo. — 1944.



Luiz Amador Sánchez, escritor da Espanha moderna, da Espanha reacionária, mas não da Espanha fascista, de Franco, não é estranho ao público brasileiro. Diplomata, logo no início de sua carreira, em 1924, representou o seu país em Recife. Por curiosa coincidência, seu último cargo diplomático foi exercido no Rio de Janeiro. Tendo, pois, praticamente começado sua carreira no Brasil, veio encerra-la em nosso país.

Em 1939, tendo o governo do Brasil reconhecido o vencedor da guerra civil espanhola, foram entregues as chaves da Embaixada e do Consulado Espanhóis no Rio.

Na sua carreira diplomática, que durou dezoito anos, pôde o escritor espanhol aperfeiçoar seu espírito, seu senso de observação e sua cultura.

Conhece uma grande parte do mundo, o que evidentemente amplia seus horizontes intelectuais.

A guerra que dilacerou a sua pátria, matando milhares de inocentes, e cujas consequências ainda se fazem sentir de modo brutal, constituiu para a sensibilidade de Luiz Amador Sánchez um golpe cruel.

As observações que encontramos nesse livro sobre o panorama de um continente deflagrado, em que o sofrimento, o choro, a miséria são quadros de todos os instantes, justificam o título. Não é entretanto um livro de descrições téticas, objetivo e superficial. O autor encara, estuda e analisa o problema político da atualidade com um real senso crítico e um grande espírito de observação.

Encontramos assim capítulos como "Panoramas de política internacional", "De la ciencia de la paz y de la guerra", e "Panoramas Literarios", todos tratados com a segurança de um técnico no assunto, quer sejam ensaios de carater internacional ou simplesmente literários.

São páginas de grande atualidade as dessa obra que por certo ha de tornar mais conhecido entre nós este notavel escritor da pátria de Cervantes.



PROBLEMAS DE DIREITO SINDICAL. — Oliveira Viana. — Rio. — 1944.

Para entender a substancialidade desta obra do professor Oliveira Viana, devemos conhecer os seus livros anteriores a este. Pela razão muito simples de que ha uma originalidade na sua obra. Ele não é autor de páginas soltas. Ensaaios, artigos, conferencias, preleções de cátedra — todo o esforço criador do seu dinamismo intelectual — convergem para o estuário comum de uma construção única.

Pensador coerente e vigoroso, jamais deixaria de identificar-se com o minuto que passa, no seu duplo aspecto: nacional e universal.

Buscou, sempre, no cascalho obscuro das experiencias históricas, o minério rico dos ensinamentos úteis. Escritor, sua pena vem sendo uma espada — e a sua palavra um verbo. Não admite os dilantismos dos intelectualistas. E' um estudioso a serviço das grandes causas da Pátria e da civilização.

Compreensivo, pois, que concentrasse nos temas oportunistas do Direito Social os inexgotáveis recursos da sua inteligencia e da sua cultura.

Problemas de Direito Sindical foge às normas clássicas, estabelecidas para livros do seu gênero. Nessas páginas não fora a fina dissecação das doutrinas nem o exame químico das ideias que preocupava o sr. Oliveira Viana.

Rompendo com o feitiço abstrato das teorizações, adotado tradicionalmente pelos nossos juristas, ele segue um critério sociológico ao abordar os problemas do Direito. Sobram-lhe razões para isso. Precisamos de leis que se ajustem com perfeição às necessidades, às tradições e ao temperamento do nosso povo.

Devemos assim, antes de tudo, compreender a sua psicologia e não desconhecer o processo histórico da sua formação. Estabelecendo pontos de partida, o prefácio é a primeira das páginas magníficas, pela clareza e pelo bom senso revelados. Fala, entre outras coisas, no insolidarismo, evidenciado pelas populações nacionais, desde tempos velhos. "Estude-se com espírito crítico a sua história — e ver-se-á que ele (o brasileiro) nunca precisou agir, ou melhor, nunca se viu impellido a agir — seja sob o império de contingências históricas seja por força de pressões mesológicas — como agente de interesses que transcendessem o âmbito do seu interesse individual ou de clã". Acha, deste modo, que o sindicalismo representa o papel de um agente corretivo ou retificador... processo mais eficaz, rápido e seguro para a intensificação e o desenvolvimento entre nós dessas formas de solidariedade social e de conciencia de grupo.

Pautando suas observações por uma bibliografia especializada, sem dúvida a maior já mais compulsada por um brasileiro, o Sr. Oliveira Viana realizou neste livro, de 288 páginas, a obra mais séria escrita, até agora, em nosso País — fixando o ponto de vista brasileiro, em face do problema da organização social. Drama em perspectiva para todos os povos, depois do último tiro, na derradeira batalha militar desta guerra.

REGISTRO

ALJÓFARES. — Otoniel Beleza. — Belo Horizonte. — 1944. — Livro de versos.



FLORES DA ALMA. — Tolentino Miraglia. — São Paulo. — 1944. — Versos.



EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DIALÉTICO. — Vitor Visconti. — Rio, 1944.

A filosofia de Vitor Visconti se caracteriza pelo agnosticismo, num sentido pratico, relativista. E' a opinião baseada nas generalizações do intelecto sobre o empirico em leis de valor relativo, constituindo a base da ciencia sem dogmas espiritualistas ou materialistas. Marca o seu livro um espírito de unidade, na afirmação dos tres elementos orientadores da evolução do Pensamento. Não é uma historia da filosofia dialética em compartimentos estanques. E' a própria dinamica das causas produtoras do processo dialético.



UNIÃO DOS OPERARIOS DE JESUS

Recebemos um exemplar do Relatório de 1942, referente às atividades da União dos Operarios de Jesus. E' um folheto ilustrado por onde se aprecia o desenvolvimento da benemerita instituição, onde são abrigadas crianças pobres que, assim, recebem educação esmerada.

Da leitura do mencionado documento, tem-se não apenas uma noção do desvelo com que a Diretoria cuida dos menores, mas também do rigor e da eficiencia com que aplica o produto dos auxílios que recebe.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfigurarão por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clinica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Si o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



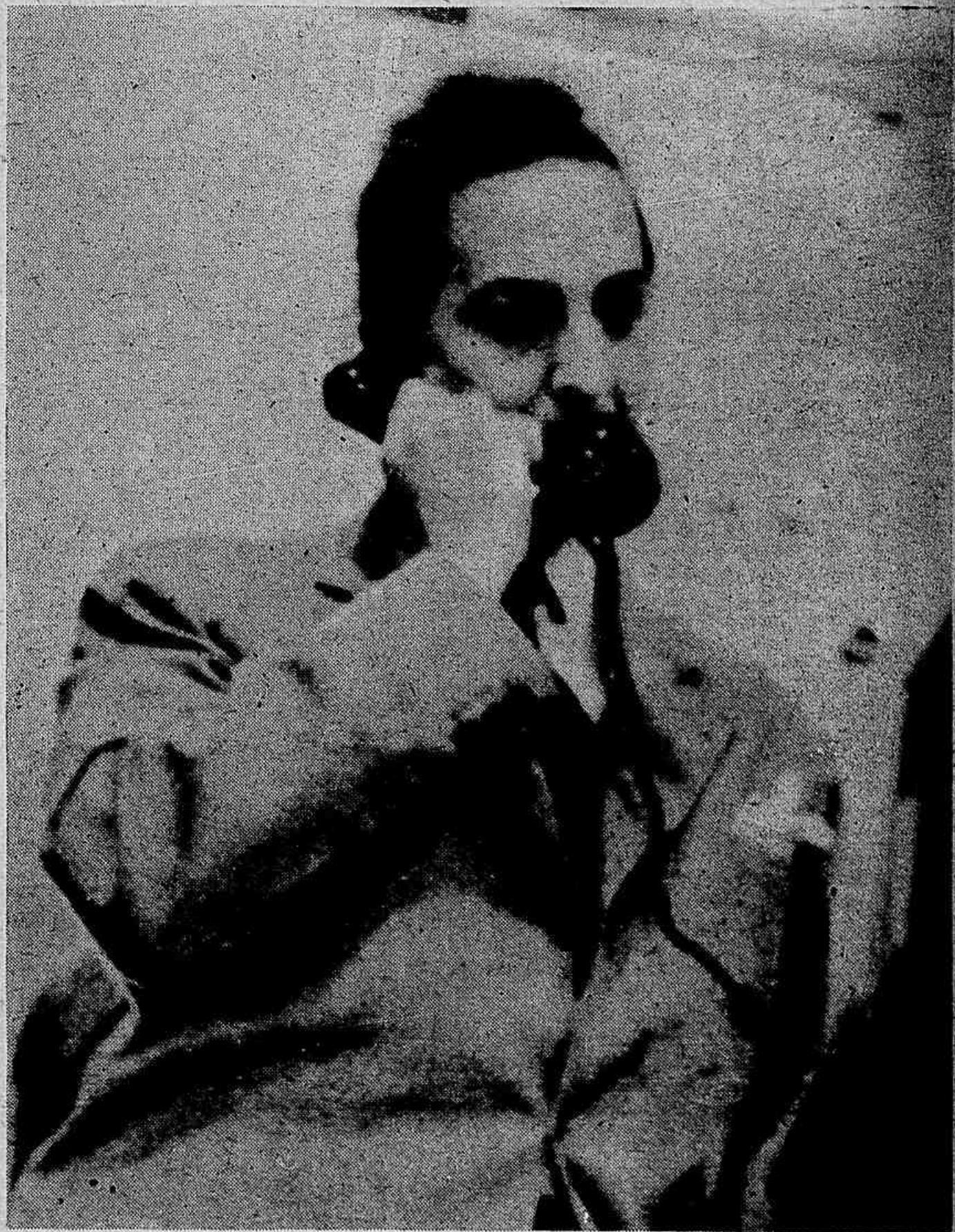
**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

COMO SE NAMORA NO RIO

PARECE que em assuntos de amor não há mais nada a inventar. Tendo o homem desde a sua origem — segundo a Bíblia desde que o nosso venerando e desventurado Pai Adão se engasgou com aquela maçã fatídica que todos nós trazemos até hoje atravessada na garganta — se dedicado a esse perigoso esporte, tudo em amor é velho e já foi explorado.

Se algum dos leitores, tendo descoberto um novo modo de amar, alguma novidade no assunto, o esconde egoísta e avaramente de nós, os que eternamente calamos no lugar-comum amoroso, pedimos que revele o segredo o mais depressa possível.

Não queremos aproveitar absolutamente a descoberta genial. Nosso consêlho ou pedido é inteiramente desinteressado. Todo o benefício seria do engenhoso amigo. Poderia mesmo tirar patente e cobrar seus direitos. Garantimos que ficaria rico, do dia para a noite. E, em último caso, se realmente tratar-se de um verdadeiro altruísta, resta-lhe a glória e a fama.



"ALÍO É VOCÊ, QUERIDA? HOUVE UM CONTRATEMPO, É DIFÍCIL DE EXPLICAR. LOGO QUE NOS ENCONTREMOS FICARÁ TUDO CLARO."

Podemos garantir que toda a numerosa e unidíssima classe dos namorados faria uma subscrição para levantar, em praça pública, uma estátua ao seu herói bem-fetor. Herói ou heroína, pois bem pode ser que o descobridor seja uma filha de Eva.

De qualquer modo, francamente, não acreditamos no aparecimento do inventor da novidade.

Em amor, tudo está irremediavelmente explorado e conhecido.

Conformêmo-nos, pois, em amar como amaram os nossos avós e todos os nossos ancestrais. No entanto, não tenha dúvidas, leitor ou leitora que se prezam de namorar ultra-modernamente, no cinema, na praia, passeando de automóvel (agora gazo-gênio): a forma exterior pôde ter mudado, mas em essência o amor continua a ser o mesmo. Nós amamos afinal, do mesmo modo que a nossa tímida vovósinha, guardada ferozmente por toda a família viglada, podendo apenas raramente lançar um olhar apaixonado ou brejeiro, coado através das pestanas, na Igreja, enquanto os lábios rezavam uma prece e os olhos pediam amor.

A AMURADA DA AVENIDA BEIRA MAR SEMPRE FOI UMA GRANDE AMIGA DOS NAMORADOS. NÃO É MUITO CONFORTÁVEL, MAS NESSAS OCASIÕES NÃO SE PODE ESCOLHER. E DEPOIS, COM UMA PEQUENA BONITA, TUDO É AGRACAVEL...

A FITA JÁ ACABOU. AS LUZES SE ACENDERAM. MAS QUE IMPORTA? ÊLES NADA PERCEBERAM. E AQUELE BEIJO QUE COMEÇARA COM O DO GALÃ, PROLONGA-SE NUMA ASSUSTADORA DEMONSTRAÇÃO DE FOLEGO E DE PAIXÃO...



POUCA LUZ, MUITO POUCA, E ESPAÇO AINDA MENOR — O ESSENCIAL PARA DOIS QUE VIVEM POR UM SÓ. — MUITA DISCREÇÃO, ELEMENTO IMPRESCINDIVEL PARA UM ÊXITO ROMANTICO — OS INIMIGOS DOS NAMORADOS — O CARIOCA SABE REALMENTE AMAR? — ONDE SE REFUGIA A NUMEROSA E UNIDÍSSIMA CLASSE — OS LUGARES IDEAIS PARA UM BOM NAMÔRO: NO CINEMA, NO ÚLTIMO BANCO DO ÔNIBUS, NA PRAIA, NA HORA DO "LUNCH"...

(Gentilmente posaram para esta reportagem os artistas Luiz Tito, Talita de Miranda e Solange França, do "cast" da Sociedade Rádio Nacional).

Reportagem de MARTIUS

No íntimo, este sentimento é sempre igual. Os namorados de todos os tempos e de todos os lugares têm sempre os mesmos gestos, os mesmos olhares perdidos um no outro, a mesma ância ao apertar as mãos nervosas, o mesmo tremor nos lábios que se beijam.

E aquele "la boca me baccio tuto tremanti", do Divino Dante, tem se reproduzido indefinidamente. Todas as bocas se beijam trêmulas, nessa carícia que é a mais sublime invenção do amor, a única, real e evidente superioridade do Ocidente sobre o Oriente.

Mas, positivamente, nada de novo existe no front amoroso.

Resta-nos ficarmos consolados como o poeta, encontrando "no amor que é sempre velho, a emoção que é sempre nova". E nisso reside o verdadeiro milagre: encontrarmos eternamente a sensação de novidade numa coisa tão velha quanto o próprio mundo, tão antiga como a própria vida.



UM COPO É MAIS DO QUE SUFICIENTE. CHEGA A SER PERFEITAMENTE DISPENSÁVEL. AQUI O REFRESCO É APENAS UM PRETEXTO PARA ESTAREM JUNTINHOS. E PARECE QUE O CONSEQUIAM...

UMA ARVORE AMIGA PODE SER UTIL MESMO EM TEMPO DE "BLACK-OUT". NO SEU TRONCO SECULAR, TODOS OS NAMORADOS DEIXAM A MARCA DA SUA PASSAGEM. DOIS CORAÇÕES ATRAVESSADOS, POR UMA SÉTA. DOIS NOMES ENTRELAÇADOS. HISTORIA QUE SE REPETE.



DO OUTRO LADO DA LINHA, TRANQUILA, QUASI IRONICA, DOMINANDO A SITUAÇÃO, ELA "SE DIVERTE COM O EMBARAÇO DO HEROI. DE ANTEMÃO PODE ADIVINHAR-LHE AS DESCULPAS. — "QUAL, ESTES HOMENS SÃO TODOS IGUAIS!"

Milagre das solicitações da espécie que rege e determina o nosso limitado livre-arbítrio, à qual estamos, nesse particular, tão presos como o mais ínfimo unicelular, o mais insignificante inseto, o mais brutal dos animais...

Podemos apenas escolher o modo de amar e tentar aperfeiçoá-lo. Evidentemente o namoro tem variado na sua forma, à medida que o homem se vai civilizando, transformando os apêlos de um instinto numa arte, com todas as características. No tempo das cavernas a coisa passava-se de modo muito mais sumário e agressivo. As conquistas eram feitas a muque e a lei do mais forte posta em prática de modo violento.

Hoje é tudo diferente. O "flirt", por exemplo, elevou o amor à categoria de uma arte, em que todos os recursos de linguagem, de mimica, todas as sutilezas do espírito, são postas em prática. Nessas ocasiões, a linguagem humana atinge sutilezas imprevistas.

Como se ama no Rio?

Dizia Anatole France, que por sinal não era nada amigo destas frases com jeito de lição: "Cada um ama a quem pôde, como pôde e quando pôde".



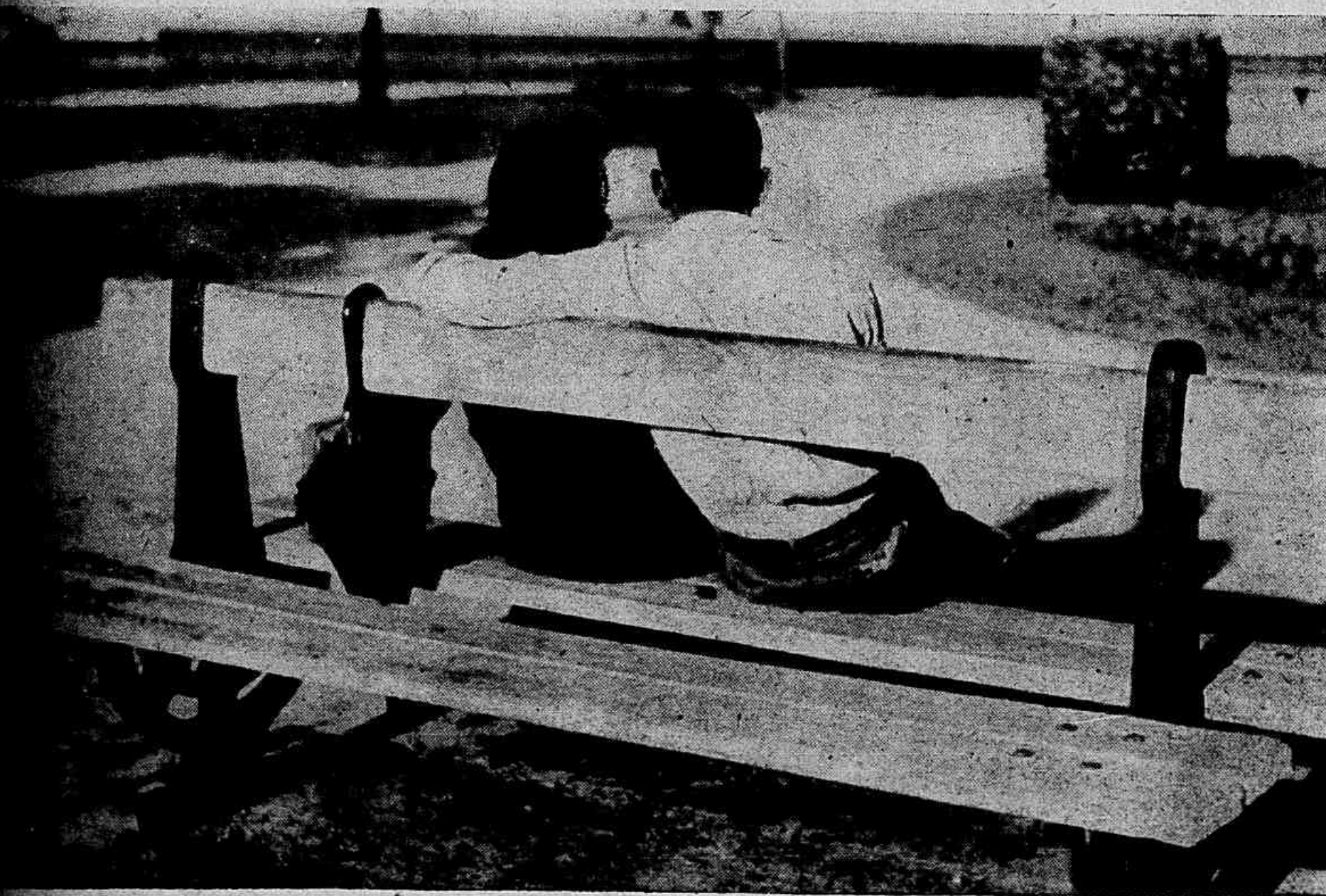
CONTINUA



NÃO HÁ DUVIDA QUE A FILA DO ONIBUS É UMA COISA ABORRECIDA. MAS TUJO NESTE MUNDO TEM SUAS COMPENSAÇÕES. ESTES, POR EXEMPLO, NÃO PENSAM EM SE QUEIXAR DA FALTA DE TRANSPORTES.



PARA ÊLES ENQUANTO HOVER UM BANCO DE JARDIM TUDO PARECE CORRER ÀS MIL MARAVILHAS. POUCO IMPORTA QUE OS OUTROS FIQUEM OLHANDO. ÊLES ESTÃO NUM MUNDO TÃO DISTANTE!



PODE SER QUE ESSA HISTORIA DE ESPAÇO VITAL PREOCUPE OS EUROPEUS. ESTE CASAL PRECISA APENAS DE UM LUGARZINHO. E ATÉ, QUANTO MENOR, MELHOR.

Os namorados cariocas poderiam acrescentar: "e onde pode". Porque realmente o Rio é um dos lugares mais hostis aos namorados.

Não se póde amar com tranquilidade nem há lugar para isto, apesar de ser tão limitado o espaço requerido por um casal apaixonado.

Seria preferível ter evitado o verbo "amar", de sentido tão amplo, prestando-se a interpretações mais ou menos maliciosos, usando outro mais cândido, e de sentido mais preciso: "namorar".

Se perguntarmos a qualquer amoroso do Rio como se namora na Cidade Maravilhosa, êle responderá prontamente:

— Ama-se mal. Muito mal, com muitas dificuldades; mas enfim ama-se muito, com bastante vontade.

E a verdade é que, apesar de tôdos os percalços que deve enfrentar um namorado, ou melhor, um casal de namorados, ainda os encontramos por tôda parte, a qualquer hora do dia e até mesmo da noite.

Um casal de namorados requer primordialmente umas poucas e imperiosas condições, "sine qua non": discreção, pouca luz, um pequeno espaço (quanto mais reduzido, melhor) — e que os deixem em paz. Do resto êles se encarregam.

Durante o tempo em que estão juntos, o mundo não existe.

Montanhas, mar, lua, sól, tudo isso existe em função do seu amor, como elementos subsidiários e até mesmo dispensáveis. Quanto às outras pessoas, essas são sempre, e em qualquer caso, de mais. Constituem mesmo, na gíria dos namorados (sim senhores, êles também teem a sua gíria), uma classe ao mesmo tempo temida e detestada: são os "empata". Os "empata", classe numerosa, com as suas características próprias, são passíveis de uma subdivisão: os "voluntários" e os "involuntários".

Os primeiros vigiam os namoros de "motu próprio", ficam sentados perto, conversando sobre coisas inoportunas. Êles acompanham o casal ao cinema, sem perdê-lo de vista, mesmo nos momentos culminantes do filme. Nos bondes e nos ônibus obrigam as pobres vítimas a ficarem sentadas diante deles; quando voltam para casa mal-humorados pelo dia perdido, e, requinte de impertinência e crueldade, permanecem no portão na hora da despedida.

Entre essa classe abominável, dos "empata voluntários" e os namorados, há uma animosidade latente, um ódio surdo, silencioso, que se esconde atrás de sorrisos convencionais.

Tôdas as pragas são rogadas pelo casal perseguido a êste inimigo terrível.

Os outros, os "empata involuntários", muito mais acessíveis, são até suportáveis. O irmãozinho da pequena que vai ao cinema acompanhá-la por ordem do pai; a amiguinha que acompanha a pedido da família. Na maioria dos casos são subornáveis. Um pacote de balas e uma fita de "mocinho" neutralizam o garoto. A outra é ainda mais camarada. Sempre que possível, dá um geitinho de sentar-se longe. Isto naturalmente por interesse, que é a grande mola de tôdos os atos humanos. Ela espera que, em situação idêntica, seja tratada do mesmo modo. Outro inimigo terrível dos namorados é o "guarda". Êle é sempre uma figura sinistra de quem se deve fugir como o diabo da cruz. Sua arma terrível é o apito, que faz uma verdadeira guerra de nervos aos pares amorosos. A qualquer momento — e justamente no mais sério e decisivo — podem ouvir o seu apito estridente e indiscreto.

Não faltam inimigos aos apaixonados que procuram o refúgio ideal nesta indiscreta e mexeriqueira Sebastianopolis.

O Rio — e isto tem sido demasiadamente repetido — continua uma grande aldeia. Tôdos se conhecem, tôdos se vigiam. Namorar escondido aqui é uma façanha impraticável. Logo entra em cena a amiguinha "da onça" e, sem sabermos como, está armada a "encrenca".

O amor clandestino, o contrabando amoroso, encontram barreiras intransponíveis na alfan-dega dos "bons costumes".

Onde encontrar um lugar em que se possa namorar tranquilamente?

Eis uma pergunta que todos os namorados do Rio se fazem ansiosamente, cada dia, sem encontrar resposta.

Sáímos à caça dos D. Juan da cidade, buscando esclarecimentos sobre o importante assunto.

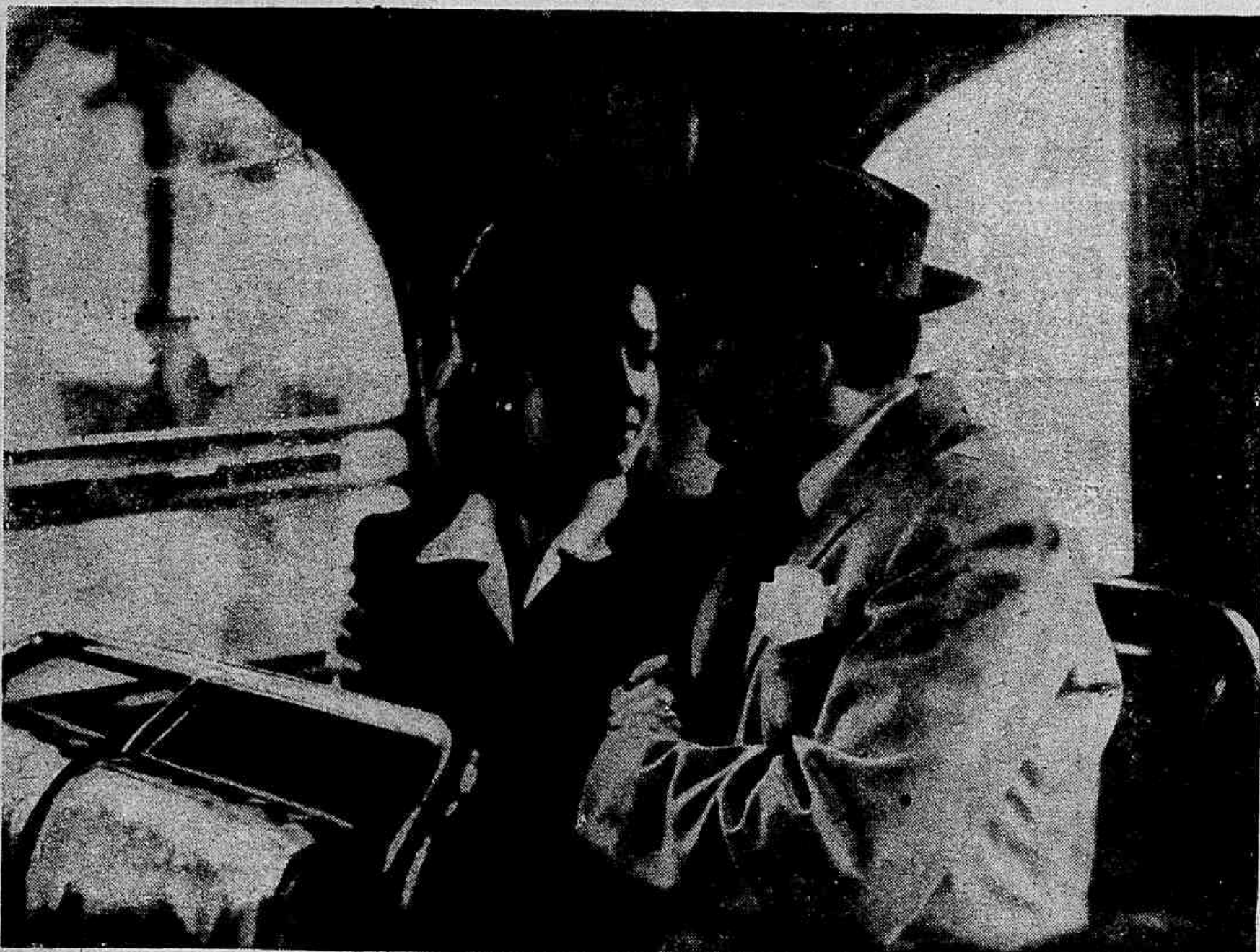
E, coisa desoladora, as respostas foram quase sempre as mesmas. Não constitui indiscreção de nossa parte revelar quais são esses lugares, porque todos já os conhecem.

— "Para mim — dizia um irresistível — o cinema continua sendo o lugar ideal para um namoro. Naturalmente é preciso ter um pouco

O entrevistado seguinte pouco se incomodava de namoro no claro ou no escuro.

— O que me interessa é namorar. Considero um erro de técnica essa história de procurar lugares muito discretos. Mesmo porque não acredito na existência desses lugares no Rio. Os melhores pontos são os de bastante movimento, bem às claras. Assim chamamos menos a atenção. Sabe qual é o meu ponto preferido? A amurada da Avenida Beira Mar. Pode não ser muito confortável, mas não tem importância. Os bancos do jardim, de dia ou à noite, são ótimos para um romance. Eu sou pelo namoro arejado, com bastante ar e luz. Nada de cantinhos escuros. Amemos com liberdade, e acabaremos acostumando o povo a encarar a coisa com naturalidade. Não é assim nas outras grandes capitais? Já é tempo de civilizar-mos o Rio, também nesse setor.

As opiniões divergem. Cada um tem a sua



O ÚLTIMO BANCO DOS ONIBUS, PROTEGIDO DOS OLHARES INDISCRETOS E DESOCUPADOS DE OUTROS PASSAGEIROS, PARECE FEITO DE ENCOMENDA PARA OS NAMORADOS.

de técnica. Não é qualquer inexperiente que consegue se ageitar".

— Mas qual é a técnica? — perguntamos ingenuamente.

— Ora, em primeiro lugar, e isto é intuitivo, é preciso levar a pequena para a última fila. Isto nem sempre é uma coisa simples. Muitas vezes há resistência, um certo receio. E' preciso saber tranquilizá-la. Também o "vagalume", o homensinho que mostra o lugar no escuro, muitas vezes usa e abusa da lanterna para fins indiscretos. Olho vivo com ele!...

Mas o cinema, apresentando embora algumas dificuldades, parece reunir as condições essenciais para um namoro tranquilo. O principal elemento é a escuridão. O que menos interessa é o filme. Ou, melhor, é sempre preferível que as cenas se passem num ambiente sombrio. Nada de muita luz. Porque, pode ficar certo, meu amigo, a luz é a maior inimiga dos namorados.

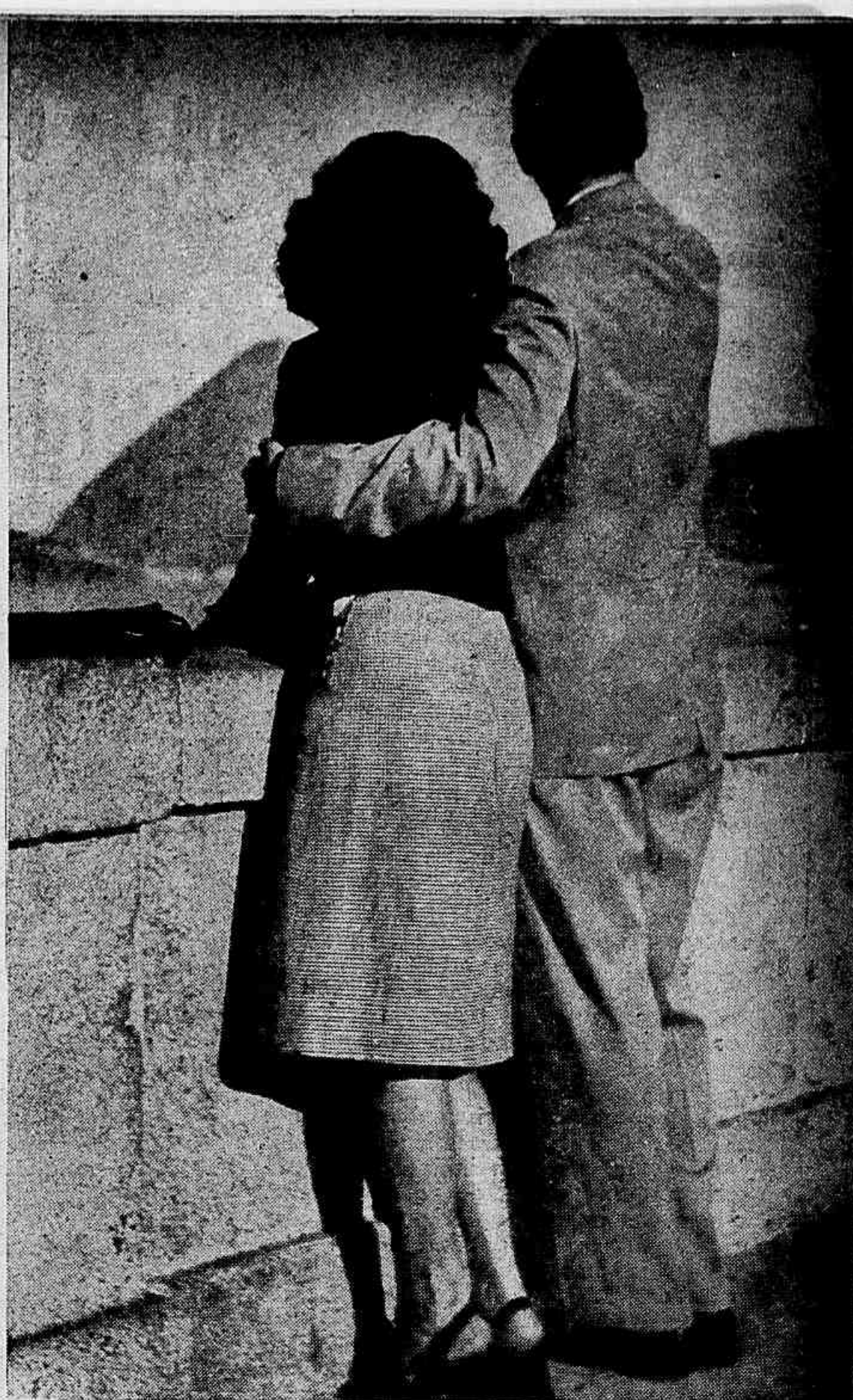
Deixamos esse amigo da penumbra, receiosos de que as suas explicações fossem mais longe do que desejávamos.

teoria do namoro. Há os que preferem namorar nos bondes e ônibus, naturalmente no último banco, protegidos dos olhares indiscretos... os que fazem o "footing", de mãos dadas, românticos, os que preferem as simbioses nos cinemas escuros.

Não queremos inimizadas com a classe, mas a verdade é que os nossos rapazes não parecem ter jeito para o namoro. Não ficam à vontade diante da criatura a conquistar, não dominam a situação, de modo que muitas vezes se tornam ridículos e grotescos. Aquele sorriso forçado, contrafeito, de quem receia uma vaia, que podemos observar no galanteador incipiente, é algo de desagradável e ridículo.

— Tenham naturalidade nos seus namoros! — aconselharíamos nós, como nesses anúncios de rádio — e verão como tudo passa a correr às mil maravilhas!

(E' claro que o reporter não fala pela experiência...)



OLHANDO O INFINITO, FAZENDO PROJÉTOS, ELES SE ESQUECERAM DO RESTO DO MUNDO. ESTE MUNDO QUE PARECE EXISTIR APENAS EM FUNÇÃO DO SEU AMOR.

DE MÃOS DADAS, ROMÂNTICOS, ESTÃO AINDA NA PRIMEIRA FASE DO NAMORO. DENTRO DE ALGUNS ANOS TALVEZ PASSEM NOVAMENTE POR ESTE MESMO LUGAR, EMPURRANDO UM CARRINHO COM UM LINDO BABY...



A GUERRA EM MARCHA

A vulnerabilidade das linhas defensivas

No começo da guerra atual, o mundo presenciou aterrorizado o desequilíbrio entre o gigantesco poder bélico do eixo e a fraqueza dos países ocidentais, incapazes de resistirem ao ímpeto dos exércitos mecanizados de Hitler, que sobre eles se precipitaram como uma enxurrada de ferro e fogo.

Países que nos habituáramos a considerar como cheios de energia e fé, pelo seu passado glorioso, foram fragorosamente derrotados em apenas uns poucos dias.

Algum tempo antes, um jovem oficial do exército francês, Charles De Gaulle, clamava pela modernização do mesmo, preconizando o incremento da fabricação de tanks e de veículos blindados, que tornassem mais rápidos e eficientes os movimentos táticos das tropas.

A incuria, o desleixo e a traição sufocaram a sua voz.

Os poucos preparativos de guerra que a França e seus tradicionais aliados realizavam, pareciam indicar a expectativa de uma guerra de posições, lenta, em que a infantaria devia ter sobre as outras armas um domínio completo e absoluto, como se dera na conflagração de 1914-18.

Atualmente está provado que apenas uma arma, por maior que seja o seu desenvolvimento, não pode resolver a guerra. Os bombardeios da Inglaterra em 1940, pela *Luftwaffe*, o pretendido

bloqueio submarino que deveria leva-la à rendição pela fome, e até mesmo os formidáveis bombardeios do Reich levados a efeito pela aviação aliada, veem demonstrar a impossibilidade de vencer a guerra sem uma perfeita coordenação de todas as armas, como se deu, por exemplo, no desembarque aliado na África do Norte.

Na França, o que se fez, foi modernizar as velhas trincheiras de 1918, construindo, com imenso sacrifício para os cofres do país, uma formidável fortaleza subterrânea de aço e cimento armado, toda erigida de casamatas e canhões, estendendo-se por muitos quilômetros.

Sobre a inexpugnabilidade dessa fortaleza, a propaganda dizia maravilhas.

As mais tremendas investidas dos mais poderosos e bem armados exércitos seriam facilmente contidas, com um mínimo de perdas para os defensores.

Confiado nisso, no espírito combativo, na fibra e no patriotismo dos franceses, o mundo parecia descansar.

Desencadeada a guerra, sob a ação

do formidável exército mecanizado alemão, do emprego da aviação em escala até então desconhecida, a linha Maginot ruiu fragorosamente como um castelo de cartas. Sua guarnição, tomada de surpresa, rendeu-se quase sem resistência, ao ver contornada a sua fortaleza e as forças inimigas à retaguarda. Seus canhões não tinham mais serventia.

E' sabido que, normalmente, os atacantes devem experimentar perdas três vezes maiores que os defensores. Neste caso, não se deu nada parecido. As perdas alemãs foram insignificantes e seus exércitos entraram na França quase intactos. Hoje, depois da invasão e da campanha da Rússia, ficamos sabendo que o Reich não lançara o máximo da sua força no ocidente.

Apesar disso, os alemães tomaram a iniciativa e conservaram o controle absoluto da situação, até a derrota que o heroísmo dos pilotos da RAF infligiu à superioridade da *Luftwaffe*, nos céus da Inglaterra.

O mito da inexpugnabilidade das linhas defensivas, preparadas durante anos,

com o maior cuidado e todas as precauções possíveis foi derrubado com a queda da Linha Maginot.

Na Itália, enormemente auxiliados pela topografia da região, os nazistas construíram a linha Gustav, e a sua propaganda apregoava a sua inexpugnabilidade.

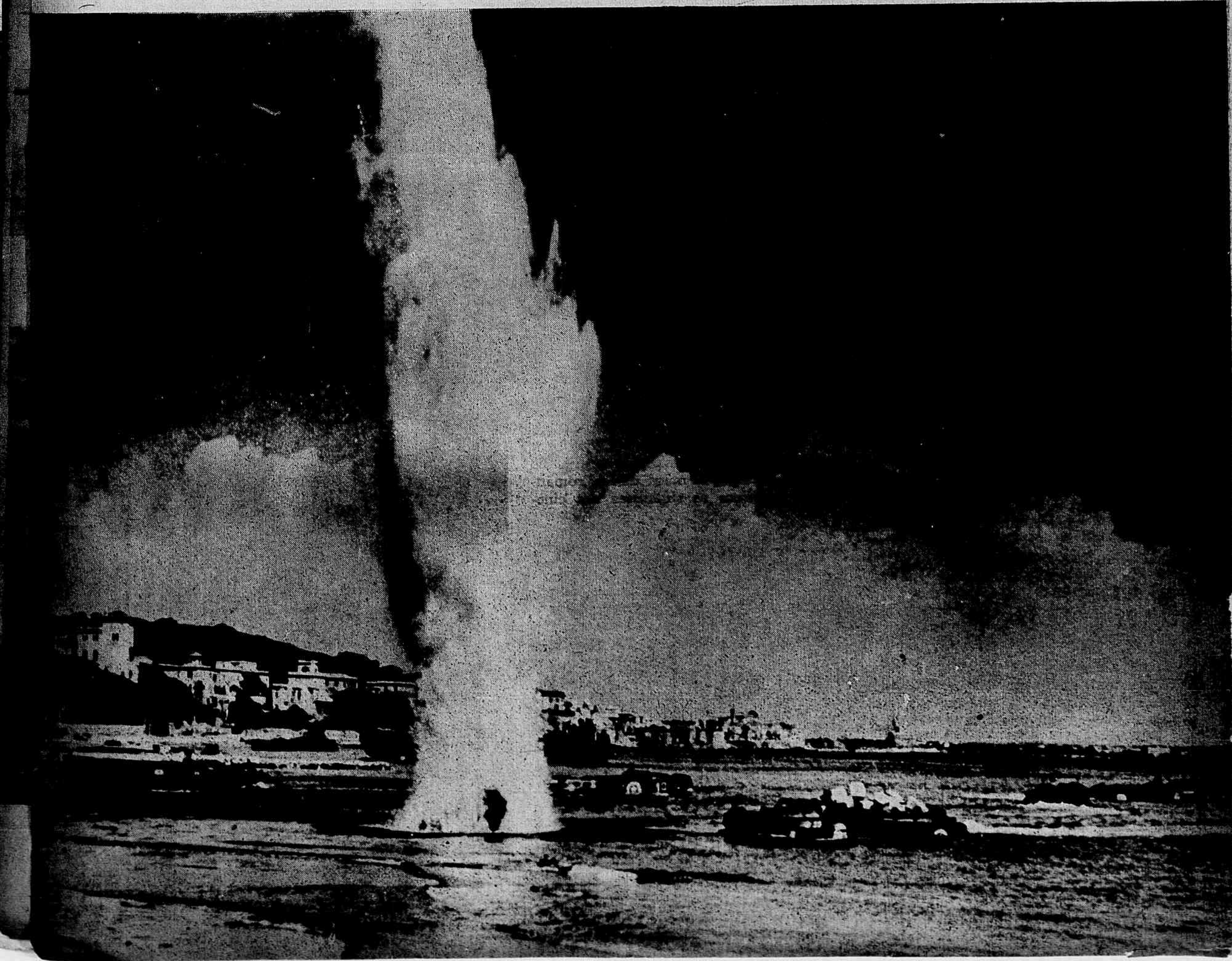
Fatores diversos, de ordem tática e estratégica, ocasionaram uma parada brusca dos aliados na Itália, aquém da referida linha.

A formidável ofensiva aliada, ora em curso neste país, trouxe como primeiro resultado o esfacelamento da Linha Gustav, sem que adiantassem os desesperados esforços dos alemães para defendê-la.

Os primeiros bastiões da "Linha Hitler" já estão diretamente ameaçados pelos aliados. Desta vez, ao contrário do que vinha acontecendo, os próprios nazistas apressaram-se em desfazer qualquer dúvida sobre a segurança dessa posição, chegando a dizer que nunca existiu a *Linha Hitler*.

Diz-se muita coisa a propósito da "muralha defensiva do Atlântico". Talvez os primeiros desembarques aliados, obriguem a propaganda nazista a confessar a inexistência da "Muralha do Atlântico". E isto será o fim de Hitler.

BOMBARDEIO NAZISTA — UM ENORME JACTO DE AGUA SE ELEVA PARA O CEU, AO EXPLODIR UMA BOMBA LANÇADA POR UM AVIÃO NAZISTA PERTO DE UMA BASE AMERICANA NA COSTA ITALIANA. A DESPEITO DOS ATAQUES AERÉOS E DO CANHONEIO INIMIGOS, TANQUES ANFÍBIOS, QUE OPERAM TÃO EFICIENTEMENTE NO MAR COMO EM TERRA, CONTINUAM A TRANSPORTAR SUPRIMENTOS PARA A CABEÇA DE PONTE ALIADA. O EMPREGO DESSES TANQUES PERMITE AOS TRANSPORTES ALIADOS FICAR EM ALTO MAR, FORA DO ALCANCE DA ARTILHARIA INIMIGA. (FOTO DA INTER-AMERICANA)



MUSCULOS E NERVOS

POR

ALUIZIO AZEVEDO

Terminava a primeira parte do espetáculo, quando D. Olímpia entrou no circo, pelo braço do pai.

Havia grande enchente. O publico vibrava ainda sob a impressão do ltimo trabalho exibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por toda a platéia e de todos os lados gritavam ferozmente "Scot! A' cena Scot!" Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduzi m para o interior do teatro um cavalo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé, e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as corotetes pareciam loucas e soltavam grinchos, que ninguém entendia; das galerias trocava um barulho infernal, e, por entre aquela descarga de rã, só o nome do ilustre acrobata sobressaía, exclamado com delírio por mil vozes.

— Scot! Scot!

Olímpia sentiu-se aturdida; o pai, no íntimo arrependia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em levá-la ao circo, mas o méio recomendara tanto q e não a contrariasse... e ela havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquela noite ao Politeama...

De repente, um grito uníssono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais ímpeto; choveram chapéus; arremçaram-se leques e ramalhetes. Scot havia reaparecido.

— Bravo! Bravo, Scot!

E os aplausos recrudesceram ainda.

O ginasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, apertou o corpo, sacudiu a cabeleira arelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio daquela tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de novo a fúria dos seus admiradores, e ele teve de voltar a' cena ainda uma vez, mais outra, cada vez mais triunfante.

Olímpia, entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fixo, os lábios entreabertos, dir-se-ia hipnotizada, tal era a sua imobilidade. O pai tentou chamá-la a' conversa; ela respondeu por monossílabos.

— Querem... vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espetáculo, a moça parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scot, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais famoso era a sorte dos vãos. Consistia em depender-se dele de um trapézio muito alto, deixarse arrebatado pelo espaço e, em meio do trajeto, saltar as mãos, dar uma cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapézio que o esperava do lado oposto.

Cada um destes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scot havia feito já, por duas vezes, o seu vão arriscado; faltava-lhe o ultimo e o mais perigoso. Diferenciava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de largar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapézio fronteiro.

O publico palpitava ansioso, até q e Scot afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao teto.

Cavou-se logo um fundo silêncio nos espectadores. Os corações batiam com sobressalto; todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do artista, que, lá em cima, parecia, nas suas roupas justas de meia, a estatua de uma divindade olimpica. Destacava-se-lhe bem o largo peito, herculó, guardado pelos grossos braços nus, em contraste com os rins estreitos, mais esbeltos que as suas nervosas coxas, cujos músculos de aço se encaixavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos ele segurava o trapézio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranquilamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço na sua cinta bordada e de lanteoulas e deu volta ao corpo.

Ouvia-se a respiração ofegante do publico.

Scot sacudiu o braço do trapézio, experimentando-o, puxou-o afinal contra o colo e deixou-se arrebatado de costas.

Em meio do circo desprendeuse, gritou: "Hop!" deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapézio.

Mas o vão fôra mal calculado, e o acrobata não encontrou, onde agarrar-se.

Um terrível bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, ecoou por todo o teatro. Viuse a bela figura de Scot, um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cair na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes m lheres desmaiaram, em gritos; algumas pessoas fugiram espavoridas, como se houvesse um incêndio; outros jaziam palidas, a boca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguém mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, numa avidez aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem acôrdo e quase sem vida, agonizava por terra, a vomitar sangue. Olímpia, líida, trêmula, estonteada, quando deu por si, achou-se, sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regço, e vergou-se toda sobre ele, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor daquela belo corpo escultural e muscular. E, desatinada, ofegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a bônzea carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a boca no sangue que ele expelia pela boca.

Scot teve um estremecimento geral de corpo, contraiu-se, vergou a cabeça para trás, voltou para a moça os seus lípidos olhos comovidos, agora turvados pela morte, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olímpia, inanimado.



Ilustração de

ORLANDO MATTOS



Era uma vez... Um macaquinho trêfego, buliçoso, e cheio de "temperamentalismo". Vivia lá no Amazonas distante, melhor dito, começava a viver, pulava de galho em galho, soltando os seus assobios estridentes e piscando para todos os encantos que a Natureza lhe mostrava e ele pouco percebia... Um dia — sabe-se lá como! — foi dado de presente a uma bonita "estrêla" de rádio, Rosinha Pagã, havia viajado ao Norte, para cantar e encantar os nossos patricios daqueles lados. Uma fan tomou-se de simpatia pela cantora de olhos cismadôres e cabelos penteados ao alto, de voz bonita e sorriso feiticeiro. Lembrou-se de ofertar-lhe uma prenda, bem regional, sumamente brasileira e nortista. Que melhor presente sinão aquele bichinho divertido, traquina e cheio de encantos? E o presente foi dado. Rosina Pagã sentiu-se desde logo fascinada pelo "bichinho" tratando de batizá-lo. Que nome? "Nico". — Por que "Nico"? — indagamos quando ela nos conta o episódio mais pitoresco dessa viagem ao Pará. — "Porque é parecido com Mico e não é Mico..." Vale a explicação, na falta de outra. Certo, porém, é que Nico nasceu com sorte. Quantos outros macaquinhos ficaram lá pendurados nos galhos das árvores do Amazonas, ao passo que Nico viajou de avião, ganhou uma "patrôa" gentil, come guloseimas deliciosas e mora em apartamento de Copacabana...

NICO E ROSINA SÃO COMPANHEIROS INSEPARÁVEIS. ELE É O CONFIDENTE E A "MASCOTTE", O AMIGO DE TODAS AS HORAS, INCAPAZ DE UMA TRAIÇÃO, SEMPRE SATISFEITO COM A "PATRÔA" E GRANDE AMIGA.



NA HORA DE DESPACHAR A CORRESPONDÊNCIA DOS FANS. NICO É UM PRESTIMOSO SECRETÁRIO E SABE GUARDAR SEGRE- DOS...



UM POUCO DE JOGO PARA DISTRAÇÃO. NICO ESTÁ INDECISO NA ESCOLHA DA CARTA... SERÁ QUE VALE ESTA? OU A OUTRA DE BAIXO?



PRONTO... NICO ESTÁ CANSADO DE JOGAR. VAI DORMIR UM POUCO. E QUE MELHOR BERÇO SINÃO ESTE ONDE PROCURA ANINHAR-SE?



NICO PARECE TER CIUMES... AQUELE TELEFONEMA ESTÁ DEMORANDO MUITO. VAMOS INTERROMPER A LIGAÇÃO? ELE QUER TODOS OS SORRISOS DA DONA PARA SI PRÓPRIO.



Ora UMA VEZ...

A VOZ DA DONA, PARODIANDO O ANUNCIO
CONHECIDO. ELA ESTÁ CANTANDO LONGE
NA EMISSORA. ELE GRUDA-SE AO RÁDIO ATÉ
TERMINAR O PROGRAMA...



Hoje, Nico é a mascote de Rosina Pa-
gã. Distrái-se, distraíndo-a, quando
ambos jogam cartas. Ajuda Rosina a
despachar a correspondência para os
fans. E quando ela canta, no rádio,
fica embevecido, escutando, escutando
muito...

Nesta páginas, uma série de pôses
feitas especialmente por Nico e Ro-
sina.



Dramática história de um dilema: a força ou o veneno...

— Eu acho...

O inglês interrompeu a palestra para ajudar a moça que viera do convés a acomodar-se à mesa. Depois de vê-la instalada, tornou a sentar-se, e prosseguiu:

— Mas, como eu ia dizendo...

A moça começou a despir o casaco. Ele, novamente, parou, para auxiliá-la.

Finalmente, voltou-se para os outros passageiros. Mas já o alienista ilustre, que voltava à pátria, depois de umas férias na Austria, tomara a palavra.

— Na minha opinião, começou o alienista, o ponto visual da discussão é o seguinte: estará a humanidade atribuindo um valor exagerado à vida humana ou não? Creio que foi em torno disso que se originou a controvérsia.

Era evidente que fôra professor. A sua maneira de falar, já de natural pausada, ainda se tornara mais lenta pelo hábito da cátedra. Tinha uma autoridade e uma imponência que intimidavam e convenciam.

O jornalista ouvia, atentamente, o que ele dizia e, quando ele acabou de falar, observou:

— O senhor quer dizer, professor, que a teoria da sobrevivência do mais forte já está eliminada e que a civilização deveria praticar uma espécie de seleção artificial?

O jornalista evidentemente discordava e mostrava-se disposto a contestar a teoria do outro, porém o alienista, encalhando os ombros, falou:

— Meu querido amigo, eu nada quero dizer, nem digo. Nem é preciso que eu afirme alguma coisa. As conclusões a tirar são evidentes; os fatos falam.

O inglês aproveitou a oportunidade para fazer o comentário que, há muito tempo vinha tentando interpolar entre duas réplicas da discussão:

— Eu, por mim, acho que a questão não é tão geral. O senhor está exagerando, professor. Trata-se, unicamente,

de saber se, em certas e determinadas circunstâncias excepcionais, salvar a vida de um homem é quase um crime.

— Mas meu caro amigo, sobre isso...

O alienista começou, mas não acabou. Uma moça, vestida de branco, entrou na palestra. Sentada perto do capitão, estava um pouco afastada e teve que levantar a voz.

— Mas, meu caro senhor, o que eu não posso acreditar é em circunstâncias tão especiais que legitimassem um verdadeiro assassinato. Meu Deus, como poderia um bom cristão matar um homem? Sim, porque não impedir que um homem morra equivale a matá-lo, pelo menos, na minha opinião. O senhor não acha que eu tenho razão, capitão? Eu tinha muita curiosidade de conhecer um caso concreto, um exemplo que permitisse julgar se era perdoável ou não o procedimento odioso a que aludem. Sim, porque não vejo como é possível imaginar um tal caso.

— Não há dúvida, replicou o jornalista, lá da extremidade da mesa, interrompendo uma outra discussão que já começara com um advogado americano. Não há dúvida que o respeito pela vida humana, característico da nossa legislação, é, em certos casos, prejudicial.

Talvez, se tivéssemos conservado o costume espartano, de matar as crianças defeituosas, talvez, nesse caso, tivéssemos conseguido, obter nos nossos homens, uma certa dureza, uma força que não temos, de maneira alguma. Não contesto que, caso não tivesse havido uma evolução natural, e nós ainda fôssemos bárbaros, seríamos mais felizes, nossa digestão se faria com mais facilidade e nossos nervos estariam em melhores condições. Isto tudo é muito justo, não há dúvida. Talvez mesmo o tão falado "mal du siècle" nem tivesse existido, é possível que as preocupações espirituais, absorvidas pelas preocupações materiais, nem mesmo nos tivessem vindo pertur-

bar. Mas ao mesmo tempo, quanta perda acarreta a eliminação disso tudo, trabalho de séculos de refinamento e civilização. Quando nos desfazemos de certas qualidades de rudeza e força, ganhamos, em troca, uma série de qualidades opostas, mas não menos, se não forem mais, valiosas. Não serão tão heróicas, nem tão másculas, porém serão mais belas, e, no final de contas, mais humanas. Creio que, em época alguma, a vida humana teve tanta importância quanto agora. A morte de um homem é punida por leis tão reveras que nem os tribunais, cuja impunidade é garantida, ousam condenar à morte, sumariamente, excetuados casos muito especiais.

O advogado, que se sentara ao seu lado, limpou os óculos, com o lenço e deu a sua opinião:

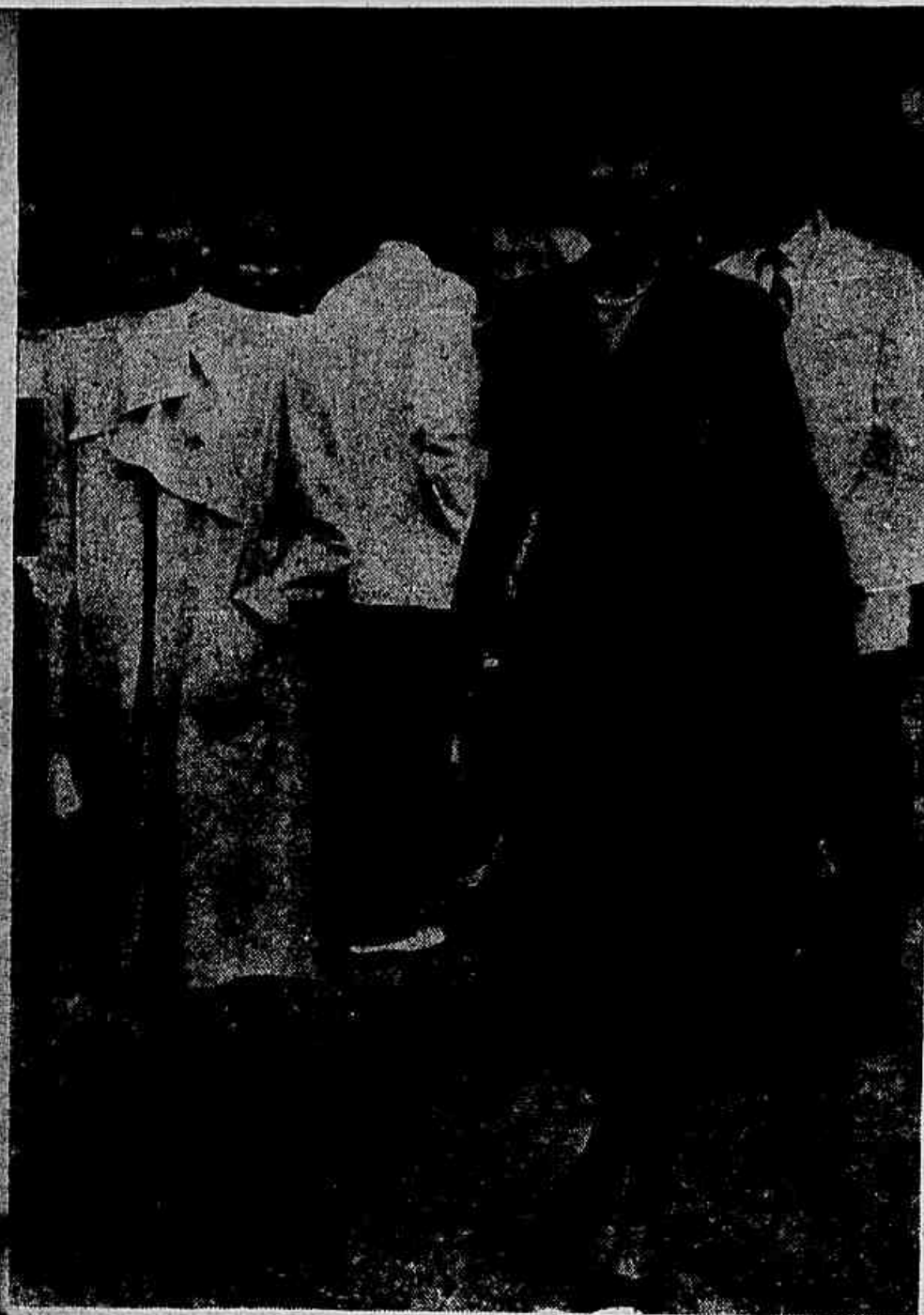
— De acordo, de acordo. Entretanto, se bem que seja muito belo e honroso

tomar o ânimo selvagem do homem e ter como consequência um certo respeito pela vida do próximo, como se essa fosse sagrada, respeito esse que foi infundido pela educação mesma, baseada nos princípios de solidariedade e amizade mútua, se bem que tudo isso seja muito meritório e a hesitação ante a pena capital não deixe de ser louvável, apesar de todas essas considerações, creio que há um ponto vital que não foi ainda salientado e que o merece, pois é de suma importância. A coisa parece que se está tornando mórbida... Esse respeito pela vida humana, não sei por que contradição, está causando verdadeira epidemia de grandes criminosos que recebem a simpatia e amizade do povo; tudo para dar vasa a esse sentimento de selvageria, contido pela força da educação, dos preconceitos, do medo mesmo da punição, no caso de se infringir a lei.



UM CASO DE CONSCIÊNCIA

Conto de ELLEN GLASCOW
(Adaptado especialmente para a REVISTA DA SEMANA)



JOCKEY CLUB MUNDANO

Novas e inéditas sensações para os aficionados do "turf", ofereceu em abundância a reunião de domingo do Jockey Club Brasileiro.

Além de grande acontecimento esportivo que foi sem dúvida esta tarde turfística, o "meeting" tomou também o aspecto de brilhante festa social, a qual não faltou a graciosidade inigualável das nossas "turiwoomen".

Os flagrantes que aqui reproduzimos foram colhidos no hipódromo da Gávea durante esta tarde maravilhosa.



ODILON

HOJE, é mais conhecido apenas por — Odilon. Esse é o seu grande cartaz no teatro. Mas, antes de iniciar sua carreira de palco, guiado pela mão do saudoso Leopoldo Fróes, ele foi advogado, jornalista e escritor. Sim, escritor, e, o que é mais interessante, romancista! Nada menos de cinco volumes editou, até o ano de 1932: *Macéas*, *Casa de Comodos*, *A Mulher do Promotor*, *O 3.º Sexo* e *Ainda existe o amor?* este, um romance dedicado, como se poderia lêr no frontispício, “à grande artista Dulcina de Moraes”. Um esclarecimento: Dulcina ainda não era a esposa do criador, no Brasil, de Cesar de Bernard Shaw. Outros livros anunciados, *Naiukiá* e *As linhas tortas do destino*, não chegaram a sair porque as atividades do ator prejudicaram as do autor. Aqui está, ao lado, um trecho de *Ainda existe o amor?*, justamente aquele que procura justificar a razão do título. (Não esquecendo nunca ter sido o livro dedicado a Dulcina). E afinal dōze anos transcorridos da aparição do romance, não é nada máu conhecer a opinião do autor sobre assunto de tão magna importância.

— Ainda existe o amor?
— Ora, que pergunta! Claro que existe. Então se pôde viver sem o amor?!

— Sim. Eu bem sei que não se pôde viver sem ele. Mas eu não e refiro ao amor atração fisiológica dos sexos. Eu me refiro ao amor — amor de verdade. A'quele amor antigo, que era como que o fatalismo irretorquível de duas almas uma para a outra; uma irmanada á outra. Fatalismo que só um obstaculo seria capaz de impedir que se realizasse na vida — a morte! Fatalismo, cujo maior simbolo se personifica na divina tragédia de Romeu e Julieta. Ora, o que eu quero dizer é o seguinte: hoje, por exemplo, deve haver por aí muitos casos semelhantes ao paradigma Romeu e Julieta: dois jovens, que se gostam, querem casar, mas encontram oposição para a realização desse desejo por parte dos pais de um dêles ou por parte dos pais de ambos. A jovem é levada por sua família para uma estação de aguas, para a Europa, para um lugar qualquer onde ela possa divertir-se, longe do jovem, afim de esquecê-lo. E aí, num logradouro elegante, onde ha o tennis, o golfinho, golf, os passeios a cavalo, as festas e o *flirt*... aí, em dois tempos, a moderna Julieta, tendo na alminha o utilitarismo e o superficialismo que presidem os menores movimentos da humanidade de hoje, em dois tempos esquece o jovem amado... Quanto ao Romeu, o apaixonado jovem, consequentemente afastado da sua deusa, daquela cuja ausência não suportaria um dia, o Romeu seculo-televisão, esse nem se fala, esquece-a em um tempo, em um abrir e fechar de olhos... Isto é o que eu quero dizer, meu caro: aquela constância inquebrantável do amôr-alma de outróra, pst, foi-se. Hoje tudo passa fuzilando, como os aeroplanos, os automoveis, os submarinos... A alma não se usa mais. E' por isso que não ha mais aquêl amor de antigamente. Antigamente, no amor, havia a hipertrofia da alma e do coração. Hoje, a epiderme está dominando; ela é que está de cima, é que comanda. Estamos na época da epiderme. Não faça essa cara feia, que é isso mesmo!

— Pois eu não sou da sua opinião. Você me perdôe, mas não sou. Acho que hoje, como no tempo de Romeu e Julieta, tanto existe hipertrofia da alma e do coração, no amor, como da epiderme, para aplicar a sua terminologia, quer dizer: hoje, como no tempo de Romeu e Julieta, existem as duas coisas: constância e inconstância no amôr. Aquêl fata-

ELES TAMBEM

lismo de que você acaba de me falar, que talha, por intermedio do destino, duas almas, uma para a outra — fatalismo irretorquível, insofismável, que só a morte pode destruir, existe tanto hoje como no tempo do nosso istinto amigo Shakespeare. Romeus e Julietas que se teem paixão e que prefeririam a morte si suas famílias não consentissem no seu casamento, existem ainda hoje: Romeus e Julietas que se teem paixão e, impedidos durante anos de realizarem o seu *conjugio vobis*, separados não se esquecem, até que um dia conseguem unir definitivamente seus corpos, já que suas almas sempre estiveram unidas, esses tambem andam por aí, sem que os Paulo e Virginia se lhes avantajem. O que o faz ter essa opinião, meu caro, é que você é “epidêmico” por excelencia; e, não analisandocom imparcialidade as coisas, vê tudo através da sua sensibilidade; julga todo mundo por si. Você não pode ser crítico; os criticos não podem ter sensibilidade. Ou, não se podendo inibir de a ter, devem ter a razão em potencial superior à sensibilidade. Isto, para bem criticarem, com imparcialidade. Quando não, cometerão sempre injustiças como esta que você acaba de cometer para com a alma e o coração dos humanos de hoje: ou para com o amor-amor, como diz você, e que julga hoje inexistente.

Ainda existe o amor? perguntou-me você. Então, para aniquilar essa sua pergunta cética, aliás sardônica, não posso me furtar de lhe contar uma história que se desenrolou, durante cerca de três anos, nesta gloriosa cidade do Rio de Janeiro; história que eu conheço nos seus menores detalhes porque assistí ao seu desenrolar, me dou com os seus personagens todos, sou o tipo do especula e funcionário da policia.

— Gente minha conhecida?

— Não adianta quebrar a cabeça, que você não “capisca” nada disso. Não houve escandalo. Os jornais não conspurcaram esse fato com seu bedêlho malsão. “Gente minha conhecida!” Você está fóra do Brasil desde pequeno! Nunca morou na sua terra; nunca se preocupou, lá na sua Europa, como bom patriota, de saber o que ia acontecendo por aqui, e... pronto. Tenha calma, portanto, e curioso como você é, mais do que eu, não se cansará de ouvir essa história que tem algo de românesco, mas que é real, olarilas, realissima.

— ?

— Está curioso? Dentro de duas horas, no maximo, satisfará a sua curiosidade. Não tem mesmo o que fazer, não é? Si você se cansar, eu deixo o resto para amanhã. Vou aprovisionar nossos copos de mais um whiskysinho... Eu faço questão de lhe impingir a historia toda para responder à sua pergunta sardônica — “ainda existe o amor”? Mas lá vai... A tela está focalizada... Olhe...

(Prefacio do romance AINDA EXISTE O AMOR?)



DO AMOR

Define-se o amor de varias maneiras. Dão-se-lhe mil nomes. Mas que é enfim o amor senão uma grande mentira, que todos pregamos na adolescencia e levamos o resto da vida a confirmar?

O ciúme é o lado mais antipático do amor. Todo ciúme merece desprezo, indiferença.

E' mais pela vaidade de nos enganar do que pela ansia de nos possuir que as mulheres nos amam...

Em toda mulher vive uma deusa, eis porque elas nos parecem sempre indefiníveis. Semente a duvida é o verdadeiro e unico misterio do amor.

O amor não se procura. Acha-se!

—Dia 20 faço anos. Que me vais dar? De ti só tenho tido más lembranças.

—Terás mais uma. Quero ser sempre lembrado por ti.

—Só conheci um homem bom! O que se não deixou amar por mim.

—E' certo que me amas muito?

—E'!

—Então por que me apareces sempre indiferente, descuidado de mim?

—Para provar-te que te amo cada vez mais.

—Haverá dor maior do que a dor de amar?

—A de sentir que se vai deixar de amar. E' tão grande que às vezes para não a suportarmos, continuamos a amar indefinidamente.

—Qual é a diferença que existe entre um homem e uma mulher?

—A que eles quizerem que haja...

—Não achas que o homem que deseja todas as mulheres é o maior dos egoistas?

—Não. Egoista é o que deseja uma só. O que anseia por todas não deseja "uma" mulher, quer momentos das mulheres.

DA VIDA

A individualidade é a auto-modelação. Quem não puder ser o esculptor de si proprio nunca será um confundível.

Em certas creaturas a sinceridade tem um aspecto odioso, enquanto a mentira... deleita. Ha pessoas que nos dão a impressão perfeita de mentiras vivas. São virtuosamente falsas.

SÃO AUTORES

Não trocava o segundo mais doloroso da minha vida interior pela hora mais sublime dessa outra que me oferece o mundo.

Sou tão descrente da vida que me julgaria o mais ridiculo dos homens se não fosse triste.

Quando derramo os olhos por mim mesmo, tenho remorsos... e piedade do mundo.

Não ha virtudes nem vícios. Ha desejos, sonhos, ideais. Encontrar quem os compreenda é ser puro.

Quando um homem chora, concentra-se, comovida, a natureza inteira: a lagrima do homem carrega sempre uma idéa.

O meu visinho é um homem feio e tem uma história infeliz. Mas acha em mim uma graça inenarravel. Assim que me avista, gargalha escandalosamente como um doido. Mal sabe ele que, quando o vejo, se não me rio tambem, é porque penso na sua vida...

Do caderno de um *blagueur*. — Haverá sentimento mais corriqueiro do que a sinceridade? Um homem sincero NUNCA PODE ser original. Só a hipocrisia é criadora.

A vida é a apparencia sedutora. Por isso todos nós, ainda nos gestos mais violentos, devemos estar sempre com o espirito encasacado.

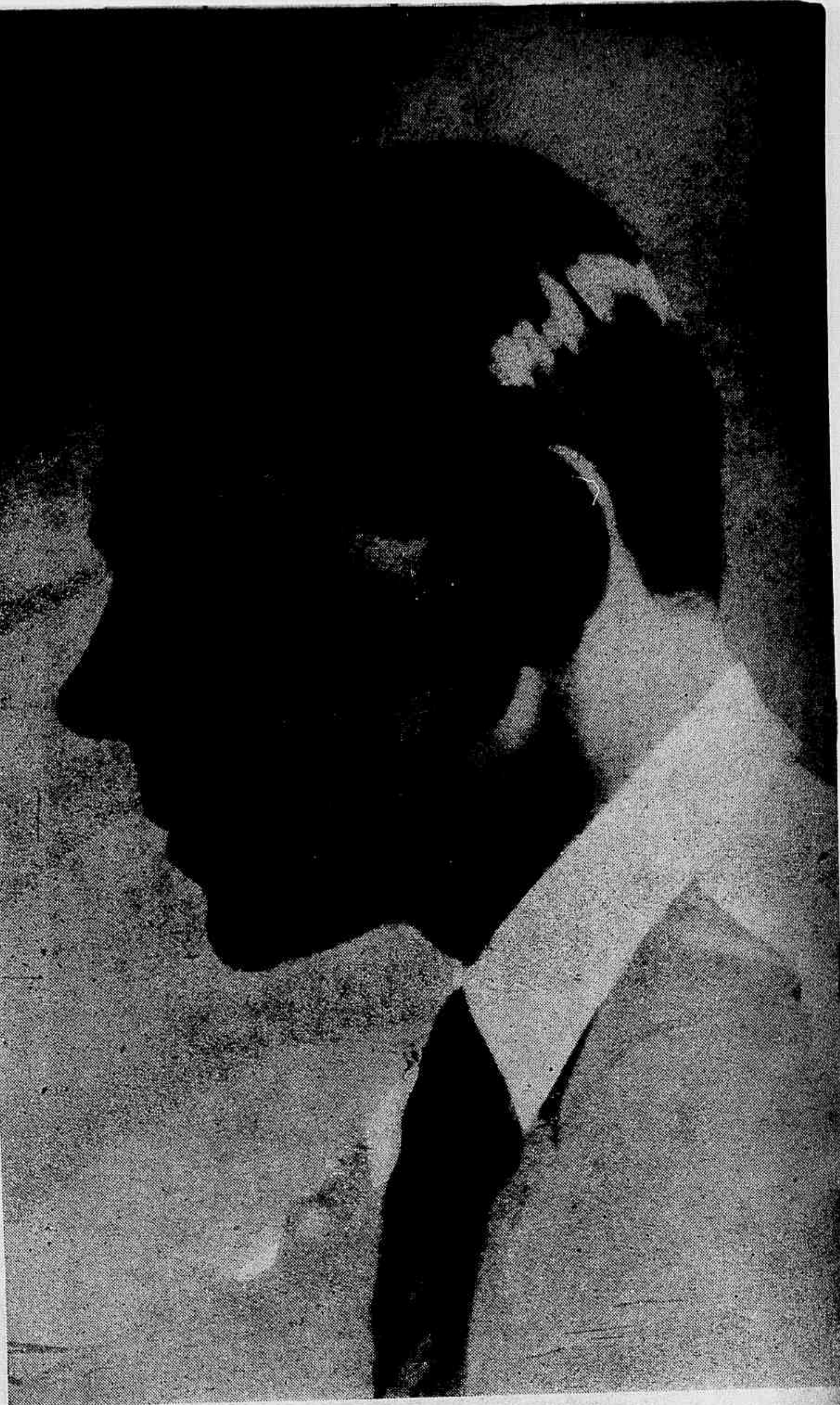
Para que a dôr seja uma purificação, é mistér que o homem possua o seu vasto conhecimento. Não sendo assim, ela será fatalmente mais uma razão para que sobre ele desabe o nosso desprezo.

A mulher feia, consciente dessa grande infelicidade, ou é santa ou inimiga do seu sexo.

Sou um descrente da bondade. A nossa bondade não passa de engenhosa maneira de corresponder á vaidade alheia; a alheia... o leitor que conclua. A bondade é a coisa mais postiça da vida ou, melhor, é uma virtude puramente quimerica. O que anda pelo mundo com esse nome é a hipocrisia mais ou menos trabalhada, mais ou menos polida, que temos, todos nós, uns para com os outros.

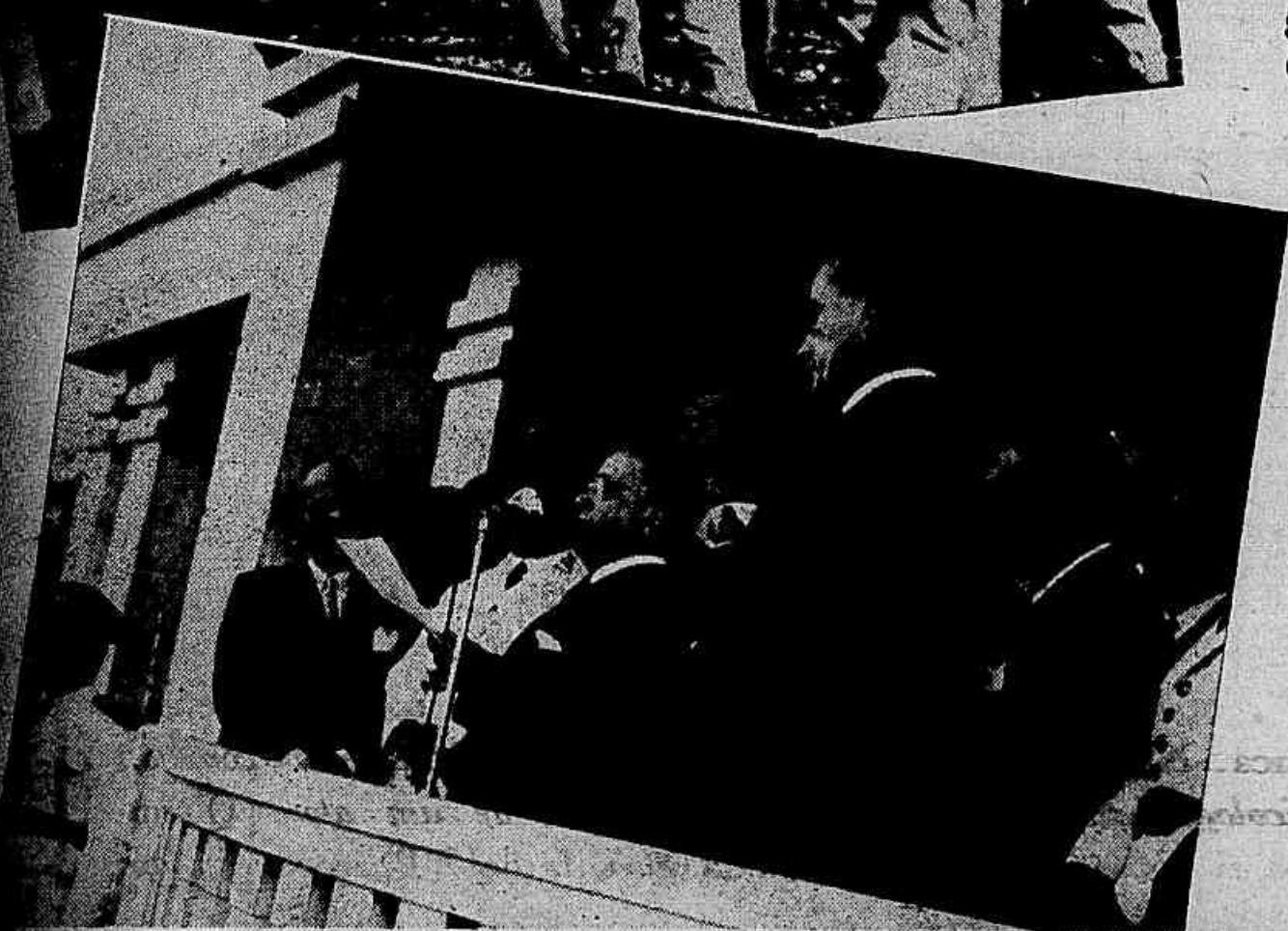
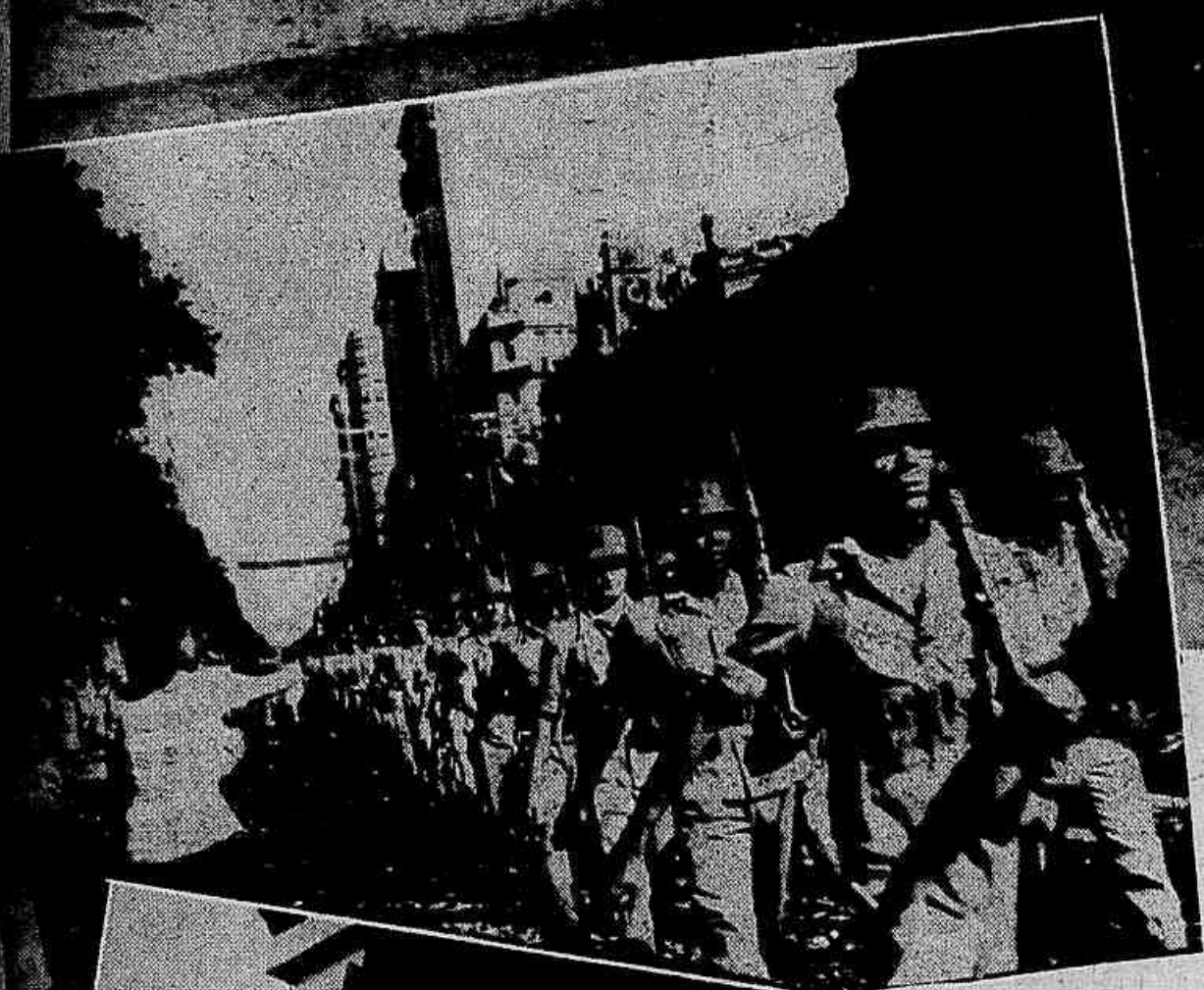
O acaso é a fixação brusca de um desejo de Deus.

(De ARTE DE FAZER GRAÇA)



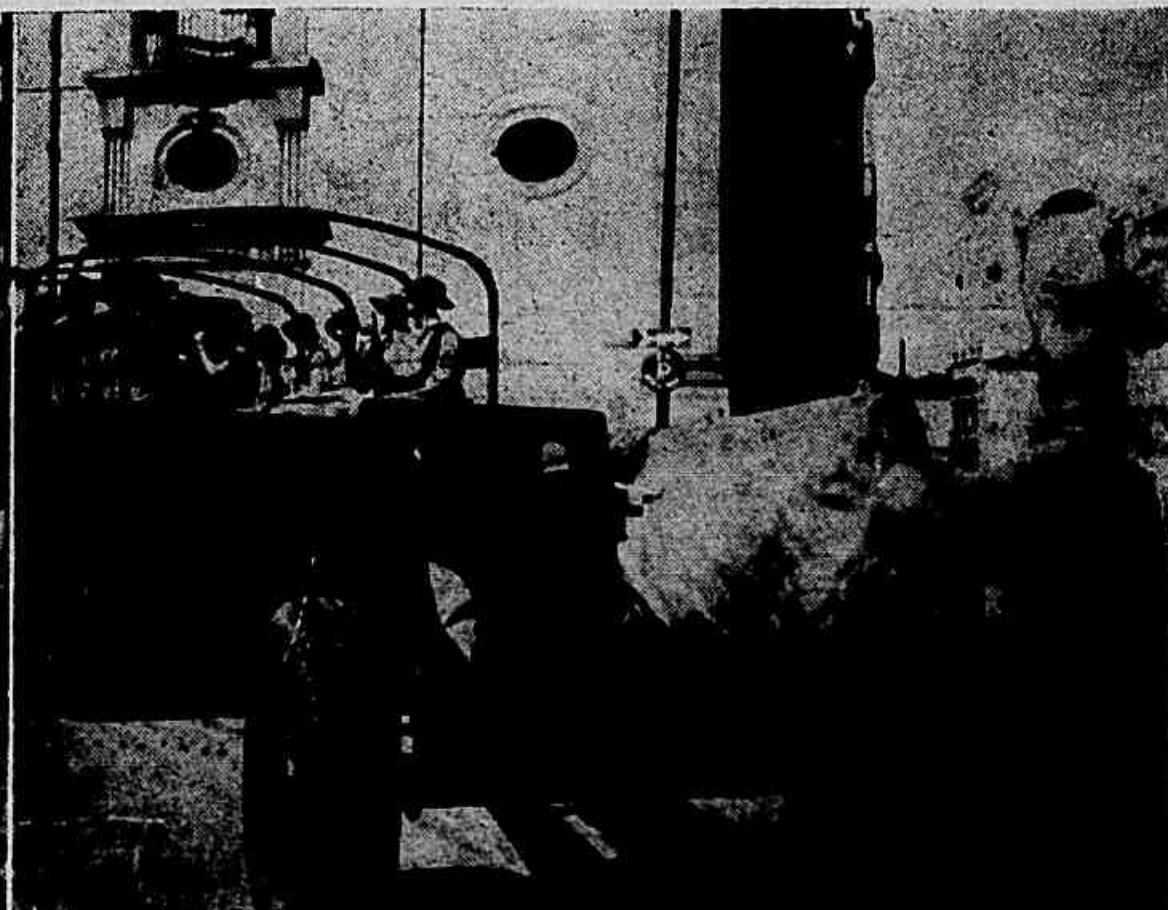
As veleidades de Procopio Ferreira começaram muito antes da sua popularidade no palco. Existem autografos preciosos do interprete de *Deus lhe pague*, datados de um quarto de século, nos quais ele faz suas primeiras incursões literárias, mais ou menos quando Viriato Corrêa lhe confiava o seu famoso papel de Fogueteiro na *Juriti*. Mas só mais tarde, em 1925, Procopio fez editar o seu livro — *Arte de fazer graça* — tiragem hoje esgotada. Tambem o autor prometia, "para um dia", no prefácio, outros livros destinados a não aparecerem nunca. Nada menos de quatro: *Titans*, *A tragédia de um comico*, *Psicologia da popularidade* e *Indiscrições de um ator*. Quem sabe si virão a sair a lume ainda mais tarde? Procopio, já foi dito, é ainda maior artista na vida real, na quietude do seu gabinete, nas rodas intimas, que mesmo no palco, onde é notavel. E desde que se fala de amor nesta página, é tambem curioso saber o que pensa, ou pelo menos pensava no ano da graça de 1925, sobre o delicado tema, esse grande Procopio que muito tem amado, sofrido e vivido... Resta saber si nesta fase da existencia, seus pensamentos ainda são os mesmos...

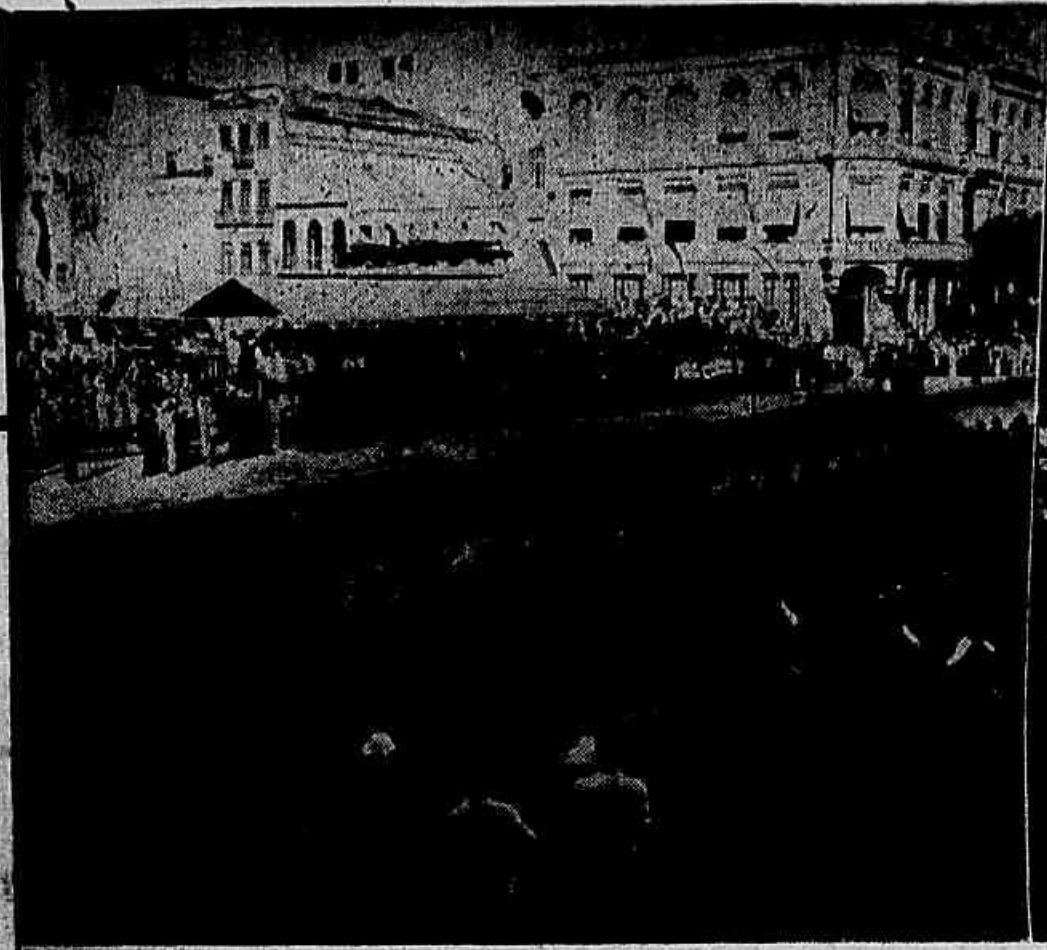
PROCOPIO



O ADEUS DO EXPEDICIONARIO

A cidade viveu horas empolgantes na tarde de 24 de maio, com o segundo desfile da Força Expedicionária Brasileira pela Avenida Rio Branco. A população carioca soube prestar mais uma significativa homenagem aos bravos patriotas. Foram momentos de intensa vibração patriótica as que o Rio conheceu, aplaudindo a tropa que estava levando, breve, a contribuição efetiva e real do Brasil à campanha em que se empenham as Nações Unidas para o esmagamento das potências totalitárias. Des-

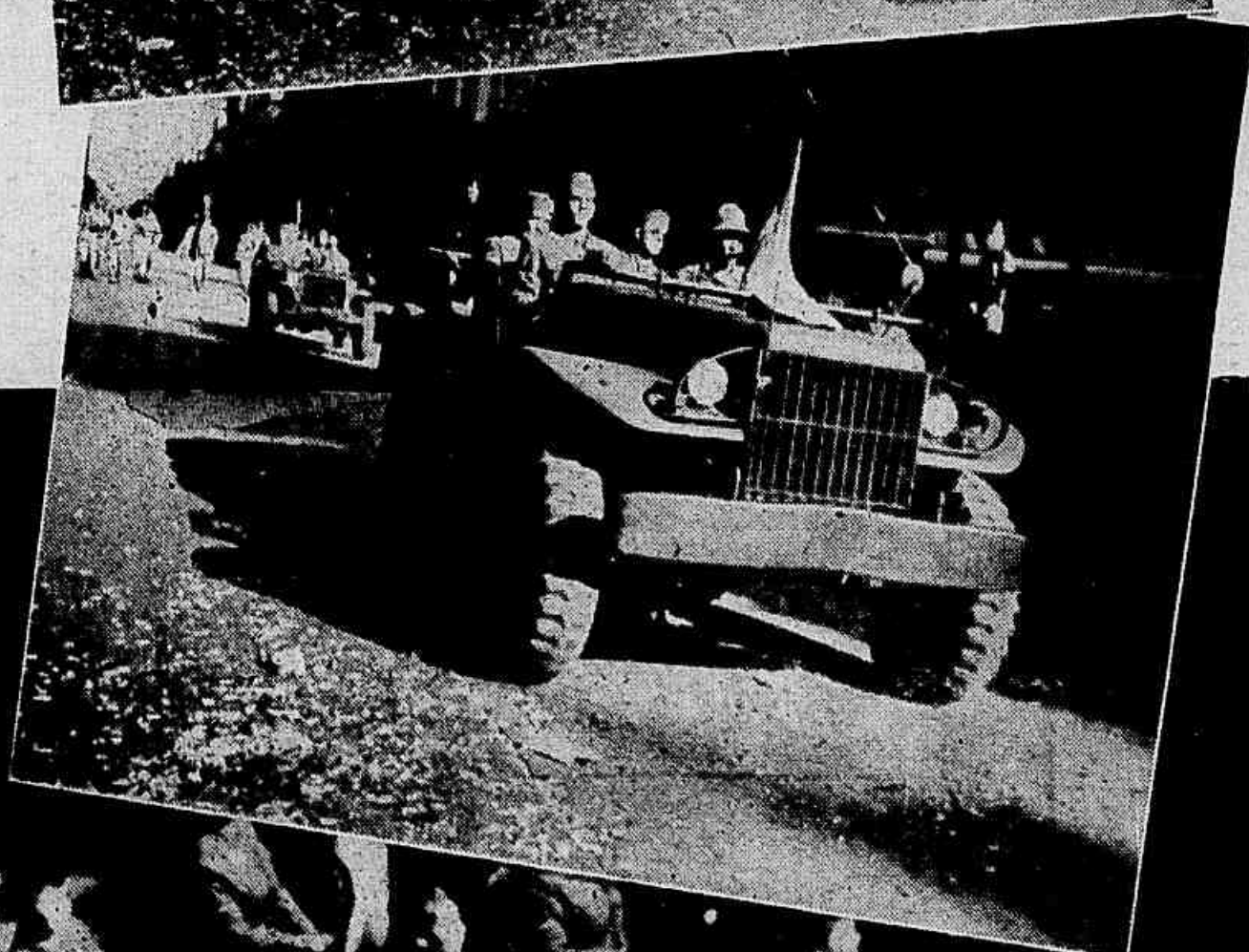
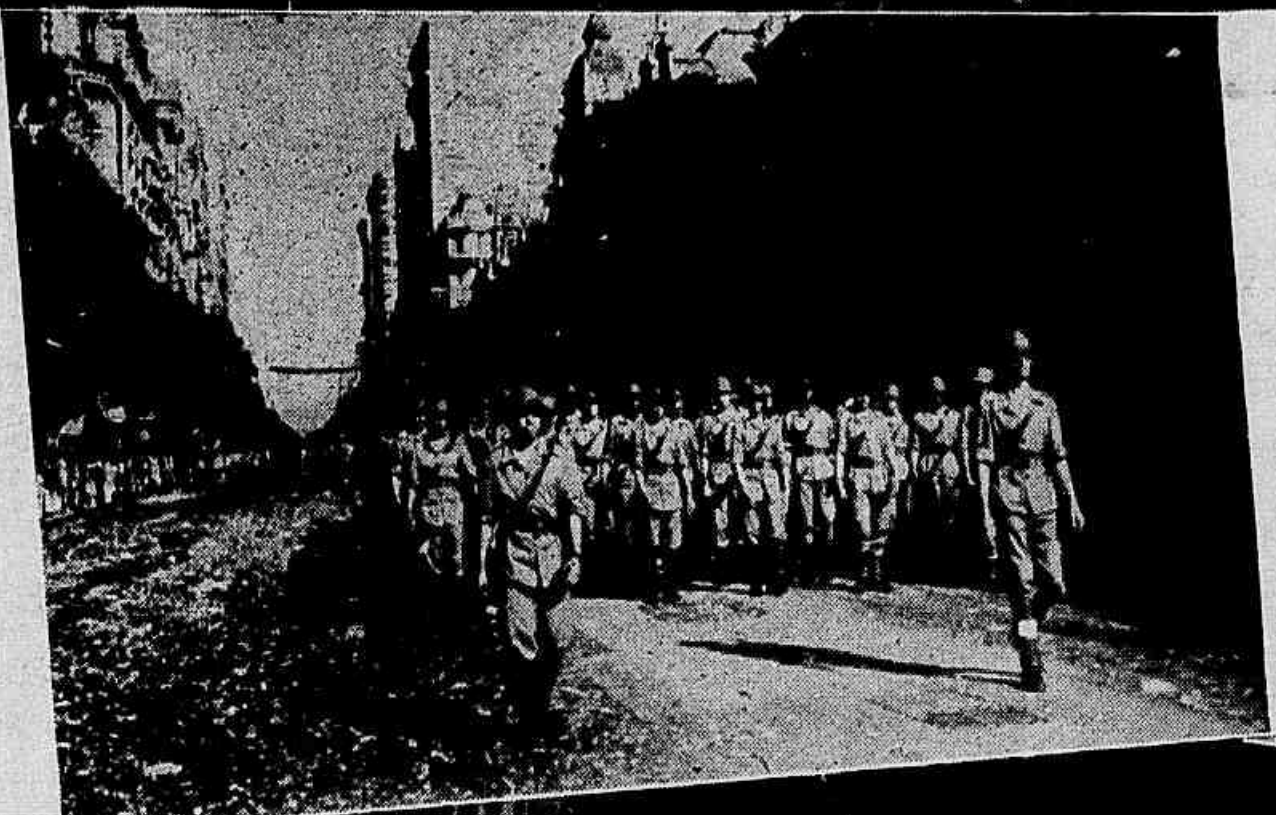




Imbrante sob todos os aspectos, a nossa principal artéria na glorificação ao soldado do Brasil, através dos aplausos de uma imensa multidão e das chivas de "confetti", que se viam cair das sacadas dos mais altos edifícios, cujas janelas estavam enfeitadas. Tudo fazia lembrar o que de mais apoteótico, nesse particular, temos conhecido através dos filmes cinematográficos, quando a Quinta Avenida, em Nova York, rende homenagens semelhantes aos seus ídolos.

São aspectos dessa tarde inesquecível que reunimos em nossas páginas, como recordação de mais uma pública manifestação de repulsa ao despotismo totalitário que tentou eliminar a civilização democrática.

A Avenida viveu um de seus dias maravilhosos. Marcado o desfile para as 14 horas, desde o meio dia apresentava um movimento excepcional com suas calçadas literalmente tomadas pelos populares e famílias. Os edifícios estavam engalanados, com bandeiras e flamulas com legendas patrióticas. Delegações de todas as associações de classe, representantes escolares e de numerosas outras instituições também compareceram. O palanque oficial foi levantado no cruzamento da Avenida Rio Branco com a Avenida Presidente Vargas mas, antes, o presidente da República pronunciou oportuno discurso na Praça Paris, por ocasião da entrega da bandeira da cidade à Força Expedicionária Brasileira.





NUM CAMPO ESPESINHADO DA POLONIA — BEM NAS IMEDIAÇÕES DE VARSOVIA, ONDE, LOGO AO ALVORECER DA GUERRA, OS TACÕES NAZISTAS ENCONTRARAM “AMBIENTE” PARA SUAS DEPREDações, REPETIRAM-SE FATOS HISTÓRICOS DESTA NATUREZA: UMA POBRE MÃE, AO PROCURAR FUGIR DOS INVASORES, LEVANDO EM SUA COMPANHIA A FILHINHA QUERIDA, FOI MORTA PELAS BOMBAS DE UM AVIÃO GERMANICO. ÉRA O MOMENTO DAS DEBANDADAS EM MASSA, QUANDO AS MULTIDÕES DE RETIRANTES SE ESPALHAVAM PELAS ESTRADAS, QUE OS APARELHOS NAZISTAS METRALHAVAM A CADA INSTANTE, SEM RESPEITAR VELHOS, MULHERES NEM CRIANÇAS. TODOS OS QUE SE SALVARAM DA DEVASTAÇÃO SEGUIRAM SEU PERCURSO COMO LHEIS FOI POSSIVEL FAZÊ-LO. SÓ A MENINA ALÍ FICOU EM PRANTO, AS MÃOSINHAS ABERTAS, A ALMA DILACERADA PELO ESPANTO DAQUELE QUADRO IMPREVISTO. QUE VAI SER DESSA POBRE CRIANÇA DESDE HORA TÃO TRÁGICA? ONDE ESTARÁ AGORA, TANTO TEMPO PASSADO? SÃO ESSAS “AÇÕES PROTETORAS” DOS FACINOROS DE HITLER QUE OS SOLDADOS DAS NAÇÕES UNIDAS ESTARÃO VINGANDO, NA HORA DA INVASÃO.

A "PROTEÇÃO" DE HITLER NA POLONIA

E' NA PESSOA DESSE HEROICO FOTÓGRAFO AMERICANO, JULIEN BRYAN, QUE A PEQUENA ORFÃ POLONESA ENCONTRA AMPARO NAQUÊLE INSTANTE DRAMÁTICO. ÉLE A CONSOLA, EMBORA NÃO VENHA A ENCONTRAR FACILMENTE PALAVRAS DE ESTÍMULO E ENCORAJAMENTO. A MENINA PERDEU TUDO QUE A VIDA PODIA RESERVAR-LHE — OS PAIS, OS IRMÃOS, A CASA ONDE MORAVA, TAMBEM DESTRUIDA PELOS VANDALOS. CÊNAS SEMELHANTES, REPRODUZIRAM-SE AOS MILHARES, EM TERRAS DA POLONIA E DAS OUTRAS "PROTEGIDAS" PELOS "HEROIS" NAZISTAS.



CONTINUA

JULIEN BRYAN é um dos grandes fotógrafos da guerra atual. Encontrando-se na Europa ao deflagrar dos acontecimentos de 1939, poz-se em campo, com a sua câmara em punho, fixando os mais trágicos e tenebrosos flagrantes que ainda se imprimiram no celulóide. Alguns vão reunidos nestas páginas, aspectos que dizem, numa eloquência macabra, tudo o que de tétrico se vem passando na Europa ocupada, sob o pretêxto da "proteção" dos soldados de Hitler, cujo dogma é o de matar, matar sempre, em qualquer hipótese. Posteriormente, Julien Bryan visitou o Brasil, fotografando e filmando coisas nossas que os jornais norte-americanos e os estúdios cinematográficos apresentaram. A ação dos correspondentes de guerra será, mais tarde, realçada como bem merece, porque esses destemidos soldados — militares quanto os que mais o sêjam — expondo-se aos mesmos perigos, correndo o risco das mesmas trágicas consequências, vão até onde os próprios soldados nem sempre conseguem penetrar. Bryan teve de se defrontar com os fanáticos de Hitler e seus censores que lhe espatifaram uma das máquinas fotográficas, embora grande parte de seu material, colhido ao vivo, nesses tranzes amargos, já estivesse, então, salvaguardado. Nesta página dupla — cena de execução em pleno centro de Varsóvia, posta em prática pelas autoridades alemãs. Três homens do povo viram-se acusados da pra-

tica de "sabotage", só porque no sólo da propria pátria se revoltaram contra os inimigos comuns. O castigo — para servir de exemplo — foi esse que nos mostra o "cliché", enforcamento em praça pública, onde os cadáveres ficaram expostos durante uma semana, tendo cada qual, pendurado ao pescoço, um pequeno cartaz com dizeres humilhantes. De lado, um oficial nazista assiste de fisionomia impassível, mesmo serêna, àquêle belo espetáculo, tão de acordo com a sensibilidade do povo alemão. À direita, distingue-se um fotógrafo levando a máquina ao rosto para fixar também esse documento histórico. . . Mas todas as chapas foram requisitadas, mais tarde. Só mesmo usando de um ardil mais que astucioso, a cópia desta cena poudeser divulgada em publicações europeias e norte-americanas.

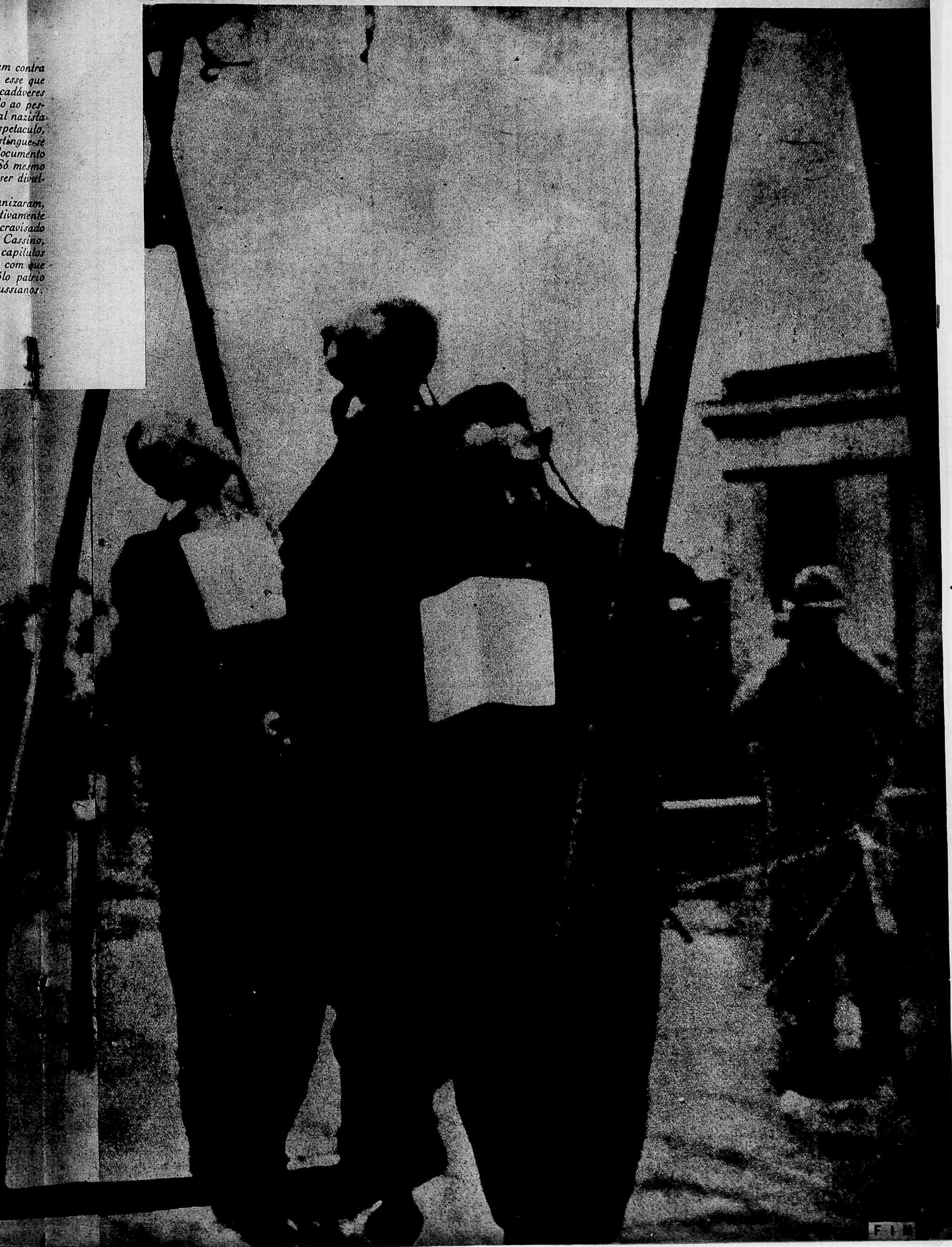
E' para vingar essa nefasta obra de vândalos que se reorganizaram, em terras inglesas, os exercitos polonêses, um dos quais já está ativamente participando da campanha da Italia. O pavilhão do heroico e escravizado povo foi dos primeiros a ser içado no tópo das ruínas do Monte Cassino, mas isso foi apenas o principio. E recapitulando tão edificantes capitulos que a Historia pouderecolher desse setembro de 39, é facil avaliar com que sede de vingança os bravos polonêses vão, agora, reconquistar o sólo patrio libertando a sua gente e expulsando até o ultimo dos "protetores" prussianos.



CENA DE EXECUÇÃO
DE TRÊS INOCENTES
CIDADÃOS POLONÊ-
SES, REALISADA EM
PLENO CENTRO DE
VARSOVIA, PELAS AU-
TORIDADES DA ALE-
MANHA INVAZORA.

m contra
esse que
cadáveres
o ao per-
al nazista
petáculo,
stingue-se
ocumento
só mesmo
ser divul-

unizaram,
tivamente
cravado
Cassino,
capitulos
com que
lo patrio
ussianos.





AINDA existe lugar, neste mundo, para uma poetisa? Ainda se lêem poemas nos dias que estamos vivendo? Talvez. Ou melhor: quando sejam realmente poema no estilo destes de Adalcinda — uma poetisa da terra dos Marajós, traduzindo sua sensibilidade de artista em frases simples e sinceras — deve existir lugar para eles. Adalcinda está no Rio. Veio do Pará. Nossos leitores devem interessar-se e conhecê-la através destes seus dois poemas.

Ato de Esperança

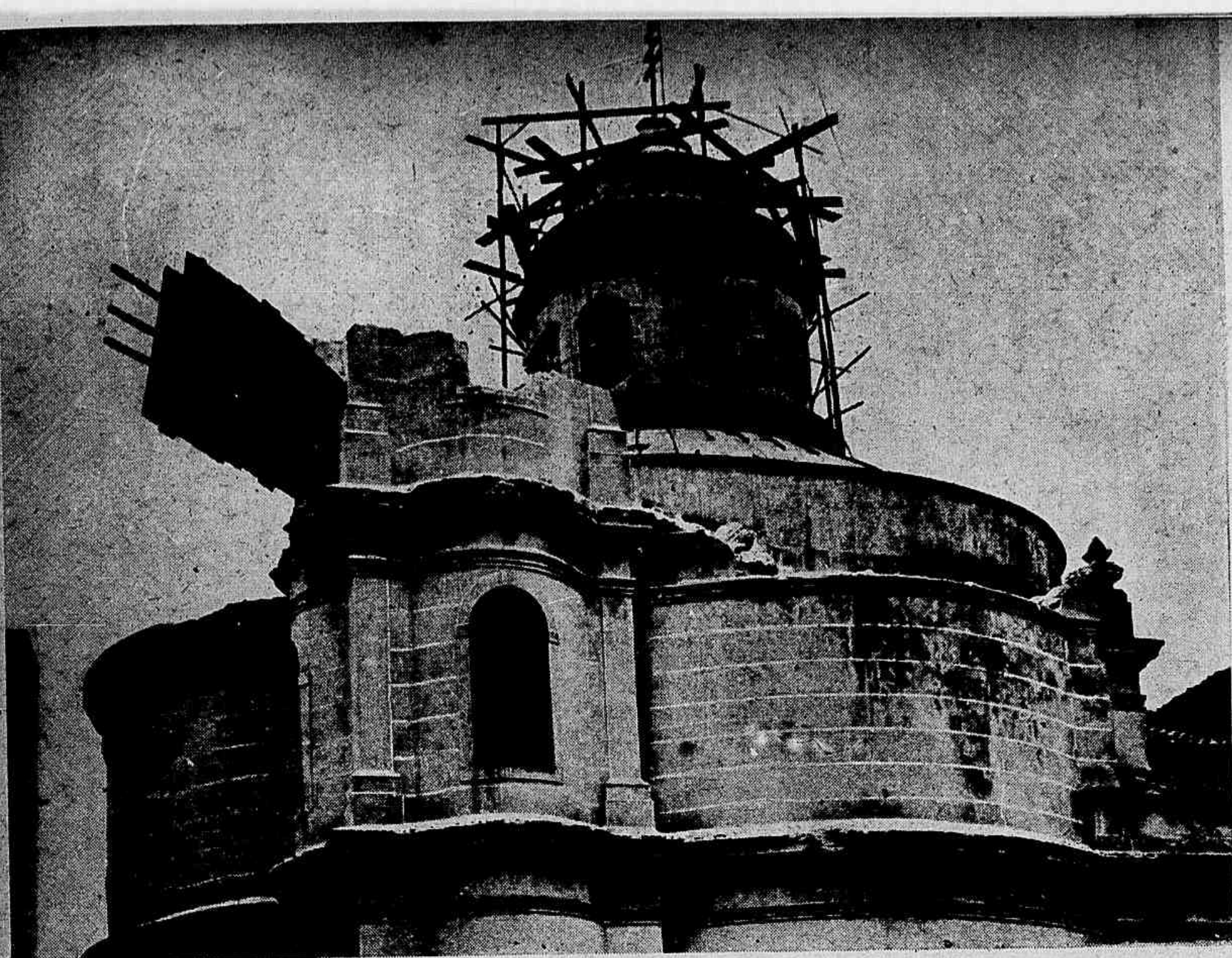
Quero vêr os meus pobres!
Quando eu ía para a Escola e eles acordavam
pelos bancos sujos do Jardim de Palacio!
Quero vêr as crianças que me pediam a bênção,
raquiticas, batendo os tamanquinhos gastos
pelos degraus do monumento de Gurjão!
Quero vêr os leprosos de olhar ambíguo,
escondendo nos bolsos as mãos atrofiadas...
E os mendigos cegos, e os aleijados, e os mudos...
— aquele meu mendigo que se arrastava para me vêr passar,
— os olhos azues e serenos, como o céu do amanhecer!
Quero vêr as mulheres cansadas,
dormindo nas alamedas molhadas
que o sol enxuga com paciência...
— Elas! O olhar pisado e escorrido de lagrimas;
os seios bamboando no vestido rasgado;
os braços mordidos e os cabelos a-tôa!
Quero vêr ainda os boêmios descalços,
quando o dia principia na cidade úmida!
Os ébrios que a custo levantam as palpebras inchadas.
Os filosofes serenatistas do Vêr-o-peso,
secando as vélas irisadas dos barcos
E os soldadinhos tristes, e os fuzileiros navais,
e as operarias caminhando a passos largos!
Quero vêr os presos e os condenados sem esperança!
Quero beijar os pés de todos eles
para adquirir virtude e humildade
e merecer o teu perdão, Senhor meu Deus!...

DOIS POEMAS DE ADALCINDA

EM TROCA DA PAZ DO MUNDO

Vai, Noite! Bebe primeiro um pouco de luar
no fundo das palmas macias dos assaizeiros!
E escuta Deus que está cismando,
ouvindo o choro das mães viúvas...
Vai, Noite! Córta o pensamento d'Ele e péde misericórdia
às criancinhas orfãs e esfaimadas na guerra!
Vai que tudo fará pausa para ouvir
tua voz provinda de profundezas desconhecidas!
Vai, Noite! Sê a amorosa obstinada e fixa.
Vai que Ele está sozinho, agora.
Que importa que te persigam os ventos? Rola com eles
Mistura-te com as nuvens que se embatem.
Arranca estrelas que te atrapalhem pelo caminho.
Corre, corre desassisada!
Não faz mal que as tuas roupas te deixem pela viagem,
que o horario dos astros se altere,
que o Universo fique parado ante a tua nudez.
Vai, Noite!
E com a mesma paixão que procuras o dia,
agarra-te e entrega-te a Ele, Noite!
E nas dobras do céu
dá-Lhe todo o teu amor em troca da Paz do mundo!





ACONTECEU NO RIO

Não fosse aquele andaime da gravura superior e bem poderíamos dar como legenda desta página, mais ou menos, isto: "Flagrantes colhidos após um bombardeio aéreo em qualquer parte da Europa." Os flagrantes, porém, não foram colhidos tão longe, mas aqui perto, pertíssimo do leitor, porque o fotógrafo teve apenas o trabalho de visitar as obras da Avenida Presidente Vargas e bater as chapas frente à derrubada de dois velhos templos caríccas: São Pedro e Bom Jesus. A ilustração, ao alto mostra-nos, de fato, um instantâneo da igreja de São Pedro ao serem iniciadas as obras de demolição, que agora estão bastante adiantadas. A inferior, oferece-nos um aspecto da igreja de Bom Jesus, outrora situada na rua General Camara, esquina de Uruguaiana. Quem desembarcar no Rio, nestes dias de tantas e tão pronunciadas alterações fisionômicas da cidade, ha de surpreender-se com esses transitorios e inéditos flagrantes que lhe surgem a cada passo. Dos varios templos que a abertura da Avenida Presidente Vargas fêz imolar, só resta agora o da Candelaria, o único que poud resistir à picareta por inexorável determinação do Progresso... Enquanto no Velho Mundo chapas fotográficas desse estilo traduzem a obra nefanda de destruição que a guerra originou — pelos nossos lados as coisas passam mais afortunadamente, significando apenas a crescente e incalculável evolução da metrópole. Nem aviões despejando toneladas de dinamite, nem mortandade provocada pela sanha do inimigo, mas apenas a obra construtora e sempre louvável do brasileiro procurando fazer face à evolução do sólo patrio e fazendo crescer para os lados e para cima a cidade que o poeta Olegario Mariano, muito antes do advento do rádio, já classificava de Maravilhosa...

De qualquer modo, a documentação fotográfica recolhida pelos reporteres de nossos dias será, em tempos vindouros, preciosíssima. E quando a grande artéria que hoje se rasga desde a Praça Onze até o mar estiver convertida numa realidade completa, é que esses instantâneos fotográficos hão de ter mérito maior. O mérito das reminiscências, da saudade.

E então, como sempre, ha de existir quem diga:

— Aquilo sim que era tempo bom...

♦

Está sendo mesmo, leitor? Você acha?

Joe.





Capinha para meia estação

**CALCULADO PARA CRI-
ANÇA DE 2 1/2 ANOS**

Material — Sete novelos de lã meio grossa em cor branca. Agulhas n.º 1 1/2, três botões de nácar, grandes e chatos.

Pontos empregados — Santa Clara — ponto sempre direito. **Fantasia:** 1.ª carreira — direito; 2.ª carreira — avesso; 3.ª carreira — * direito, subir a lã e passar os três seguintes sem tecer, tirando

os de cima até em cima, baixar a lã e * 4.ª carreira: todos os pontos do avesso; começa novamente e na 3.ª carreira, em vez de fazer 3 p. direitos, se tira sem fazer, com a lã posta pela frente e se tecem os 3 p. que se seguem.

Se alterna constantemente essas duas carreiras.

Execução: Para a frente do lado direito se colocam 90 p. que se tece durante 10 carreiras em Santa Clara, continuando com 12 desses p. ao principiar a carreira e o resto em fantasia, tomando 2 p. juntos cada 10 carreiras, no lado contrário à guarda. Quando tiver 190 carreiras, se arremata do lado dos aumentos, 1 vez 5 p. e 5 vezes dois juntos, ao mesmo tempo que do outro lado se arremata os 6 pontos do centro da guarda, para formar a casa, pontos estes que se repõem na carreira de volta. Se repete as casas por três vezes, com 16 carreiras de distância entre si.

Do outro lado, quando se termina de arrematar a cava, os últimos 10 se tecem em Santa Clara, e quando tiver 40 carreiras se arremata para o decote: os primeiros 17, carreira por meio, 5 vezes 2 p. juntos. Quando tiver 58 carreiras no p. Santa Clara se arremata 27 p. em 3 vezes, de 9 p. por vez e carreira por meio dos restantes. Se faz a frente esquerda da mesma forma, em sentido inverso e sem casas.

As costas leva 170 p. tecidos como a frente, com diminuição de 2 p. juntos nas pontas de cada 10 carreiras. Chegando à mesma altura da cava, que na frente se toma carreira por meio, 7 vezes os dois p. da beira juntos e se continua às cavas em p. Santa Clara, sobre 10 p. até ter 58 carreiras. Se arremata todos os pontos.

As mangas: Começar cada uma com 58 p. e depois de 10 carreiras em Santa Clara se segue com o outro ponto, aumentando 1 p. de cada lado até ter 110 carreiras tecidas. Se arremata de cada lado 5 p. e se continua tomando os dois de cada ponta. Quando fiquem só 30 p. se arremata de uma vez. Sobre cada frente se faz duas pregas sobre o avesso, cosidas a máquina, que tomem 7 p. cada uma.

Nas costas, faz-se 4: 2 de cada lado dos 8 centímetros centrais.

Cosem-se os ombros e os lados, e em redor do decote se levantam os p. para tecer 10 carreiras de p. Santa Clara. Se arremata os pontos. As mangas se cosem com um pouco de enchimento.

O capuz: Com 150 p. tecidos durante 10 carreiras em p. Santa Clara, e logo 66 do outro ponto se arremata e se cose dobrado em dois, tomando-se a ponta que não tem p. Santa Clara. Se faz uma prega de cada lado, a 5 centímetros de distância da costura.

Se levantam então os pontos desse lado da ponta, incluindo as guardas de p. S. Clara dos dois lados, e se tecem 10 carreiras sempre do direito. Se arrematam os p. Coloca-se sobre a parte interior do decote, as beiras com pressão para poder tirar.

Os bolsos com 32 p. cada um e 10 carreiras de elástico.

Se continua com o outro p. menos nos 5 primeiros e últimos que segue no mesmo, e na 20 carreira torna-se a tecer como no princípio em todos os pontos, com Santa Clara e se arremata. Se aplica e cose-se dos três lados.

A NOSSA EDIÇÃO DE ANIVERSARIO

Quando a *Revista da Semana* completou, a 20 de Maio último, o seu 44.º ano de existência, já havia a redação intensificado o preparo da edição comemorativa do grato acontecimento; entretanto, por motivo de força maior, esse número circulará a 17 do corrente.

E' uma edição especial, ampliada e colorida, não obstante as restrições do momento. E custará Cr\$ 5,00 em todo o Brasil, podendo ser vendida também pelo serviço de reembolso ou vale do Correio.

Redação: Maranguape, 15 — Rio.



Então, "páu" neles!

DJALMA MACIEL

Uma folha de papel grande; ao centro, dividindo-a, um risco vertical. Na margem esquerda apontam-se os bons empreendimentos radiofônicos; a direita, os más. Depois, somam-se as duas colunas — e a da direita é forçosamente maior! Outra folha e outro risco: — a esquerda as iniciativas dignas de apreço, surgidas de um ano para cá; no lado oposto, tudo que se possa lembrar de detestável criado aos microfones da cidade em igual prazo. De novo a soma e mais uma vez constatada a superioridade exequível da direita! Idênticos confrontos sobre os valores individuais do canto, do instrumental, do rádio-teatro e da direção artística, apresentam resultados semelhantes; Mas, apesar disso, continuamos a escutar que o rádio carioca nunca esteve tão bom, tão decente, tão progressista... Primeiro, era uma voz ou outra, que se levantava, de vez em quando, para jurar a deslavada mentira. Hoje, no entanto, um punhado de vozes proclama em unísono, aos quatro ventos, incessantemente, a falência do bom senso e da crítica. Tivesse eu mania de perseguição e acabaria acreditando num complot...

Cita-se o que há realmente de bom mas ninguém fala no crescimento da burrice. E a camaradagem do silêncio também acoberta a existência, ou para dizer melhor, a persistência da mediocridade. Vamos admitir que o rádio tenha efetivamente melhorado em todos os seus setores; que os grandes artistas pululem aos microfones como tiririca em capinzal; que as orquestras atinjam a perfeição em matéria de repertório e segurança interpretativa; que os diretores artísticos se encheram de bom gosto; que a publicidade patrocinadora compreendeu e desistiu do ridículo de suas exigências. Vamos supor tudo isto, para perguntar mais a vontade se essas fantásticas melhorias justificam que se deixe solta, lambendo-se de satisfação, a incompetência e a má fé. Elogiar, por exemplo, sistematicamente, os programas de Almirante e Paulo Tapajós, da Nacional, não impede que se reconheça e proclame a semgracice do Barbosa Junior. Contratando Alice Ribeiro para uma série de audições de música de classe, e a Mayrink Veiga tera justificado, por acaso, a exibição da dolorosa decadência humorística do sr. Lamartine Babo? O Rádio Clube do Brasil extinguiu o pernosticismo do sr. Altanir Ferreira só com o assinar compromisso para apresentação da grande Orquestra Sinfônica Brasileira? Que relação existe, por outro lado, entre a organização artística do Programa Carlos Gomes e as palhaçadas do sr. Ribeiro Martins, no "baile" da Cruzeiro? Não se pode elogiar o Eduardo Browne sem elogiar, também, as tolices românticas do seu colega Luiz de Carvalho?

Perante uma instituição composta, exclusivamente, de azêmolas, seria natural alçar os ombros e deixar o barco correr. Mas e se o rádio melhorou mesmo — hum! — agora, então, é que se deve, como nunca, aperfeiçoar os que são susceptíveis de aperfeiçoamento e sacudir com uma boa planta de pau-critica a poeira "artística" dos indesejáveis, dos chicharros, dos nulos...

Francisco Canaro vem aí. E desta vez, além do crooner Amor e de sua excelente orquestra, traz a grande Companhia de Revistas que dirige em Buenos Aires.



HELOISA HELENA ESTÁ NOVAMENTE NO RÁDIO. FAZ PARTE DO "CAST" DA TUPI. MAS QUANDO MENOS SE ESPERAR APARECERÁ TAMBÉM NO PALCO OU NA TELA, PORQUE HELOISA TEM TRÊS PERSONALIDADES DISTINTAS E UMA SÓ VERDADEIRA: ELA MESMA...

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante



O aparecimento de um artista novo desperta sempre a ansiedade das platéias e quando este artista é uma senhorita, dotada dos apanágios da juventude, da graça, da beleza, do esplendor de vida, esta ansiedade parece redobrar.

Foi o que me pareceu que a platéia do Teatro Municipal sentia na tarde de 17 de maio corrente em que a Prefeitura dava mais um concerto da temporada oficial.

A jovem e talentosa pianista Maria Augusta Menezes de Oliveira dava um recital de piano.

Depois do terceiro sinal aguardavam todos com sofreguidão que as dobras do velário se abrissem para deixar passar aquela cujos dedos de fada iriam durante tantos minutos deliciar tantos ouvidos, desejosos de lindas melodias, acompanhadas dos mais puros acordes.

Finalmente a vontade geral foi satisfeita e envolvida num indumento elegante de um claro azul que lembrava a suavidade do miosotis, apareceu diante do público Maria Augusta.

Estrugiram logo calorosas palmas que acolheram o cumprimento gentil e o sorriso amável da concertista.

Serenados os aplausos, ajeitado o mocho, a artista se concentra com certa unção como quem teria de enfrentar na ocasião, nada mais nada menos do que a grandiosa figura do mestre de todos os músicos. João Sebastião Bach.

A primeira parte do programa, a reservada geralmente para os clássicos, abrangia os nomes de Bach e Beethoven.

Bach veio na sonora transcrição de Busoni para piano e foi representado por dois magníficos corais.

Ambos os corais foram executados com bela sonoridade, esplêndido senso de equilíbrio como convinha a obras desta natureza.

Nela não podia a artista exhibir ainda certas qualidades que apareciam mais tarde em outras composições.

Aos corais seguiram-se 32 variações de Beethoven.

Aqui então era de ver a agilidade daqueles dedinhos delicados, a segurança dos saltos, o destaque das modulações, a animação que acompanhou o trecho inteiro.

Uma estrondosa salva de palmas coroou o fim das variações.

Ligeiro descanso, e começa a segunda parte, a destinada aos românticos.

Chopin, o mavioso poeta do piano, tão do agrado brasileiro, ocupou toda a segunda parte.

O estilo chopiniano patenteou-se em várias das suas modalidades: um estudo, duas mazurcas, três escoceses e uma polonesa.

O estudo, o n.º 3 op. 10, um dos mais lindos, teve seu fraseado lindamente exposto, com admiráveis articulações, com uma suavidade encantadora. Delicioso enfim.

As mazurcas, a primeira das quais uma das mais populares, e as escocesas surgiram buliçosas, com toda a sua graça saltitante e leveza, variando a impressão deixada pelo estudo.

Para terminar a parte chopiniana um andante spianato e uma polonesa.

O andante desenvolveu seu ritmo encantador de um modo ameno, como que preparando o espírito do auditório pelo brilho que viria em seguida.

E de fato, seguiu-se a polonesa, em que a artista pôde revelar toda a sua bravura, todo o seu entusiasmo, enfim o máximo de suas qualidades brilhantes.

Nenhuma peça do concerto me pareceu que houvesse sido tocada com tanta alma, como esta polonesa final.

Sentia-se na fisionomia, nos braços, nas mãos da artista uma completa transfiguração.

Ela se esquecia do público e entregava-se toda ao prazer de interpretar para si mesma aquelas páginas magistrais, tão queridas da sua sensibilidade.

Os aplausos ainda foram maiores do que os que coroaram o final da primeira parte.

Flores e mais flores juncam o palco de lado a lado.

Novo descanso e começa a terceira parte, a parte moderna.

A terceira parte apresentava duas especialidades: uma valsa e um capricho, dedicados à jovem concertista.

Uma artista que merece que dois mestres escrevam peças difíceis especialmente dedicadas a ela, tem nisto uma de suas melhores recomendações.

Pois Maria Augusta se acha neste caso.

Como começo da terceira parte ouviu-se uma trabalhada Valsa Vienense, escrita pelo maestro Eduardo Dutra e dedicada a Maria Augusta.

Seguiu-se a interessante peça de Jacques Ibert 'Le Petit Ane Blanc', com certas particularidades de ritmo.

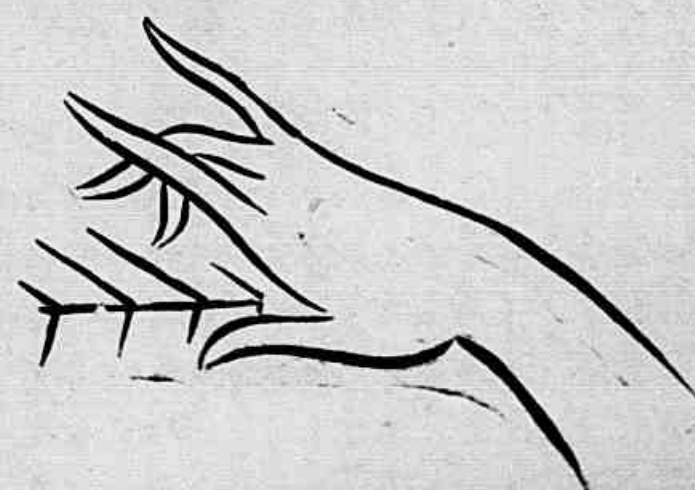
Finalmente, o maestro Alexandre Senkiewicz, que ora nos prodigaliza em várias atividades o seu belo talento artístico, se apresenta com um evocador Conto de Fadas e com um Capriccio Espanhol (dedicado a Maria Augusta).

Melhor fecho não poderia o concerto receber

Continua na página 46

A PIANISTA DOS DEDOS DE FADA

POR
ANTENOR
NASCENTES





HENDRIK WILLEM VAN LOON EM UMA DE SUAS ÚLTIMAS POSES, TOMADA EM NOVA-YORK. HOLANDÊS FALECEU ESTE ANO DEIXANDO UMA BAGAGEM LITERÁRIA INTERESSANTE, EMBORA MUITO DISCUTIDA. ERA HOLANDÊS POR TER VINDO AO MUNDO NESSE PAÍS, MAS TAMBÉM MUITO AMERICANO PORQUE NA AMÉRICA VIVEU MAIS TEMPO QUE NA HOLANDA.

A propósito da morte de VAN LOON

(Este artigo foi escrito por um íntimo amigo e velho companheiro do escritor holandês há pouco falecido, que preferiu conservar-se no mais absoluto anonimato, embora o Bureau de Informações sobre Assuntos Holandeses, instalado em Nova York, o tenha considerado como um necrológico oficial de Van Loon).

A causa da Holanda sofreu uma perda irreparável. Das escassas fileiras daqueles que por ela lutam, em liberdade, um dos mais notáveis desapareceu, e ninguém poderá preencher a lacuna que isso trouxe.

Hendrik Willem van Loon viveu muito mais tempo nos Estados Unidos do que na Holanda. Aprendeu a compreender perfeitamente a América, mas o sangue de sua pátria correu sempre em suas veias. E, como nenhum outro, pode dizer aos americanos, com palavras e com o seu *crayon*, o que a Holanda era, é e será. E' muito difícil para um pequeno país, situado a mais

de três mil milhas, no ultramar, tornar-se uma realidade viva para o povo de outro continente. Não queremos dizer com isto que em alguma parte do mundo tenhamos logrado a completa realização deste objetivo. Todavia, acreditamos que muito do que foi feito se deve a Hendrik Willem van Loon.

A sua perda, neste momento, quando na luta de nosso país natal mais dele precisamos, é, na verdade, um desses incompreensíveis atos da Providência, com o qual muito dificilmente podemos conformar-nos.

Hendrik Willem amava a América. Sentia uma profunda gratidão pelo país que lhe oferecera as possibilidades -que jamais a sua terra poderia lhe ter apresentado. Podia estar ligado aos Estados Unidos pelos laços de uma realidade inevitável, mas para o Velho Mundo, para a Holanda, ele reservava um amor quasi místico. Tinha também para o seu país a sabedoria de sua crítica, sempre serena e desapaixonada. Acima de tudo, porém, em sua alma se encontrava um panorama muito especial da Holanda: a Terra da Promissão de um Cruzado, o lar paterno de um Filho Prodigio.

Nunca me falou a propósito disto, mas em seus desenhos ele nos comunicou pedaços de sua alma. Em seus livrinhos de Natal, os Tres Reis andavam sobre pastagens holandesas e badalavam os sinos da Terra Santa, que trazem o moto *Leve de Vrijheid* (Viva a Liberdade!) num Belem tipicamente holandês.

Se em Hendrik Willem nós tínhamos um interprete da Holanda, que nos fôra dado por Deus, para a América ele era também um homem que, com canseiras sem fim, e muitas vezes com um êxito limitado, nos revelou o significado espiritual das grandes extensões e das grandes massas humanas. Para nós, cuja terra era um jardim, ele constantemente tentou mostrar que a influencia emanada da imensidade agreste de um novo continente não pode ser aferida com a "visão espiritual do Jardim..." E' desta especie de interpretação que as nações estão precisando para se compreenderem umas às outras. E a compreensão é o primeiro requisito de uma estima mutua e, finalmente, da paz.

Se os americanos me perguntassem "que é particularmente ho-

landês em van Loon, pois ele é tão diferente da maioria dos holandeses", eu teria respondido: "Seu espírito erasmiano". Erasmo era outro filho de Rotterdam, que também levou a maior parte de sua vida fóra da Holanda. Também ele sentiu a necessidade de interpretar, de um modo original, os problemas históricos e culturais de seus tempos — tão agitados como os nossos — tal como o fez no *Elogio da Loucura*.

Vamos então encontrar em Van Loon a seguinte apreciação da tarefa que Erasmo se propoz, há cinco séculos passados, e "porque" nela fracassou: "Ele desejava que a humanidade se libertasse do medo e do desastre, através da libertação da ignorância; sonhava com um mundo no qual a inteligência, o bom senso, a educação, a tolerância e o perdão haviam de dominar, em lugar da violência, da ignorância, do preconceito e da cupidez. Nós, porém, agora percebemos que ele cometeu um erro fatal, que impediu sua vitória. Como a maioria de seus contemporâneos, começou pelo extremo indevido, isto é pelo fim. Começou pelo vertice da pirâmide da expansão da consciência, quando deveria ter começado da base. Naturalmente, mesmo assim a luta pode não ser corôada pela vitória,

mas a verdade é que nunca o tentamos seriamente. E por que não começar agora? Poderão passar uns poucos mil anos, mas será muito melhor perder algum tempo do que viver eternamente num paraíso potencia convertido em canil de animais bravios".

Tal foi a mesma tarefa à qual van Loon, em circunstâncias completamente diferentes, desejou se entregar sem cometer, entretanto o "erro fatal". Quiz tornar claro às grandes massas, para o "homem comum", a importância de participar da civilização ocidental, pois tinha a certeza de que esta civilização ocidental, só poderia ter solução de continuidade se a maioria da humanidade a ela se associasse. Dentro das possibilidades limitadas da força de um só homem, cumpriu o seu *desideratum*. A degenerescência da nação alemã veio demonstrar o que acontece quando o "homem comum" é arrebatado às fontes do pensamento humanitário e cristão."

Todavia, van Loon não poderia jamais ter descoberto este problema sem a América, e sem a Holanda não teria contribuído para a sua solução não fosse aquele impulso inato no holandês, que também inspirou Erasmo; transformar a aridez num jardim, o nostálgico símbolo do paraíso.

BIZARRA, MAS SINCERA A PINTURA DE VAN LOON. ESTE QUADRO CHAMA-SE "ZIERIKZEE".



UMA CURIOSA ILUSTRAÇÃO DE VAN LOON, SIMBOLISANDO O JUDAS DE NOSSOS DIAS — O NAZISTA — ATRAÍDO MAIS DE DUZENTOS E CINQUENTA MILHÕES DE ALMAS.

ESTA A LEGENDA DE VAN LOON PARA O QUADRO QUE SE VÊ ABAIXO: — "DE CORAÇÃO, NINGUEM PODE NEGAR, EU SOU UM ARTISTA! EIS A MINHA OBRA!"



Mormente após navegações longas escalar é grande refrigerio. Cansado do desdobrar de ondas, dias e dias, o viajante vê com prazer o simples desenho longínquo de uma costa, aspirando pisar terra ao anúncio de um litoral. Foi sem duvida o prazer de três viajantes cujas escalas no Brasil intentamos lembrar.

PARNY

Evaristo Desiderato de Forges de Parny figura no quadro dos poetas franceses do século XVIII. Chateaubriand estimou-lhe os versos, gabados pelo severo Sainte Beuve.

Nascido na ilha Bourbon, em 1753, por ordem de sua família foi Parny à França aos nove anos de idade. Estudou em Rennes, sentou praça em Versalhes, via Paris. De retorno à ilha natal, escalou no Rio de Janeiro em 1773. De nossa cidade escreveu a irmão na Europa, o conde de Parny com posição e brilho na corte de Luís XV.

Incluída na edição das obras de Parny, a carta dele, datada do Rio de Janeiro, serve de bom documento para compreensão imparcial da nossa vida carioca de há bem mais de século e meio.

Extensa a missiva, dela devemos apenas aproveitar-lhe breves informações. Uma a de terem Parny e seus companheiros de navio obtido audiência pública do vice-rei, o conde da Cunha. Deu licença aos viajantes para passeio na cidade, sem dormida.

Parny e os demais do navio navegavam havia três meses, em forçada convivência, fatigados pois de se olharem a cada instante. Eram moços, Parny tinha vinte anos. Ansiavam por ver o Rio de Janeiro e nele sobretudo, sobretudo, convém repetir o adverbio, ver as cariocas.

Nem fácil, nem frequente. Conseguiu-o entretanto Parny. Achou-as muito morenas, vestindo com agradável simplicidade, penteando-se com graça, fitando com uns grandes olhos negros.

Convidado a um concerto seguido de baile, Parny dançou. Teve por par uma gentil portuguesa de sessenta e seis anos, esbelta, talvez com uns grandes olhos negros. A jovem Teresa encantou Parny, com certeza levando para casa a imagem daquele francês que com ela dansara o minuêto.

Noutra festa, achou-se Parny, festa suntuosamente oferecida por um fidalgo rico. Disse dele Parny, sabendo-o apontado como devendo mais do que possuía, com a paixão de gastar o seu e mais o alheio, amigo de prazeres e de boa mesa, sem prazer algum de naturais e insatisfeitos credores, cheios de pragas rogadas ao devedor.

Dias após o banquete do curioso caloteiro dono de casa, Parny partia para a ilha Bourbon, com escala nova no cabo da Boa Esperança.

Passou o tempo. Parny voltou à França, celebrou-se poetando, requestado pela sociedade elegante, nela figurando como visconde de Parny, em 1814 membro da Academia Francêsa, elegiaco de renome, de versos reunidos sob o título de Poesias Eroticadas. *Un vilain titre* observou Sainte Beuve. Realmente para um academico...

TAMEHAMEHA

Não pareça tal nome rebarbativo, sim exótico. Tamehameha II ou Rio-Rio reinava no arquipélago de Hawaí e no princípio do século passado.

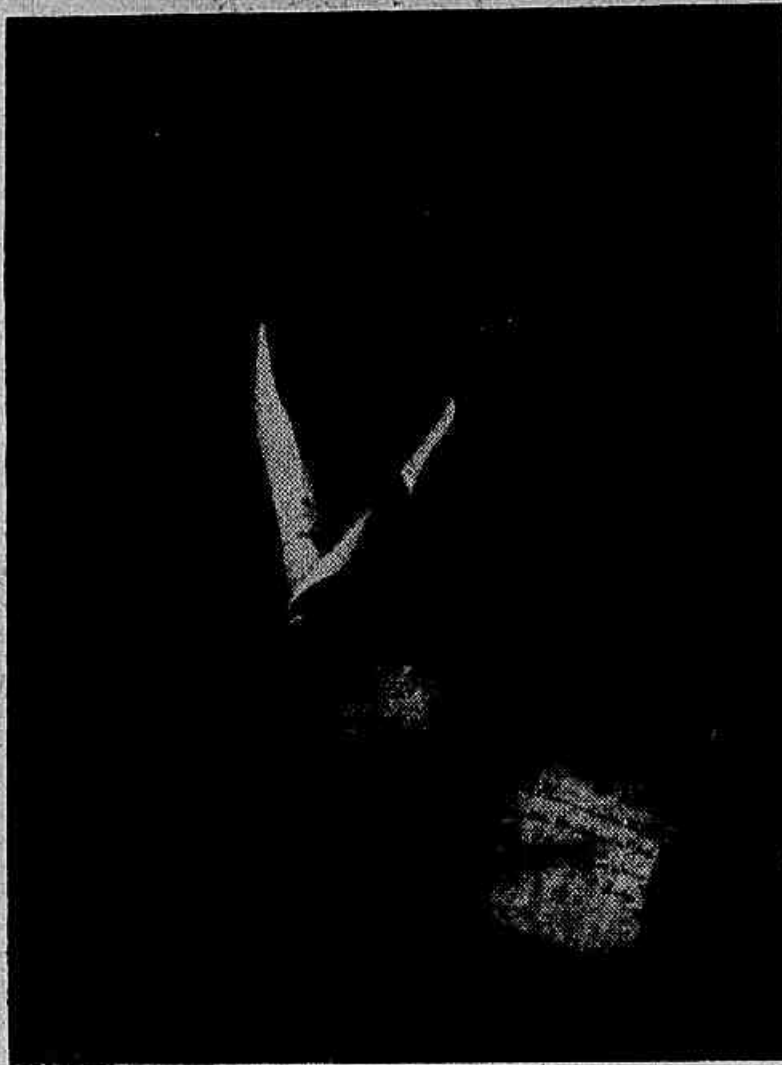
Pretendeu sair de suas ilhas Sandwich. Lembravam estas o conde de Sandwich, assinalado diplomata inglês de figura em 1748 no Congresso de Aix-la-Chapelle pondo fim à guerra da sucessão da Áustria, depois os sandwiches passaram à comensal universal. Quem mandou o ministro inventar duas fatias de pão intercaladas por um pedaço de carne fria ou de presunto?

Que as ilhas Sandwich eram geograficamente apetecíveis e absorvíveis o mostraram os Estados Unidos em 1898. Em 1824, no arquipélago hawaiano, Rio-Rio tinha indisputada corôa. Desejou trocar Oceania por Europa, em visita a Jorge IV, da Grã-Bretanha.

Para dar inteiro caráter britânico à viagem, Rio-Rio tomou passagem na galera inglesa *Eagle*, de prôa para Londres. O monarca era acompanhado por sua esposa, a rainha Kaméa-Marú, além de comitiva, no caso indispensável a viagem polinesicamente ostentosa.

A 16 de Fevereiro de 1824 a *Eagle* ancorava em Guanabara. A 27 penetravam os reis hawaianos na Quinta da Boa Vista para audiência solene. Esperavam os D. Pedro I, a imperatriz D. Leopoldina, a princesa imperial e demais corte.

ESCALAS E VIAJANTES



BOCAGE, retrato por Henrique José da Silva.

Não foi consignada a língua na qual se entenderam visitantes e visitados. Mas o presente também é língua por todos logo compreendida.

Os reis hawaianos foram presenteados. A Rio-Rio deu D. Pedro I uma espada digna de quem a dava e a recebia. Kaméa-Marú ganhando anel onde à menor luz coruscavam brilhantes, "de grande preço", acentuou o *Diário do Governo* noticiando a audiência.

Foram os reis exóticos obsequiados com várias festas entre as quais um jantar à mesa do consul inglês. Os sandwiches à mesa não seriam de bom tom.

Os regios presenteados presentearam imperiais. Deram a D. Pedro I um manto e um colar de penas, ainda constantes das coleções do Museu Nacional e ali recolhidos em Março de 1824, por ofício conservado no arquivo do Museu, em 1927 bem zelado pelo sr. Leopoldo Pimentel Barbosa.

"O Manto Real de Hawaí" é título de estudo de Roquette Pinto em "Seixos Rolados". Segundo informa o escritor, os reis de Sandwich foram desditosos em Londres. O protocolo adiou-lhes audiência de Jorge IV. Esperaram a mesma os reis da Polinésia e tanto esperaram que morreram.

Jorge IV deu audiência à comitiva real dos soberanos de além mares que tinham pago com a vida a honra de visita ao Tamisa.

Não podendo mais presentear Rio-Rio e Kaméa, Jorge IV cumulou de dadas a comitiva deles. Com uma ponta de remorso, político ou pessoal, Jorge IV mandou aprestar fragata para conduzir a Hawaí os mortos e os vivos. Que viagem de retorno! Que pensariam indígenas de civilizados?

Na ocasião da visita de Rio-Rio e Kaméa a D. Pedro I era representante da França no Rio de Janeiro o conde de Gestas.

No próprio dia da audiência de Rio-Rio, 27 de Fevereiro de 1824, o conde de Gestas oficiou ao seu governo, dizendo-lhe o que refere esta informação indilgida:

"Apresentei ao imperador o conde de Saint Mauris e os oficiais da divisão francesa. D. Pedro trazia as condecorações do rei, uma bem monárquica, a do Saint Esprit datando do século XVI.

Na mesma manhã o imperador recebeu a visita do soberano das ilhas Sandwich, com sua mulher e numeroso sequito dirigindo-se todos à Inglaterra para conhecerem S. M. Britânica. Foram introduzidos pelo consul da

Inglaterra. Imponente pela tez bronzeada e pela estatura dos seus componentes, em traje europeu, cobertos com grandes mantos amarelos e encarnados, o sequito terminava pelo aparecimento de uma rainha alta de 6 pés e de grossura proporcional, ricamente vestida à francesa, com um porte tão digno que ninguém pensou em disputar-lhe primazia.

Não foram observados nenhum acanhamento, nenhuma timidez nestas augustas e colossais pessoas, muito bem acolhidas por D. Pedro do qual receberam de presente um bonito sabre.

A conversa entre o imperador do Brasil e os soberanos de Sandwich se manteve por meio de um francês, primeiro ministro da corte dos ilustres viajantes. Retiraram-se estes e o seu sequito no meio de multidão pressurosa de contemplar espetáculo tão rovo.

As informações oficiais do conde de Gestas deixam imaginar um tanto a cena da Quinta da Boa Vista. Ela não encontrou pintor para lhe dar vida e cores na tela.

Da acolhida de Napoleão III aos embaixadores do rei de Sião no palácio de Fontainebleau resta memória em grande quadro de Gerôme, exposto no Museu de Versalhes.

Ao partirem do Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1824, para chegada a Portsmouth em Maio, mal sabiam os reis polinesicos o seu triste destino longe de pátria.

De ida levavam os olhos abertos sobre a nossa natureza; de volta os traziam fechados para sempre ao alcançarem Hawaí após triste odisséia. Mas o que vale uma odisséia da Oceania? Por lá não vivem Homeros.

BOCAGE

Não só certos espelhos apresentam face dupla ou triplice: a vida de qualquer tem faces. Duas estiveram na vida de Manoel Maria Barbosa du Bocage, de nome começado à lusitana para fim à francesa. Isto explicável pela ascendência de Manoel Maria, neto por lado materno do vice-almirante, ou como se dizia na época coronel de mar e guerra Gil Le Doux du Bocage, a serviço na armada portuguesa.

Poeta fadado à glória, filho de magistrado, José Luiz Soares de Barbosa, este poeta na folga de autos e sentenças, Manoel Maria du Bocage cultivou poesia em vida e obra de duas faces, a dos versos de engenho e arte, a dos versos pornográficos e repulsivos, uns do Bocage a citar admirando, outros de esquecer perdendo os desvarios de imaginação desregrada.

Neto de vice-almirante, Bocage, guarda-marinha, passou pelo Rio de Janeiro em navio de rumo à Índia quando na cidade carioca vice-reinava D. Luís de Vasconcellos. A não de escala tinha nome extenso, *Nossa Senhora da Vida, Santo António e Madalena*.

Em trânsito o guarda-marinha da armada do Estado da Índia contava bem verdes anos já de bom ver-sejar repentista.

Mello Moraes Pae localizou a residência de Bocage no Rio de Janeiro no breve tempo de estadia na cidade. Morou em casa da *Ilha Seca*. Assim se chamava o quartirão entre a rua das Violas, ora Teófilo Ottoni, e a rua de S. Joaquim passada hoje a avenida.

Várias pessoas do Rio de Janeiro, entre elas mais ilustre Joaquim Manoel de Macedo, relataram a José Feliciano de Castilho, o grande biógrafo de Bocage, um episódio da passagem deste pelo Rio de Janeiro, cabeça de vice-reinado.

Aí gozara fama de admirabilíssima retentiva João Pedro Maynard, homem importante que chegaram a lembrar para regente na minoridade de D. Pedro II.

Foi Bocage apresentado, como rei dos improvisadores, a Maynard, rei da memória. Numa reunião deram um mote a Bocage e logo se sahio ele com um pronto soneto.

Disse Maynard:

— O que eu desejara era ouvir obra nova, pois isso que vossa mercê recitou é conhecido.

— Como assim, se eu agora improvisei?

— Queira desculpar, é velho, tanto que eu o sei de cor.

Desafiado por Bocage, Maynard repetiu a poesia, literalmente, com murmúrio do auditorio, e confusão do poeta. Indignado, bradou:

— Não sei como é isto, senhores, foi um improviso, e se o duvidam venha outro mote.

Sendo satisfeito, ainda não refeito de surpresa, Bocage logo glosou o mote, seguindo a mesma cena, e repetindo Maynard a glosa sem falta de palavra.

Bocage abraçou Maynard, dizendo-lhe:

— O que o senhor é, é um grande maganão, e a mais portentosa memória que tenho encontrado."



Frances Gifford
(Metro)

Nos Bastidores Femininos

AMOR E GUERRA

"Après chaque guerre, l'amour subit des transformations apparentes plus ou moins essentielles, selon le climat que les événements en cours ont créé" (Leopold Sterne). A mulher, tomada de surpresa pelas necessidades da guerra passada, desempenhou-se com audácia e energia, das obrigações que lhe couberam na colaboração bélica, e com isso descobriu-se a si mesma.

Pela primeira vez depois do matriarcado, compreendeu que a emancipação econômica seria o passo mais curto para a marcha libertadora. E vieram as campanhas feministas; mas, como todo arranco prematuro, sem preparação moral, o movimento degenerou em masculinismo. A mulher masculinizou seus costumes e até sua moral. A guerra atual acentuou poderosamente essa masculinização, criou um certo ar de cinismo elegante em torno das reivindicações, fazendo com que ela pleiteie até determinados vícios do outro sexo. Já começou uma troca mais acelerada do lar pela vida pública. Repartições, Emprêzas, Indústrias, ou simplesmente rua, casas de chá, cabarets elegantes, hoje denominados "casinos".

A família passou a ter dois chefes com prerrogativas e direitos tão semelhantes que atarantou os outros membros subordinados ao lar, modificando-lhes o modo de vida, o sentimento afetivo, a segurança e portanto a moral.

WALLY

Tudo isso tem de refletir e influir, naturalmente, no amor da mulher em qualquer estado civil.

A noiva funcionária, que provê à sua subsistência, não pode ter para o seu noivo o mesmo sentimento de amor cheio de receio, timidez, esperança, inquietude, sonho, romantismo, admiração, confiança, etc. Todos esses sentimentos subordinam-se à emancipação econômica da mulher, que a desliga do homem, no conceito em que ele era tido. A sua virilidade, na qual estava implícita a sua superioridade física e mental, decresceu alguns graus. O homem, aliás, tem se acomodado muito confortavelmente a essa situação; tem mesmo confessado, em ações marcantes, essa avassalante força da mulher; como são iguais em direitos e colegas no trabalho, ele fica sentado indiferentemente, cansado, achacado talvez, quando a varonil companheira aguenta firme e de pé o trajeto da Repartição para casa, como o próprio trajeto da vida. Sua indumentária é hoje mais variegada e colorida que há 15 anos atrás, tem mesmo uns toques feminis na forma dos blusões, gandolas, etc. Tudo isso é significativo e tem sua influência no amor da mulher. Para ela, outrora, o amor era um dogma e um sacramento base do seu lar e da sua família; hoje ele é um incidente, um contrato para a garantia mais confortável de uma casa e da prole, quando a querem.

E assim a guerra, transformando regimes e códigos sociais, vai transformando as condições morais do amor e portanto modificando esse sentimento no coração da mulher.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
 VESTIDO DE SEDA PESADA, DE LINHAS
 SOBRIAS, ABOTOADO NA FRENTE ATÉ
 CERTA ALTURA. O GRACIOSO "MONHO"
 DE FITA CIRÉE DÁ CERTA ORIGINALI-
 DADE. — MARTHA OUTLAW (DA CO-
 LUMBIA), NUMA SAIA DE FLANELA COM
 PRÉGAS NA FRENTE E "SWEATER" DE
 LÃ ANGORA. — GLORIA JEAN (DA UNI-
 VERSAL) NUM JUVENIL "JUMPER" DE
 ALGODÃO CÔR DE TERRA-COTA COM
 GALÕES VIVOS E BLUSA CÔR DE LIMÃO.
 — UM CASACO FEITO EM LÃ OU CA-
 SEMIRA QUADRICULADA.



NADA DE
 NOVO...
 EM

Modas

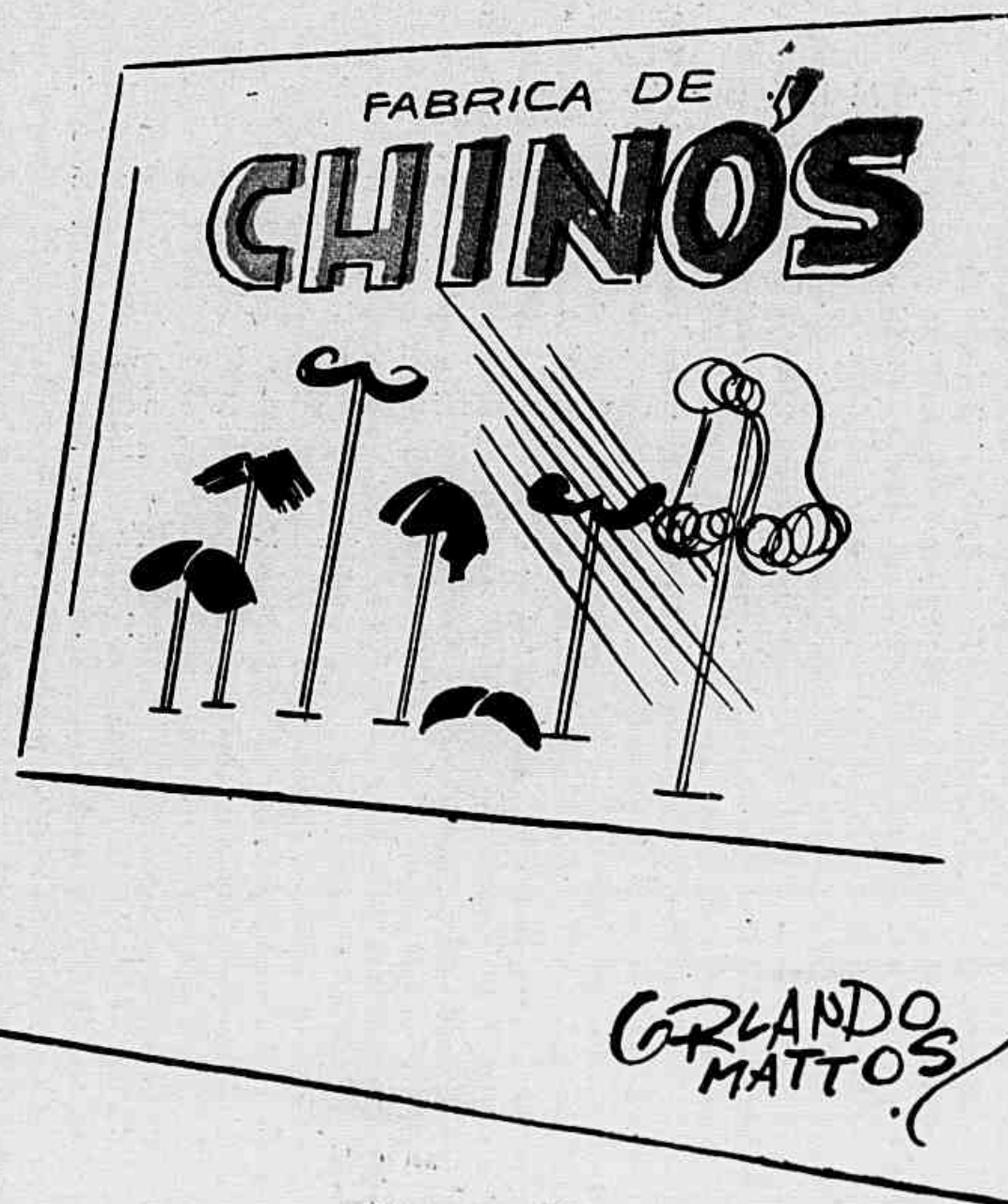
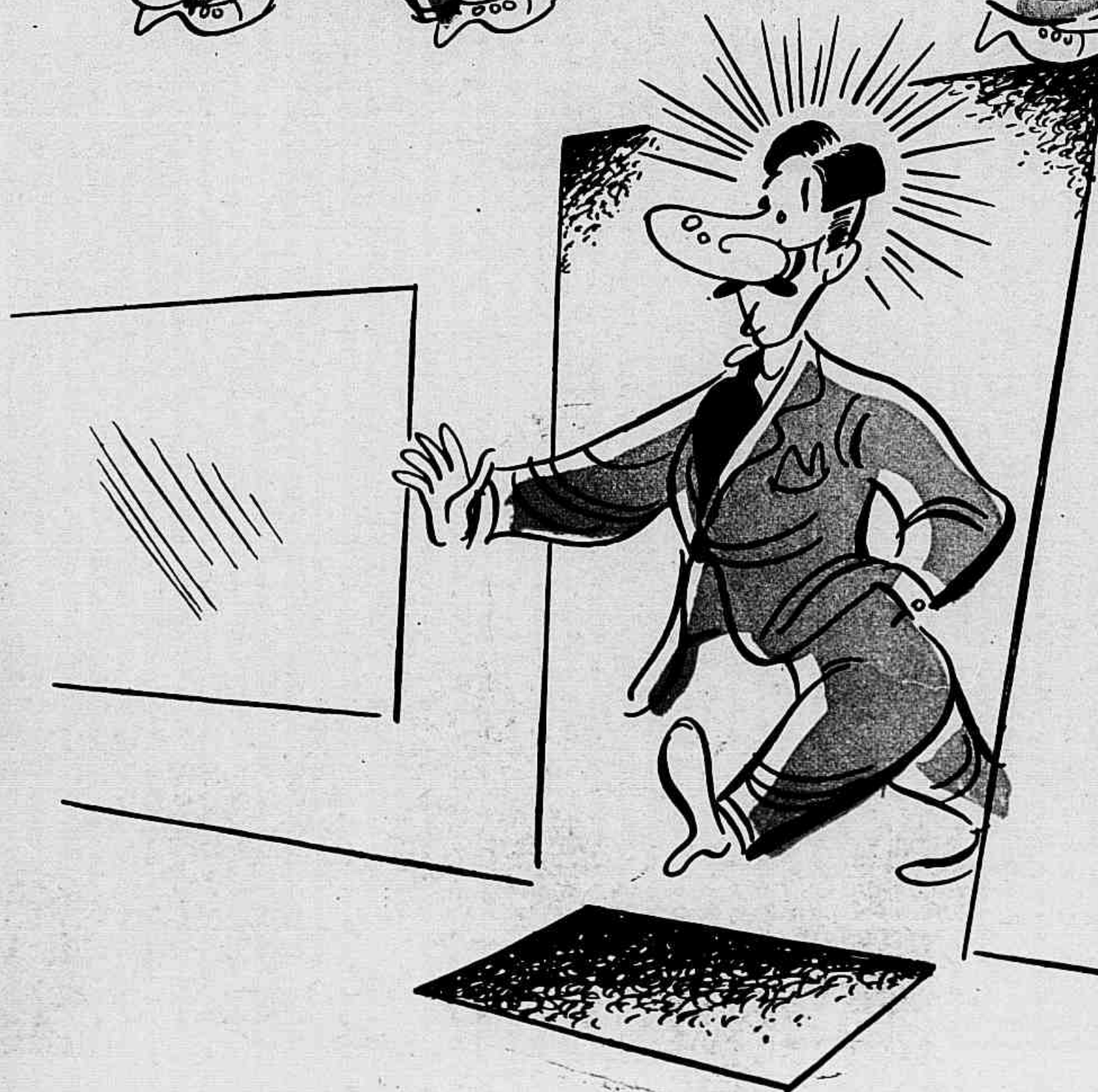
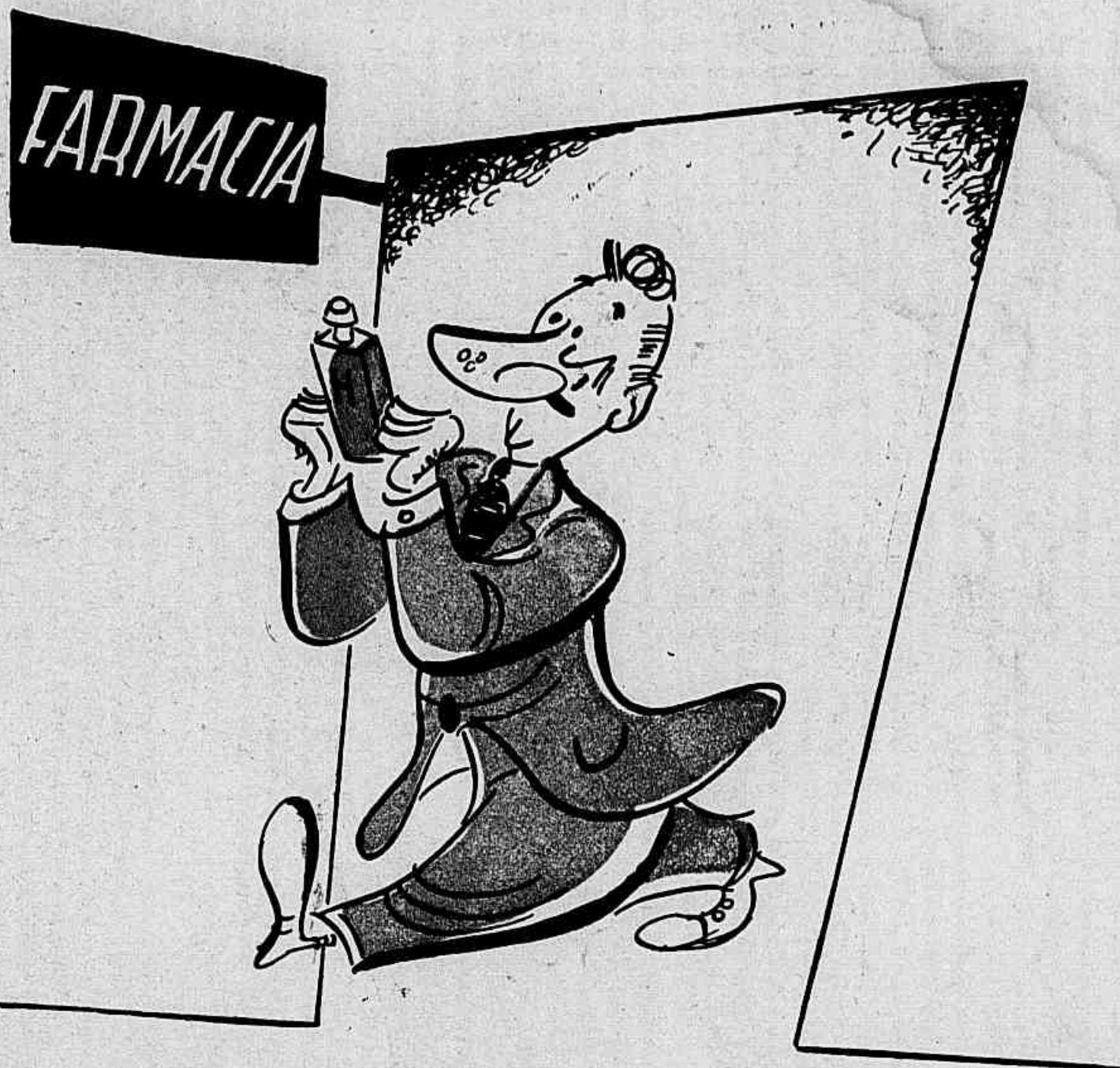


EM 1939 veio, como grande novidade, dos centros elegantes — ainda não atingidos pela invasão, o casaco três quartos para o inverno. Em 1944 estão eles de volta: naquele ano, do início da guerra, dava-se como motivo a essa preferência, o *chic*, o *charme* da silhueta; hoje há uma razão mais forte e mais prática: o *reconhecimento de fazenda*. A moda dos casacos três quartos é realmente mais elegante que a dos casacos longos acompanhando a barra do vestido, contudo há neles — os casacos *curts* — um inconveniente para as mulheres baixas ou gordas, pois diminuem a linha da silhueta e a alargam. Na arte de se vestir não entram em conta somente detalhes de cor, qualidade ou enfeites; é preciso muito tato na escolha do feitura.



NA HORA "H" DA VITAMINA

"FOI DESCOBERTA A VITAMINA H CONTRA A CALVICIE, NA INGLATERRA." (Dos jornais)



NUNCA MAIS ESTAREI SOZINHA!

*

(Conto de O. WDSLEY; adaptado especialmente para a REVISTA DA SEMANA).



Por que?
De pé, diante de mim, zangado, ameaçador, perguntava:
— Por que?

E eu não achava resposta. Na verdade, não sabia. Ou, melhor, não agira conscientemente. Não fora minha intenção magoa-lo. Nem me tinham ocorrido pensamentos tão terríveis. Mas dei o passo. Era inevitável. Predestinação, se quiserem. Não sei.

Mais tarde, descobri um motivo. Um deles, sómente, é verdade, mas que, por si só, justificaria a minha atitude. Justificaria, mas não desculparia. Agi mal, confesso. Mas a felicidade que me veio depois foi tão grande, tão intensa que não consigo me arrepender do que fiz. Sei que estava errada, mas teve tão bons resultados...

Não posso esquecer aquele dia. Meu pai, tremendo de frio, na madrugada campestre, disse-me:
— Adeus, minha filha!

E, naquele momento, eu senti que a separação era definitiva. Meses depois, estava eu instalada em Paris e ele falecia. Não o tornei a ver... Meu pai! Quantos sacrifícios ele fez para me dar a educação que eu mesma lhe pedi, quanto trabalho para que eu me pudesse formar na profissão, que mais tarde eu quereria abandonar, de qualquer maneira!

Formei-me, como disse, com muito esforço. Depois, cliniquei. Quantas noites sem dormir ao lado de um cliente! Quantos dias perdidos, consultando tratados para fazer um diagnóstico mais seguro! Como, mais tarde, senti-me cansada de tudo aquilo! Alguém disse — não sei quem foi — que a mulher precisa de um amparo, de um braço forte e masculino que a auxilie. Pois bem, não posso falar pelas outras, mas, por mim, sinto que não posso passar sem um homem. Sou sincera. Muitas negarão por hipocrisia ou por orgulho. Outras, por convicção. Não sei. Posso afirmar, porém, que pessoalmente, senti falta desse apoio.

Sabia, havia muito, que Pedro me amava, mas não queria casar. Vivia sonhando com um príncipe encantado, de beleza deslumbrante e com todas as virtudes. Sonhos de moças ingênuas de suburbio, sonho de filhas de famílias aristocratas, sonhos de enfermeira de hospital, sonhos de médica diplomada: sois todos iguais. Em todos há um príncipe, modelo de virtudes, cumulo de beleza, segundo o gosto de cada uma, sempre diferente para cada uma, entretanto essencialmente igual no pensamento de todas!

Sabia que Pedro me amava, mas recusara a sua oferta. Lembro-me perfeitamente da sua declaração. Ingênuo confissão de rapaz tímido. Como mu-

dou o meu Pedro! Como ele, hoje, é diferente. Antes era hesitante, nervoso, hoje, é duro, autoritário! Não o amava antes de casar. Depois de casada não o amei.

Aceitei sua proposta de casamento para fugir à vida solitária que eu levava; desesperada, sem ilusões mais, sem esperanças de encontrar o amado ideal, casei-me. Fui infeliz.

Pedro descobriu que o não amava. Era verdade o que afirmou. Eram justas as suas queixas. Não me defendi. No dia do nosso casamento, quando, afinal, ficamos sós, ele viu no meu rosto a verdade estampada e não se conteve.

Ouví em silêncio os seus protestos. Não podia negar que ele tivesse razão.

— Nunca me amou! Mas por que? Por que então casou-se comigo?

Eu não encontrava resposta. Sentia que ele tinha razão. Como é terrível sentir-se que os protestos de alguém contra uma coisa que se fez são justos e fundados! Como é humilhante ter de confessar que é verdade o que um homem diz, ferido em seu orgulho!

Depois daquele dia, depois daquela cena tremenda, daquela separação brusca, ele se afastou de mim. Eu casara para ter companhia, para não ser forçada a viver sózinha. E ele me abandonou! Vivíamos na mesma casa, mas não me falava a não ser quando era estritamente necessário. Lembro-me até que para dizer-me "bom dia ou boa tarde" ele murmurava uma coisa qualquer que eu não compreendia bem. Nem mesmo isso ele dizia com cordialidade. Eu via que ele me odiava. Não era possível continuar a viver assim! Entretanto a vida prosseguia, sem nenhum acontecimento de importância.

Nunca me humilhou. Devo dizer a verdade. Em publico, ele me tratava com muita gentileza e, se bem que não passasse de mera cortezia, eu sentia uma grande alegria com aquilo. Afinal de contas, era sua esposa e ele não queria que dissessem que estávamos brigados ou coisa semelhante.

— Tenho um nome pelo qual devo zelar. Cumpra a você ajudar-me a guardá-lo puro, já que se casou comigo.

Pobre Pedro! Como sofreu, sempre impassível, mudo, mas triste, muito triste.

Não sei como se operou a transformação. Não senti nada que me prevenisse do que se estava passando, mas, um dia, descobri, no bolso dele, umas cartas. Cartas de mulher. Não me contive. Falei com ele:

— Pedro, eu não me importo com o que você faz, mas tenha ao menos um pouco de decência e não deixe rolan-

do por aí estas cartas que não escondem a sua indignidade.

— A minha indignidade? Ora essa é muito boa. A senhora então pensa que eu sou santo, que, vendo que minha mulher só me dá carinho com ar de carneiro caminhando para o matadouro, então é indignidade procurar fora do lar o que nele não se encontra? É indignidade, já que a culpa dessa situação não é minha?

— Pedro, eu já lhe confessei que você tem toda a razão. Mas não adianta nada ficar a lembrar-me sempre que errei. Errei, confessei; acabou-se.

— Acabou-se? É' estranho. Você pensa que isso é assim tão simples? Acabou-se. Nada mais. Duas vidas estragadas, duas oportunidades de ser feliz — a sua e a minha — perdidas, por um capricho, e você ainda tem a coragem de me vir dizer que assim tinha que ser. Acabou-se? É' assim que você acha que deve proceder? Então um assassino mata alguém e depois confessa e... e acabou-se? Não há castigo? Pois há. E o seu castigo é a humilhação que está sofrendo por sua culpa exclusiva. Ninguém a forçou a casar comigo, disso eu tenho a certeza. As mulheres não podem ter muita liberdade. Mulher inteiramente livre. Você só conseguiu estragar a minha vida e a sua. Se tivesse um pai para aconselhar, ou menos liberdade, ou não tivesse estudado para receber o diploma de incompetência na vida conjugal, talvez você tivesse sido mais feliz.

Depois daquela nova cena, nos afastamos mais do que nunca. Ele continuava cortez, em publico, mas em casa nem sequer olhava para mim.

Então deu-se a mudança. Comecei a ama-lo. É' estranho. Pode parecer contraditório, mas é verdade e as verdades nem sempre são lógicas ou evidentes. Amei-o pelo seu orgulho, amei-o pela sua firmeza e pelo seu caráter. Vi que era inteligente e admirei os seus trabalhos como médico. Tinha amplos meios para compreender quão habil ele era, pois que também me formara naquela profissão.

Não sei mais explicar quando foi que primeiro descobri que o adorava. Não sei. Talvez fosse quando ele me lançou no rosto tudo o que eu tinha feito. Não sei se foi por instinto. Não posso dizer. Sei que o ciúme me atormentou. Sei que ele, depois da última cena, não falando mais comigo, saía frequentemente. E eu ficava a imaginar com que mulher estaria, se era feliz com ela, se ainda restava um pouco do amor que ele outrora me devotara, ou se já tinha morrido de todo aquele sentimento.

O amor nunca morre, disse alguém. Não tenho bem certeza. Por mais es-

forços que fizesse ele nem me deu atenção. Queria atraí-lo mas vi que conquistar um homem desconhecido é muito mais fácil do que fazer com que o marido que vive ao nosso lado, e marido hostil, se renda aos nossos encantos. Fiz-me mais mulher. Tentei todos os artifícios de que uma mulher dispõe para fazer um homem apaixonar-se. E nada conseguí. Se comprava um vestido novo somente para que ele me admirasse a elegância e o bom gosto, ele me olhava com indiferença e não notava ou fingia não notar a diferença. Aparentemente, era-lhe indiferente se eu andasse bem vestida ou mal vestida. Ele queria unicamente era que eu andasse vestida com decência. Tinha, acima de tudo, um respeito pelo nome que zelava com todo o carinho.

Os acontecimentos se precipitaram no dia da festa que demos em nossa casa. Encontrei, no bloco de notas dele, um apontamento: Convidar Jacqueline.

Não me contive e perguntei a ele quem era. Respondeu-me que se tratava de uma amiga sua, uma das muitas que eu desconhecia.

Durante a festa ele manteve-se ao seu lado todo o tempo. Quando partiram os convidados, interpelei-o.

— Você deveria ao menos ter um pouco de dignidade. Trazer sua amante para casa não é coisa que se faça. Assim também é demais.

— Muita autoridade tem a senhora para falar!

— Pedro!

— Que é que há'?

— Pedro!

— Já' respondi...Que há'?

O resto nem adianta contar. Repetí o seu nome até que ele compreendesse. Quando percebeu, olhou para mim sorridente e, sem dar nenhuma explicação, pegou o telefone, e discou um numero.

— Alô? Jacqueline. Você é um anjo. Surtiu o efeito desejado. Ela me ama, Jacqueline.

Ouví do outro lado do fio, um riso cristalino.

— Eu sabia, meu amigo.

Compreendí. Um estratégia. Fazer-me ciúmes para que eu me apaixonasse. E eu que não queria outra coisa... Como são estranhos os homens! Como o nosso destino é estranho!

Tomei o fone e disse para Jacqueline:

— Obrigada por mim também, minha amiga.

COISAS DO BRASIL

ELE não sabe quantos anos tem. Não conta o tempo. Sabe que o tempo vai passando, as luas e os sóis nascem e morrem, seu corpo vai ficando alquebrado. Sua cara está enrugada. Ouviu contar muitas vezes que seus antepassados foram guerreiros valentes. Viviam no litoral. Um dia chegaram os guerreiros brancos. Eram muitos e seus arcos faziam o barulho do trovão. Suas flexas eram o próprio raio e matavam a grande distância. Aos poucos, os da sua raça foram recuando. Havia brancos bons, pretendendo fazer amizade com os de sua raça. Mas outros eram traidores e falsos.

Muitas vezes os seus irmãos eram caçados como feras. Deviam trabalhar para os brancos, acorrentados e chicoteados.

Preferiam sempre a morte. Sabiam lutar e sabiam também morrer. Também ele já trabalhara muito. Era forte e destemido. Sempre foi livre.

Coisas estranhas iam acontecendo. Métodos novos, gente nova e diferente. De uns tempos para cá, as grandes aves de aço começaram a cruzar os céus roncando de modo terrível.

Muitas vezes baixavam a' terra e do seu bôjo desciam homens.

Aos poucos o velho índio foi se tornando civilizado, quase sem sentir, sem saber como.

Isto não pareceu penoso. Traz ainda vestígios do seu povo.

Podemos ver o "tembeta" que lhe pende do queixo. É um enfeite que seus ancestrais usavam, talvez o último traço da sua ligação com os costumes da tribu. Seus trajes e seu chapéu são inteiramente civilizados.

Agora, toda a sua vida é dedicada ao trabalho. Trabalho árduo, onde é preciso enfrentar todas as dificuldades, perigos e privações; as doenças, a malária; os mosquitos, que matam tanta gente, não lhe fazem mal. Parecem respeitar este homem nascido nas florestas.

Ele também contribui para a civilização; seus instrumentos, embora primitivos, estão auxiliando os defensores da liberdade.

A borracha cortada por essa faca e guardada na cuia que o vemos segurando talvez leve os soldados do Brasil, longe, lá num outro continente, que ele não conhece, que nem sequer imagina possa existir.

O seu trabalho humilde e penoso irá talvez salvar muitas vidas de patricios que, do outro lado do Atlântico, estarão defendendo os princípios da sua civilização.

Sem o saber, ele também está lutando contra os novos barbaros, os verdadeiros selvagens para os quais a moral e a dignidade humana não existem.

Simples, pacífico, trabalhador, resistente, este índio que aí vemos é bem brasileiro, é alguma coisa do Brasil que muitos dos nossos não conhecem mas deviam conhecer. Gente e coisas do Brasil de todos os tempos, sabendo resistir no seu anonimato, sem cogitações de vaidade, de egoísmo, de ostentação...



Centenario Caetano de Campos

A instrução publica de S. Paulo celebrou há pouco por motivo de centenario natalicio, uma bela memoria, a de um grande educador, Caetano de Campos.

Antonio Caetano de Campos nasceu a 17 de Maio de 1844, em S. João da Barra, provincia do Rio de Janeiro. Orfanado cedo, de pae, a cargo de mãe viuva pobre, Caetano de Campos tinha de ser, para elevar-se, um desses homens por Tacito declarados nascidos de si proprios.

Para estudos secundarios Caetano de Campos cursou colégio em Nova Friburgo, nele encontrando preclaro mestre sobre desinteressado protector no barão de Taubphoens.

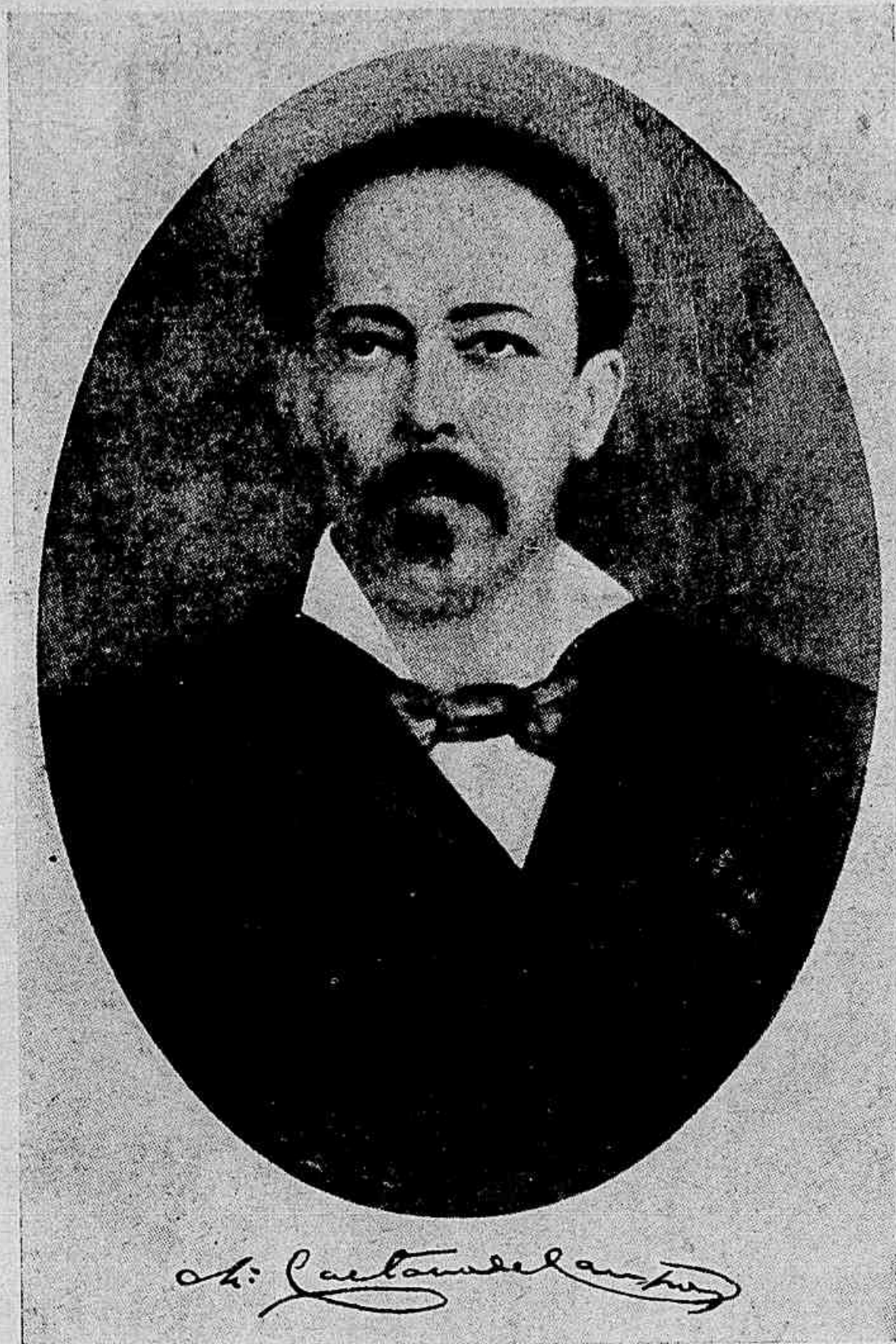
Médico em 1867, cirurgião da armada na guerra do Paraguai, Caetano de Campos pretendeu cathedra na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Concorreu a uma, classificado em primeiro logar e não obtendo nomeação.

Mudou-se para S. Paulo, onde logo conseguiu clinica das melhores, dedicando-se tambem ao ensino em colégios particulares.

Com sacrificio de saúde e clinica, Caetano de Campos aceitou nomeação oficial, a de director da Escola Normal Modelo de S. Paulo, nela occupando cathedra, a de Biologia.

A 12 de Setembro de 1891 falecia Caetano de Campos aos 47 annos de idade.

A morte, longe de apagar a memoria do desvelado educador, mais viva a tem tornado no decurso



Caetano de Campos

do tempo. A Escola Normal Modelo de S. Paulo e a lembrança de Caetano de Campos são uma só coisa. Dessem áquella o nome do seu insigne orientador e a substituição se justificaria, o que nem sempre acontece. Ha substituições felizes e infelizes, ou talvez de superlativo.

Por ocasião do 48.º anniversario do falecimento de Caetano de Campos a este, ao seu importantissimo labor pedagogico foram prestadas homenagens especiais em prova de gratidão a quem sacrificara interesses e saúde para bem servir a' causa publica no sector da instrução e na formação de professorado a' altura de missão.

Num soneto dedicado a Caetano de Campos, disse um seu amigo, José Bonifacio o Moço:

"O mundo é um campo, uma seara a vida!"

Nesse campo ceifou Caetano de Campos, para jamais deixar a seara do util. E os que ficaram no campo, estando na seara, premeiam de continuo a memoria do sementeiro-segador que tão cedo se partio, fulminado no coração.

Um dos premios é visivel na denominação Biblioteca Caetano de Campos na Escola Primaria anexa a' Escola Normal Modelo de S. Paulo. Os livros da Biblioteca, servindo a jovens consulentes, lembram aqueles outros livros aos quais tão apegada foi a cultura de Caetano de Campos. E a prova de que tambem a juventude se esforça por iniciar cultura esta' num orgão do Curso Primario da Escola Caetano de Campos, "Nosso Esforço", assim significativamente intitulado um jornal de alunos.

A figura de Caetano de Campos merecia uma herma. Teve-a para honra de S. Paulo: do seu professorado, da sua infancia, da sua população erguido rapida e entusiasticamente o monumento consagrativo.

Ao ser inaugurada a herma, um orador, o dr. Oscar Thompson, disse: "A herma Caetano de Campos é o monumento dos mestres e das crianças paulistas." Uma cidade inteira ratificou a declaração, revivido para o grande educador o verso do soneto de José Bonifacio a ele dedicado:

"O mundo é um campo, uma seara a vida!"

O educador o compreendeu dando razão ao poeta.

E. D.

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-
107 s/loja — 1.º e 2.º ands.
Caixa Postal, 178-B e 2999
fone 2-4550

Tele { grama "CONSTRUTORA"

**EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL**

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agências em todas
as cidades do Brasil.

CASA ANGLO-BRASILEIRA

E **Em São Paulo...**

e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

**"SINTO-ME
SATISFEITA,
E
COM
RAZÃO!"**

VERIFIQUE
O ACAM-
PAMENTO
INDIO
EM CADA
PACOTE

Naturalmente, sinto-me tão bem disposta...
cheia de vivacidade e energia. Boa saúde é a
razão da alegria de viver! Assimile alimentos
verdadeiramente
nutritivos, prepara-
dos com Maizena
Duryea — o ali-
mento supremo.

**MAIZENA
DURYEA**

▲ LTDA.

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

**Primeiro
indício!..**

Não perca tempo
quando sentir os sin-
tomas de uma consti-
pação — o descuido
pode custar-lhe caro.
Aplique logo Men-
tholatum no peito,
na garganta e nas
fossas nasais. Mas
exija o legítimo



MENTHOLATUM



CASA DA RUA REPUBLICA 59, ST. MANDÉ, SENA, NOS SUBURBIOS DE PARIS. AQUI SE INICIA ESTA BREVE HISTÓRIA, PORQUE FOI NESSE HUMILDE "NEGOCIO" QUE NASCEU CLAUDETTE CHAUCHOIN, A PEQUENA LILY, COMO A CONHECIAM NO BAIRRO. COMO TODAS AS MENINAS, SONHAVA COM PRINCEPES E FADAS, MAS NO SEU CASO A FANTASIA FEZ-SE REALIDADE: TAL COMO SI O SEU DESTINO SEGUISSSE AS ORDENS DE UMA FADA BEMFEITORA, CONSEGUIU VENCER O DIFÍCIL TRAJETO QUE VAI DESSE BAIRRO DE MANDÉ ATÉ HOLLYWOOD, ESCALANDO NOS MAIS DESTACADOS POSTOS DA CINEMATOGRAFIA ATÉ SER UMA DAS "ESTRÉLAS" FAVORITAS DESTES ÚLTIMOS TEMPOS.



TINHA ENTÃO TRÊS ANOS E AINDA SE CHAMAVA CLAUDETTE CHAUCHOIN. ESTA É UMA DE SUAS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS, E O SORRISO QUE ILUMINA GRACIOSAMENTE SEU ROSTO DE BONECA DEMONSTRA A NATURALIDADE COM QUE POSA, COMO SI ADVINHASSE QUE POSAR ANTE UMA CAMERA FOTOGRAFICA TERIA DE TRANSFORMAR-SE EM SUA OCUPAÇÃO PREDILETA, NO RECURSO FUNDAMENTAL DO SEU ÊXITO NA VIDA.



TRANSCORRERAM MAIS DOIS ANOS. NOSSA HEROINA CRESCER E A FALTA DE NATURALIDADE COM QUE POSA, AGORA, É EXCLUSIVAMENTE CULPA DO FOTOGRAFO QUE SE PROPOZ PROCLAMAR A NASCENTE VOCAÇÃO ESTÉTICA DA MENINA. SERIA MERA COINCIDENCIA QUANTO AOS DESTINOS QUE A CHAMAVAM? DE QUALQUER MODO, ESSA POSE, INGENUAMENTE ARTISTICA, NÃO CONVIDA A FORMULAR PROGNOSTICOS FAVORÁVEIS SOBRE O FUTURO DE UMA ESTRÉLA NASCENTE.



LILY ESTAVA AGORA LONGE, MUITO LONGE. FICARA NA RUASINHA DA REPUBLICA, NO BAIRRO DE ST. MANDÉ. OS MAQUILLADORES COMPLETARAM A OBRA DA TRANSFORMAÇÃO E AS GRACIOSAS FEIÇÕES DA ARTISTA SE AFINARAM, FIZERAM-SE MAIS INTERESSANTES. A ETERNA OBRA DE HOLLYWOOD QUE SE REVELAVA UMA VÊZ MAIS. ELA ERA AGORA CLAUDETTE COLBERT, PARA TODOS OS EFEITOS. E SEU NOME COMEÇAVA A SER DECORADO POR CENTENAS E MILHARES DE ADMIRADORES, NO MUNDO INTEIRO...



PROSSEGUINDO EM SUA CARREIRA CINEMATOGRAFICA, FILMOU A "CASA DOS MISTÉRIOS", PELICULA DE TEMA VIOLENTO, DURANTE A QUAL A PROTAGONISTA PASSAVA POR MOMENTOS QUE PUNHAM À PROVA SUA VEIA DRAMATICA. ELA DAVA BRILHANTEMENTE CONTA DO RECADDO. A MENINA INGÊNUA, EMIGRADA DA FRANÇA, CONVERTIA-SE EM UMA INTERPRETE DE RARA SENSIBILIDADE. SALÁRIOS MAGNÍFICOS. COMENTÁRIOS ELOGIOSOS DA CRITICA. NUMEROSA CORRESPONDENCIA. DISTRIBUIÇÃO DE FOTOS AUTOGRAFADAS. SUCESSO, MUITO SUCESSO...



AGORA SIM, ERA NOTÁVEL! AQUELES COMENTÁRIOS VENENOSOS DOS VISINHOS DE ST. MANDÉ, AO VÊ-LA, EM 1939, À PEQUENA LILY, TÃO CRESCIDA E TÃO OUTRA, JOGANDO CENAS DE AMOR COM O ENTÃO FAMOSO MAURICE CHEVALIER, TRANSFORMAVAM-SE EM FRASES DE APREÇO. CHEVALIER DEVIÁ TORNAR-SE, DEPOIS, UM POBRE "COLABORACIONISTA" DOS NAZISTAS, MAS CLAUDETTE CONTINUARIA FAMOSA...

A maravilhosa

HISTORIA DE LILY CHAUCHOIN



E CONTINUA SUBINDO, CHEIA DE TRIUNFOS, A PROTAGONISTA DA NOSSA HISTORIA. UM ANO DEPOIS, FILMAVA "O SINAL DA CRUZ", UMA DAS MONUMENTAIS PRODUÇÕES DE CECIL B. DE MILLE, COM UM ELENCO ONDE PARTICIPAVAM CHARLES LAUGHTON, ELISA LANDI E FREDRIC MARCH. A CONSAGRAÇÃO DEFINITIVA CHEGAVA. NINGUEM MAIS DISCUTIA OS MÉRITOS DA GAROTA DE ST. MANDÉ...

MAS UM BELO DIA, MR. CHAUCHOIN DECIDIU TENTAR A GRANDE AVENTURA DA AMERICA, E SEM MAIS PENSAR, EMBARCOU COM A FAMILIA. "VOU EM BUSCA DE FORTUNA", DISSE AOS AMIGOS. MAS, NA REALIDADE, IA EM BUSCA DO DESTINO DE LILY. -E AGORA NOSSA HEROINA, QUE SE MATRICULOU EM UM COLÉGIO DE N. YORK, APROVEITA SUAS FOLGAS PARA FOTOGRAFAR-SE COM TODA A SUA GENTE.



TEVE QUE INTERROMPER SEUS ESTUDOS. OS TEMPOS ÉRAM DIFICEIS E DAVA LIÇÕES DE FRANCÊS PARA AJUDAR SEUS PAIS. ASSIM CONHECEU ANKE MORRISON, ESCRITORA TEATRAL QUE LHE FACILITOU SEU INGRESSO EM UM MEIO QUE TAMBÉM A SEJUZIA. POUCO DEPOIS, ESTREAVA EM UM TEATRO DOS SUBURBICOS DESEMPENHANDO UM PEQUENO PAPEL, DE RELATIVA IMPORTANCIA.



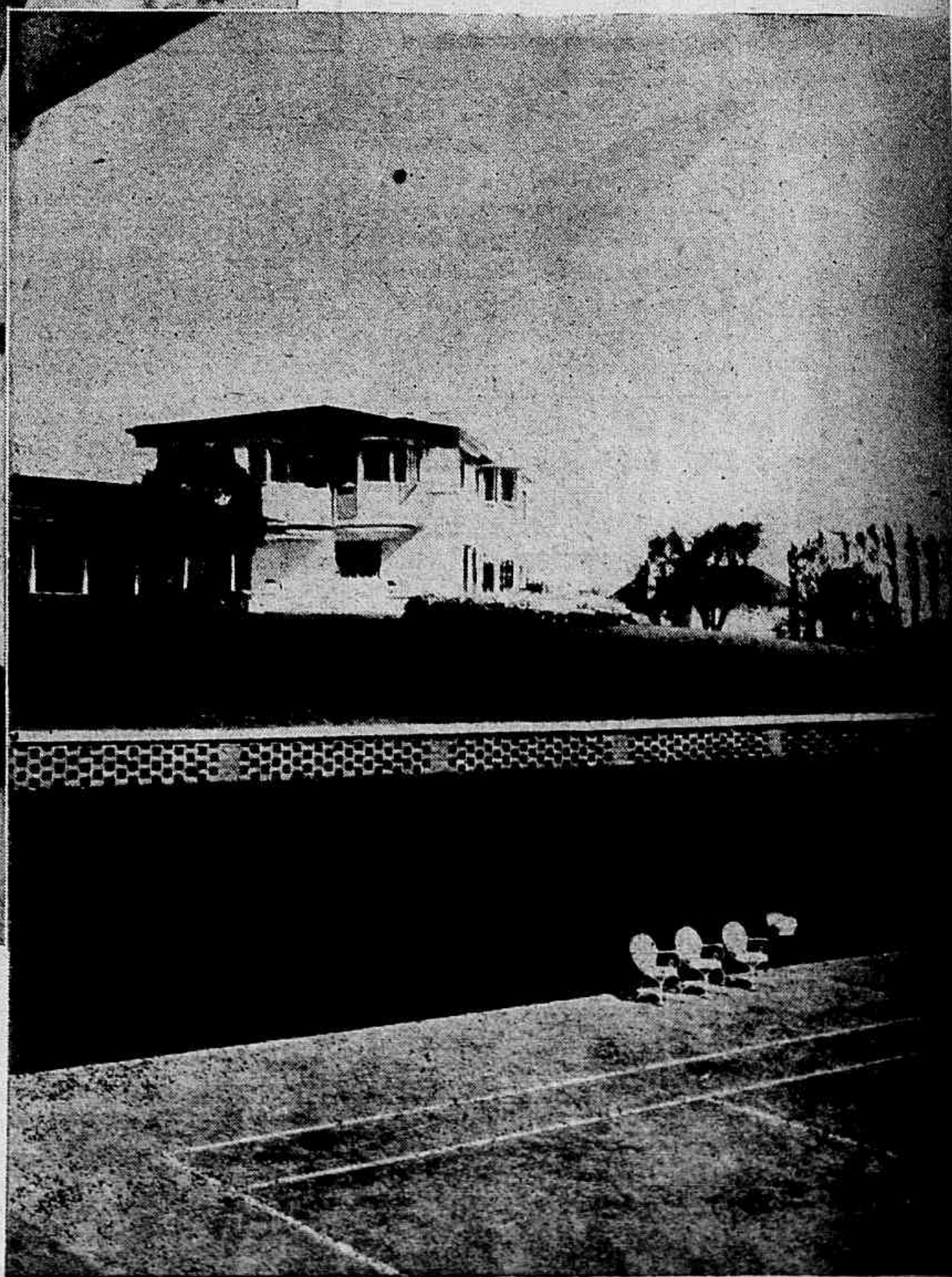
FOI ASSIM QUE LILY CHAUCHOIN SE TRANSFORMOU EM CLAUDETTE COLBERT. O MAIS DIFÍCIL HAVIA CONSEGUIDO. SEU TEMPERAMENTO SENSÍVEL SE INCUMBIU DO RESTO, E DOS PAPÉIS SECUNDARIOS PASSOU PARA OS DE RESPONSABILIDADE, ATÉ QUE EM 1926 APARECEU NA TELA. NESTA FOTO, APARECE COM NORMAN FOSTER, SEU GALÃ NA VIDA DE CINEMA E TAMBÉM NA PARTICULAR.



E AQUI ESTÁ A CLAUDETTE COLBERT DE NOSSOS DIAS ENCANTADORA, CHEIA DE SEJUÇÕES, CONTINUA GANHANDO TRIUNFOS E, SEM DUVIDA, É AINDA UMA DAS FIGURAS MAIS COTADAS DO DIFÍCIL MERCADO DO CINEMA...



E COM ESTE CLICHÉ QUE NOS MOSTRA UM ASPECTO DE SUA MARAVILHOSA RESIDENCIA EM HOLLYWOOD, A HISTORIA DA PEQUENA FRANCESINHA QUE DOS SUBURBIOS DE PARIS FOI TRIUNFAR EM HOLLYWOOD, CHEGA AO SEU EPILOGO. QUE DIFERENÇA COM AQUELA QUE AERE A PÁGINA, DO OUTRO LADO! MAS CLAUDETTE AINDA HOJE GUARDA SAUDADES DAQUELA ANTIGA E DIZ AOS AMIGOS, MOSTRANDO A FOTOGRAFIA: "VÊEM ESTA MODESTA LOJA? AQUI NASCEU LILY CHAUCHOIN. QUEM ÉRA' LILY? AH, UMA AMIGA MINHA... UMA AMIGUINHA QUE NÃO VOLTEI A VÊR NUNCA MAIS..." E ÀS VEZES, RECORDANDO LILY, A "ETRELA" DE HOLLYWOOD NÃO PODE EVITAR QUE SEUS OLHOS SE HUMEDECAM...



AVES DO BRASIL

A exposição de Renato Cataldi no Museu Nacional de Belas Artes.



FLAGRANTE NO MUSEU DE BELAS ARTES, QUANDO SE INAUGURAVA A EXPOSIÇÃO DE RENATO CATALDI. VÊEM-SE O PROFESSOR OSWALDO TEIXEIRA E O SR. MARTINHO NOBRE DE MELLO, EMBAIXADOR DE PORTUGAL, ALEM DE OUTRAS PESSOAS QUE ASSISTIRAM AO ATO.

Constituiu uma nota de alto relevo artístico e social a exposição de aves, de autoria do professor Renato Cataldi. Essa exposição que foi inaugurada pelo embaixador de Portugal, sr. Martinho Nobre de Mello, teve o apoio oficial do Museu Nacional de Bellas Artes e reuniu, naquela festiva tarde, um selecionado grupo de artistas, apreciadores de pintura e elementos de escol. Também o professor Osvaldo Teixeira, diretor do Museu de Bellas Artes ali compareceu tendo ocasião de apreciar os excelentes trabalhos de Cataldi. Fugindo ao lugar comum, o autor conseguiu apresentar motivos unicamente colhidos na avifauna brasileira e foi feliz, tanto na escolha de bom gosto, quanto na perfeição da copia. Ali foi distribuido tambem um interessante opusculo intitulado *Por causa de uma exposição*, de autoria de Ary Medici Ribeiro, onde se apreciam detidamente os quadros do expositor. Desse opusculo são as seguintes frases: "Renato Cataldi pretende percorrer as Americas com seus lindos passaros. E' uma delicada, quão gentil, forma da Politica de Boa Visinhança. Merece o apoio geral. Reproduzir o que ha de bello na natureza brasileira, eis o que ele se propõe".



Não sei se já repararam, mas os grandes criminosos, assassinos da pior espécie é que se estão tornando os heróis do povo americano. Isso é inconcebível! E' monstruoso. Os honestos policiais lutam, ardorosamente, para a extinção do crime e lutam contra o próprio povo cuja segurança mantem e sobre cuja ordem velam, ciosos de suas responsabilidades. Pois bem, o povo os odeia como se fossem seus verdadeiros inimigos. Os senhores nem calculam... Na semana passada visitei um homem condenado à morte por homicídio duplo; assassinara suas duas esposas... Pois ora muito bem: a prisão estava cheia de mulheres, que o admiravam e achavam altamente injusta a sua condenação. Que mais necessitam saber ao estar ao par de tais fatos? No mínimo cinquenta bráçadas de flores, na cela do homem, e uma infinidade de cartas de supostas admiradoras. Admiradoras... Os verdadeiros grandes homens não tem admiradoras. Não sei por que. Ou, melhor, sei. E o motivo é o que lhes referi.

— Mas, dr., o senhor não estará confundindo um fato particular de histeria com um fato mais geral e de significação social? Tódo o sentimento tem os seus fanáticos, filantropia como religião ou sofrem desvirtuamentos. Essas mulheres tinham uma visão falsa da filantropia.

— E' descabido julgar o princípio por uma exceção ou umas exceções.

— E por que não? retrucou o inglês. E, novamente intrometendo-se na continuação:

— Mas, voltemos ao ponto de partida de toda essa digressão, isto é, o grau de civilização.

UM CASO DE CONSCIENCIA

(Continuação da pag. 18)

— Como, o grau de civilização?

— Sim, o grau de civilização que pode ser aferido, de acordo com o menor ou maior valor atribuido à santidade da vida humana no meio da sociedade em questão.

— Peço licença para juntar alguma coisa ao que o senhor disse, falou a moça de preto.

— Pois não. Tem toda, senhorita.

— Queria somente dizer que não é só pelo fato de se respeitar a vida humana, mas também pelo respeito à felicidade humana.

— A felicidade humana, sem dúvida, assentiu o inglês, cavalheiresco.

— Entretanto, comentou o advogado, eu acho que é incontestável o fato de que uma sociedade assim constituída, baseando-se no respeito da vida e da felicidade humanas tenderia para a covardia e no seu seio certamente seriam escassos os verdadeiros heróis.

— Mas meu caro senhor, disse o jornalista, será que a existência de heróis é definitivamente afastada com o advento dessa sociedade? Evidentemente que não. Os ânimos fortes são fortes porque são. E, além do mais, mesmo aceitando o que o senhor diz como certo, admitindo que desapareçam os grandes vultos

uma correspondente elevação das massas se seguirá a este fato e eu creio que essa elevação do nível cultural como do grau de civilização é benéfica para o maior número.

— Falando de uma maneira geral, eu acho que o nosso sistema é bem bom.

— Eu discordo.

— Poderia saber as razões?

— Dê-me o senhor, primeiro, as razões por que afirma que o nosso sistema é bom.

— Com muito prazer. Uma espécie de média, entre os dois extremos é a coisa desejável e é a que temos. Se é certo que não temos mais aquele ardor patriótico dos nossos avós, temos mais sensibilidade, e, se formos lutar, lutaremos, porque o raciocínio nos manda, lutaremos concientes e não levados por um fanatismo patriótico da pior espécie. Se não somos mais aqueles senhores cavalheirescos da idade média, também não somos tão estúpidos quanto eles, nem fazemos mais toda a espécie de insensatez, como eles faziam. Se perdemos o lado pitoresco, que é pouco importante quando comparado pelo lado higiênico, que é mais do que relevante, como os senhores bem sabem.

A moça de preto virou-se para o inglês e disse:

— Eu por mim nunca admirei a idade média e não podia deixar de pensar que, apesar de todos os seus feitos estupidamente heroicos, os guerreiros medievais usavam uma roupa só durante toda a sua vida e isso estraga um pouco o lado romântico da história. Além disso, nunca compreendi por que, fazendo o bem de tantas maneiras, eles praticassem atrocidades ao mesmo tempo, o que tirava todo o valor das suas boas ações. Lutavam por um ideal e depois mandavam cortar as cabeças de prisioneiros indefesos. Não, meus senhores, a idade média não foi tão maravilhosa, como se pensa.

— Tem toda a razão, redarguiu o inglês, tem toda a razão.

— Não creio que algum de nós esteja suspirando pela volta da idade média, comentou o jornalista. Se o homem se confinasse à adoração do cognoscível o mundo cairia no ateísmo.

Dita esta frase, de grande feito, mas pouca oportunidade, ele calou-se.

A moça de preto novamente falou.

— Os grandes amantes da história foram, em geral, misantropos. Pois bem. Um tio meu disse-me certa vez, que só tinha aprendido a amar a humanidade quando fora forçado a passar vários anos num lugar solitário.

— Tinha ele razão... Eu me lembro de um caso...

O alienista, porém, interrompeu-o.



— Senhores, nós estamos saindo do assunto e eu tinha vontade de conhecer a opinião de todos a respeito. Não chegamos a conclusão alguma.

— E' verdade disse o advogado. Voltemos ao que interessa.

— Pode ou não o ato de salvar a vida de um homem ser considerado inumano? Foi esta a minha pergunta, falou o alienista.

O advogado imediatamente observou.

— Talvez o seu interesse pela teoria deriva de um algum caso concreto. Acertei? Acredito que o senhor já teve ocasião de aplicar as suas convicções a respeito de uma maneira prática.

— E' verdade.

— Nem poderia deixar de ser. Não há teoria que se forme sem ter um caso objetivo como base.

O alienista parou de comer. Todos, instintivamente, se voltaram para ele. Sem saber porque, esperavam que ele dissesse alguma coisa importante.

Houve um silêncio.

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FOR O PREÇO

— Foi há muitos anos, começou o alienista. Querem ouvir a história?

Houve um murmúrio de assentimento.

— Muito bem.

— O senhor me dá a impressão de quem vai contar uma história horrível.

— Nem chega a ser uma história, senhorita. E' um fato que ocorreu.

Foi, como já disse, há muitos anos. Era eu ainda estudante de medicina e fazia o meu curso em Heidelberg, na universidade famosa. Deixara a Inglaterra havia muito tempo e sentia saudades. No estrangeiro, por mais bem acolhido que se seja, não se sente inteiramente à vontade. Planejava eu, portanto, uma viagem à Inglaterra quando recebi uma carta urgente de uma prima.

Devo dizer aqui que, naquele tempo, eu era um pessimista e um cético. Coisas da mocidade. Lia Schopenhauer e Von Hartmann e aceitava as suas teorias, com aquela sede de certeza que tem a mocidade. Sem observar quanto era falho o pensamento humano, quão vãs eram as teorias por ele formuladas, eu me deixara levar pelo entusiasmo da época e lia com fervor quasi religioso os livros

do filósofo alemão. Hoje sou ainda pessimista e verdadeiramente cético, como não o era naquela época, mas o meu ardor e entusiasmo passaram, o que não é culpa do pessimismo nem do ceticismo mas virtude da meia idade...

— Os homens quando se tornam menos radicais, já podem ser contados entre os conservadores, disse o jornalista.

— E' uma questão de opinião meu amigo.

— Não contesto.

— Mas, prossigamos.

— Adiante.

— Pois bem, disse o alienista. Vamos adiante.

Como eu ia dizendo, era um pessimista e uma das minhas convicções mais arraigadas era que não há nada sobre o que um homem tenha mais direito e autoridade do que sobre a sua pessoa e sobre a sua vida. Essa idéia finha até adquirido foras de verdade incontestável, ou dogma, como queriam, no nosso pequeno grupo de entusiastas de Schopenhauer.

Nós iamós até ao extremo de pregar que a vida deveria terminar quando terminasse a utilidade e, assim, aceitávamos as teorias da matança dos velhos e inválidos e acreditávamos que, chegados à velhice, todos nós calmamente, tomaríamos um revolver e arrebentariamos os miolos. Hoje sei como naquele tempo errávamos. Errávamos por desconhecer a velhice. O velho não confessará nunca que está velho e que o melhor que tem a fazer é dar um tiro na cabeça.

Mas tudo isso veio a propósito da minha prima, que me mandara chamar urgentemente, em Viena. Tratava-se de um triste caso de vício de morfina. Não podia, não tinha forças para tratar-se, mas teve a coragem de me mandar chamar, sem o que eu não teria entendido a sua cura, em virtude mesmo das minhas convicções. Foi um sucesso. Em tempo relativamente exíguo, ela estava boa e bem disposta, e quando a dei por curada, chamou-me ao seu quarto e entregou-me o seu último pacote de morfina sem pena.

Parti. A minha viagem à Inglaterra fôra adiada, mas não indefinidamente. Agora que ela não precisava mais de mim eu poderia partir. Tomei o primeiro comboio e fui.

No mesmo carro que eu, vinha um homem a quem não prestei muita atenção a princípio.

Viajamos juntos até a Inglaterra, com todas as baldeações, sem trocar mais

de duas palavras. "Com licença" e "Obrigado" foi tudo o que dissemos um ao outro na primeira etapa da nossa viagem.

Já na Inglaterra, a caminho de Londres, foi que, pela primeira vez, êle me falou.

Mas é preciso primeiramente descrever-lo para que tenham uma idéa mais precisa sobre êle.

Deveria ter mais ou menos uns quarenta anos e era muito magro. Alto, com um ar de distinção, via-se logo que se tratava de um homem que, apesar de bem educado, e seguramente remediado, não era rico. Tinha testa alta e cabelos ondulados.

Depois de alguns minutos de viagem, lembrei-me de um livro que trazia no fundo da mala e que desejaria ler e abri-a, para procurá-lo. Entre as coisas que extraí do fundo da valise, estava o vidrinho de morfina, devidamente selado e com uma etiqueta que dizia: VENO. Quando levantei a cabeça reparei que o olhar dele pousara no vidro e que tinha a expressão que se vê nos olhos de um cão faminto diante de um prato de comida ou de um ladrão diante de um colar de pérolas.

Pensei logo que se tratava de opiomano que se achava no momento sem a sua habitual provisão da droga. E, decidido a tirar da frente a tentação fechei depressa a mala e coloquei-a debaixo do meu "pullman".

Houve uma longa pausa. Tomei o livro e comeci a ler. Alguns minutos mais tarde, êle apanhou um charuto e pediu-me fogo. Vi logo que se tratava de um pretexto para entabular conversação, mas não me recusei.

Passávamos por uma aldeola e o tempo estava prenunciando chuva.

Meu companheiro de viagem olhou para fora. Na estação, dois investigadores, a paisana, esforçavam-se para se misturar ao povo que saía e entrava. Meu companheiro viu-os e teve um gesto brusco. Depois acalmou-se.

— Como está frio! — disse.

— E' verdade.

Pausa.

— O senhor vai para Londres?

— Não, senhor. Fico em Leicester.

Por que pergunta?

— Eu... Nada. Desculpe a indiscreção.

— Está desculpada.

Eu abandonara a leitura para admirar a paisagem. De repente, êle apanhou o livro que eu pousara sobre a mesa.

— Vi logo que o senhor era médico.

— E' verdade.

— Estudante?

— Acertou.

— E, se não me engano, da universidade de Heidelberg.

— Não é difícil descobrir, vendo o nome do autor do livro.

— E o senhor não vai para Londres?

— Já lhe disse que não. Repito-lhe que fico em Leicester.

— Ah!

Devolveu-me o livro.

— O senhor é um homem sensato?

Fiquei surpreso.

— Não sei dizer. Ou, melhor, não posso dizer. Como pode um homem julgar-se a si próprio?

— Já isso é suficiente para me convencer de que o senhor é mesmo um homem inteligente.

— Agradeço a gentileza.

CUTIS
CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

DA AS FACES UM ROSADO

INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURAS

Dr. SPINOSA ROTHIER

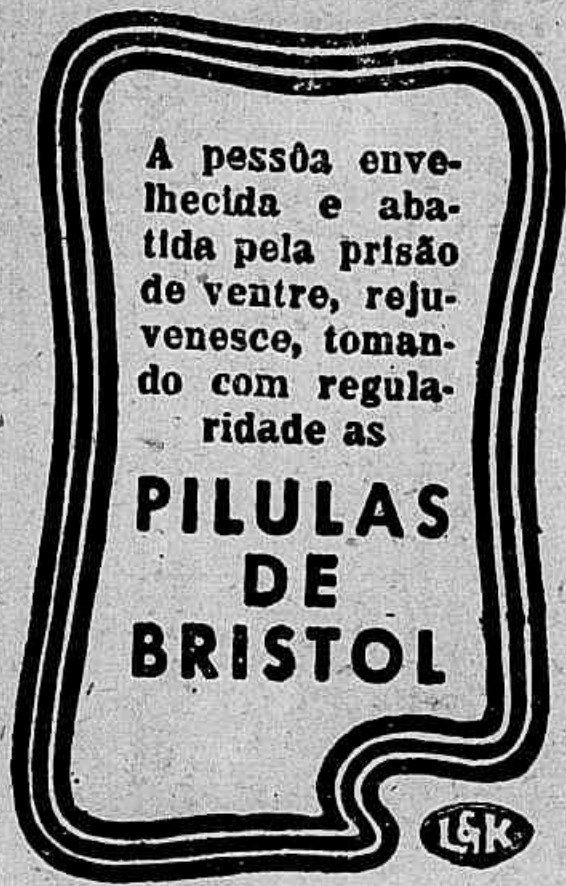
Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

— Não há de que.
 Houve uma nova pausa e, a seguir, mais perguntas. O homem intrigava-me.
 — O senhor é filósofo?
 — Filósofo em que sentido?
 — No melhor dos sentidos. Filósofo verdadeiro.
 — Todos nós temos a nossa filosofia. Pode dizer que eu sou um filósofo amorador.



**PÓ DE ARROZ
 RAINHA DA HUNGRIA**
 De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
 A VENDA EM TODA A PARTE

A CARIDADE ALIVIA: O SEGURO EVITA

Os velhos, os fracos, os enfermos encontram na bondade dos contemporâneos alívio para seus tormentos. A civilização apurou os sentimentos e organizou a caridade. Mas é dever de cada um promover por seu esforço o bem estar da família. Em vida o homem protege os seus. Mas quando falece? Ai o seguro de vida pode suprir o necessário para manter o lar durante muitos anos, até que os filhos, tendo concluído a educação, consigam colocação remunerada. Assim, pelo seguro de vida mantém-se a família fóra da situação incômoda — senão humilhante — de recorrer à caridade.

SUL AMERICA.
 Companhia Nacional de Seguros de Vida
 Caixa Postal 971 Rio de Janeiro

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e re-rescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

DOR DO ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
 DISPEPSIA - ULCERAS

Popais

BANKETS



A minha resposta pareceu agradar-lhe.
 — O senhor tem em seu poder uma coisa que me interessa. Não tenho dinheiro para recompensá-lo. Quer me ceder o que necessito?

— Refere-se à morfina?

— É evidente.

— Impossível!

— Mas eu lhe afirmo que é um caso desesperador.

— E eu lhe asseguro que não farei tal coisa.

— Tenha piedade.

— Piedade? Que tem a piedade a ver com isso? Acaso o senhor quer a morfina para adormecer alguma dor horrível? Não me parece doente. Creio que o senhor quer a morfina para um fim indigno.

Ele ri.

— Moralista, hein?

— Exatamente. Meu caro amigo, quando lhe disse que era filósofo amorador esqueci de lhe avisar que também os problemas da moral me interessavam.

— Muito meritória a sua atitude.

— Agradeço o elogio, apesar de irônico.

— Repito-lhe que não há de que.

O silêncio que se seguiu foi novamente quebrado pelo meu companheiro de viagem.

— Sabe o que me espera em Londres?

— Não tenho a menor idéia.

— A polícia.

— Eles não fariam uma coisa dessas sem motivos.

— Tem um motivo.

— Posso saber qual é?

— Pois não.

— Então?

— Chamam homicídio.

— Chamam homicídio o que?

— Aquilo de que me acusam.

— Conte-me a sua história. Talvez depois de ouvi-la possa dizer alguma coisa.

— Posso contar-lh'a, mas resumidamente, pois é longa. Minha vida é muito movimentada.

— Contentar-me-ei com o resumo.

— Foi assim.

Meu pai era um ladrão. Estranha isso? Mas não era um ladrão comum. Era um político sem moral: logo, um ladrão. Minha família é americana; eu também lá nasci; e foi lá que meu pai fez tudo que o que tinha a fazer para conseguir reunir uma fortuna mal ganha. Depois veio para a Inglaterra, com a intenção de se regenerar e me pôr no colégio. Interessante: a regeneração dele não implicava na devolução do roubo. Muito pelo contrário. Viveria do produto de suas trapagens, muito confortavelmente arrependido de seus crimes.

Minha mãe era histérica e seus últimos dias foram um inferno. Mas mor-

reu cedo, deixando a mim e a meu pai o socêgo suficiente para que ela pudesse esquecer o passado e eu crescer ignorando tudo. Não tivera tempo de contar toda a indignidade de meu pai num dos seus sucessos de histeria.

Cresci. Cresci, de qualquer maneira. Aprendi a hipocrisia que a educação dá, sem a base de moralidade que os princípios inculcam. Não tinha quem me guiasse. Não roubava porque, roubando, iria para a prisão. Não dizia as verdades indiscretas e desagradáveis, porque sabia que só ocultando-as poderia viver em paz entre os homens. Formei meu caráter numa atmosfera de cinismo.

Um dia, na universidade em que cursava as aulas de medicina, vi-me em apuros, por causa de uma mulher. Fugí. Meu pai abaixou o escândalo e expulsou-me de casa. Vaguei pela cidade de Londres, ocupando diversos empregos e fazendo chantagem em cima de meu pai. Surpreendido com o meu procedimento na universidade, ele tivera a franqueza de contar-me os crimes e abrir-se comigo, relatando os seus remorsos. Usava como podia aquilo que ele me tinha contado e forçava-o a pagar para que me calasse.

Mais tarde, andei com outra mulher. Esta obrigou-me a casar. Abandonei-a.

Fui para a Irlanda, decidido a levar uma vida honesta. Porém lá me apaixonei por uma irlandesa e casei-me com ela. Sou bigamo.

Um dia, não aguentei mais aquela vida monótona da Irlanda e fugi.

Fugí e, desta vez, meti-me em apuros de maior monta; em suma, roubei. Roubei e com um cúmplice, que, por sua vez, quis defraudar-me de uma parte do produto. Matei-o.

Dei-lhe o veneno.

— Como? Que horror!

Assim terminou ele a história.

— Dei-lhe, porque ele tinha um vidro de ácido que pretendia ingerir se eu não lhe desse a morfina.

— Mas podia impedir que ele tomasse o ácido...

— Sim. Entregá-lo à polícia e fazê-lo morrer na força...

— Era um assassino...

— Não pensei nele. Pensei na mulher inocente, nas duas esposas inocentes, que haveriam de vêr todo o escândalo, que haveriam de sofrer...

A moça de preto estremeceu.

— Enforcamento é horrível...

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Recebemos o número de Fevereiro de 1944 do Mensario do Jornal do Comercio.

É o tomo XXV, vol me II, e traz, como sempre, matéria interessante, selecionada entre os artigos que o Jornal publica em suas edições diárias.

Mas o advogado redarguiu:

— O homicídio também... E lançou um olhar significativo para o alienista. Este sorriu e disse:

— Sabe que existe um tipo de assassino consciencioso, meu amigo?

Durante o resto do jantar, uma atmosfera de dúvida e constrangimento pairou no ambiente. Mais tarde, o baile a bordo fez com que todos esquecessem a história. Todos menos o médico, cujo semblante não se desanuviara...



A PIANISTA DOS DEDOS DE FADA

(Continuação da página 31)

No meio das dificuldades inerentes a este gênero de composições, o capriccio fazia nitidamente sentir em seu fraseado o caráter do país que o inspirou.

Sentia-se em sua melodia aquele quê de caracteristicamente espanhol, tão apreciado e procurado pelos compositores estrangeiros à pátria de Falla e Albeniz.

Não se sabia que apreciar melhor, se o ineditismo da música, se a interpretação da artista.

Só fundindo um e outro numa impressão global.

Assim fez o auditório.

Palmas ainda mais fortes ressoavam pela sala.

Como das outras vezes as insistentes chamadas obrigam a jovem artista, que já devia estar fatigada, a vir receber nova messe de aplausos para incentivo de sua carreira já tão brilhante.

O público não se retira.

Sabe que o concerto já se acabou mas, enquanto não obtiver um ou mais extras, não arredará pé.

Maria Augusta satisfaz a vontade do público.

E uma das modalidades do estilo chopiniano, a qual faltou à segunda parte, aparece: a valsa.

Ouve-se assim, como ultima impressão, uma valsa de Chopin e das mais lindas e populares.

Mais aplausos.

A hora porém, se adianta.

Novos aplausos e por fim, entre flores policromas e odorosas, encanto dos olhos e do olfato, some-se entre as dobras do velário a figura graciosa de Maria Augusta, a flor de harmonia que durante duas horas constituiu o encanto dos nossos ouvidos.

O QUE SE DEVE evitar

MARIA LUCIANA

Sílvia ROGER

Eis a sua carta:

"Querida Sílvia Roger.

Durante a minha meninice, e até os meus 19 anos, vivi com uma tia que, muito moça enviuvou e assim se conservou, guardando eu doce recordação do seu lar; costumava ela falar-me longamente, em nossos tranquilos serões, da casa dos meus avós, onde as tradições e as virtudes encontravam guarida, onde havia confiança mútua, compreensão e carinho, onde o passado era um evangelho escrito por várias gerações, e o futuro alguma coisa de sagrado que se tem de legar aos filhos. Nesse convívio eu ia, dia a dia, construindo o meu castelo encantado e desejava ter um lar que fosse uma continuação daquele que fôra o lar de minha tia, modelo do outro de minha avó.

Noiva, tive de voltar para a companhia de meus pais, e foi com a alma cantando que regressel.

A minha tia era sem dúvida uma boníssima creatura mas, triste e tranquila, a sua beleza outonal dava a tudo quanto nos rodeava um toque de aristocrática melancolia. Por isso mesmo costumava levar-me a casas de amigas e pessoas mais alegres. Eu sabia que minha mãe também era bonita e gostava de divertir-se.

Mas o modelo de família que minha tia criou em minha imaginação não existe mais: tudo o que havia de digno no casamento, o egoísmo matou. A mulher em seu afã de emancipar-se, de *gostar* a vida, abandonou a sua verdadeira e única missão. Ser mãe e esposa. E' o que vejo em minha casa. Meus pais discutem constantemente, se fazem recriminações, se acusam. Cada um vive a sua vida, como se fossem estranhos. Sei que se casaram por amor: mas não posso crer, como tanto afeto, tantas juras, tantos castelos do noivado puderam transformar-se nisto.

Sinto-me sem fé na vida e enristeço quando meu noivo começa a falar com entusiasmo no nosso futuro lar: fico cismando si também nós não seremos um dia como meus pais, quasi estranhos um ao outro ou, pior, quasi inimigos, que se acusam mutuamente de todo o fracasso de suas vidas atormentadas em busca dos prazeres falazes de um mundo hipócrita e vaidoso."

O pessimismo não ajuda ninguém. Você é uma criaturinha inteligente e que teve uma educação sadia, princípios que a ajudarão a construir o seu lar conforme seu desejo. A mulher é sempre a principal construtora da propria felicidade e é necessário que o marido seja uma creatura excepcionalmente má, ou tenha vícios, para que o esforço da mulher não seja compreendido e secundado. Torne o seu lar um ambiente agradável, confortável, um refugio para o seu marido; seja amiga e companheira: toda esposa deve ser um pouco maternal e seu marido sentirá sempre a falta de sua presença amável, carinhosa e útil. Esteja sempre disposta a acompanhá-lo às festas, cinemas, teatro ou qualquer outro divertimento do seu agrado, preferindo sempre a companhia dele à de amigas. Essa união, esse companheirismo os torna necessários um ao outro e apertará sempre mais os sagrados laços. Não se preocupe nunca com as idéias de suas amigas, conserve as suas, julgando-as sempre de melhor qualidade. Lembre-se, querida, que toda felicidade na vida é precária e construa a sua segundo o seu nobre sonho, sem crer que as aventuras e emoções possam dar a alguém segurança, paz e satisfação.

Creia na vida e na felicidade que seu coração pôde e deve construir no seu lar futuro.



Louise Albretch (Universal).

Copa e cosinha

Mme. Risoleta

Tortas



Geralmente as massas são um test culinario, pois não é cousa facil prepara-las perfeitamente de acordo com o fim a que se destinam. A massa para empadas é mais fina, mais gordurosa do que a de pasteis, pastelões ou macarrão; contudo a fórmula fundamental é uma só, aumentando ou diminuindo a dosagem de gorduras (manteiga, banha ou azeite) e nforme a aplicação.

4 chicanas de farinha - 3 colherinhas de pó Royal - 1 colherinha de sal - 1 xícara de manteiga derretida misturada com banha - 1 xícara de agua morna - 2 ovos. Misture a farinha e o pó Royal, faça um buraco no centro e põha o sal, o ovo, a gordura e a agua; vá mexendo com um garfo e depois com as mãos até amassar uns momentos. Vá depois tirando pedaços do tamanho de ovos e esticando com o rôlo de madeira, e esta' pronta para pasteis de carne, doce, etc.; com um pouco mais de gordura fica boa para pastelões e empadas.

Uma vez pronta a massa, é só preparar o recheio, que pôde ser salgado ou doce oe gosto de quem...o vai comer

PASTELÃO DE CAMARÃO A' MARANHENSE

1/2 ki'o de camarão sêco - 5 batatas, leite de côco - tempêros.

Descasca-se os camarões mergulhando-os em agua e limão por 30 m; faz-se um bom refogado com cebolinha verde, alho, pimenta de cheiro (2) coentro (ou salsa) com azeite. Cosinhe as batatas em agua e sal e pique-as depois de descascadas; escorra os



camarões e ponha-os a refogar, junte o leite grosso de um côco, junte as batatas e 1 colherinha de maizena, retire do fogo. Com a massa cubra a fôrma untada de manteiga, depois de estica-la com o rôlo. Encha com o recheio de camarões cubra com outra capa de massa bem esticada e leve ao fôrno quente.

TORTA DE CHOCOLATE

Faça a massa, conforme a receita para pastelão.

RECHEIO — 1 xícara de manteiga - 1/4 chá de açúcar - 4 ovos, extrato de baunilha 20 gotas (1 colherinha) 1 chá de leite, 1 xícara rasa de maizena, 1 xícara de nozes (mido) passas, ou damasco 100 grs. 1 maçã.

Desmanche o chocolate no leite, com os ovos, o açúcar e baunilha faça uma gemada, junte a manteiga e a maizena e depois o chocolate, por fim junte as nozes e as passas (ou damasco em pedaços) cozinhe em banho-maria. Numa fôrma untada com manteiga, estenda a massa, despeje o recheio e cubra com tiras de massa e fatias de maçã, leve ao fôrno quente.

SOPA DE LEGUMES—Cozinhe em agua e sal até ficarem bem tenras, vagens, couve-flor, e cenouras. Deixe-as escorrer, pique e passe na manteiga 3 minutos.

Ponha em uma caçarola 1 colher de banha, cebolinha verde, salsa, pimenta, e sal, junte 6 tomates, 6 batatas descascadas, 3 cebolas descascadas inteiras, deixe cozinhar até se desfazer tudo, passe em peneira fina, despeje novamente na panela, junte o caldo de um limão com um pouco de agua quente e o resto dos legumes. Sirva bem quente.

TORTA DE CARNE COM MAÇÃ—Cozinhe 3 maçãs grandes passe na peneira, junte 1 colher de manteiga, 1 ovo inteiro, sal e farinha para ligar. Faça um recheio de carne passada na maquina, como para pastel, acrescentando-lhe nós moscada e algumas passas. Ponha a massa numa fôrma untada com manteiga, abrindo-a com a colher; ponha o recheio, estenda em cima o resto da massa e com o garfo vá ageitando. Leve ao forno para tostar.

ASSADO AVAI' — Tome um bom peso corte em fatias compridas, faça um vinha d' lho (limão ou vinagre, sal, alho, pimenta, louro, cominho) ponha nele as fatias durante 60 minutos. Arrume numa fôrma, fatias de bacon sobre elas fatias de carne, sobre esta fatias finas de pão torrado, rodela de tomates e pimentões, mais toucinho, carne e rodela de cenoura e cebola, outra camada de toucinho e carne e fatias de ovos duros; leve ao forno acrescentando um pouquinho do vinha d' alho.

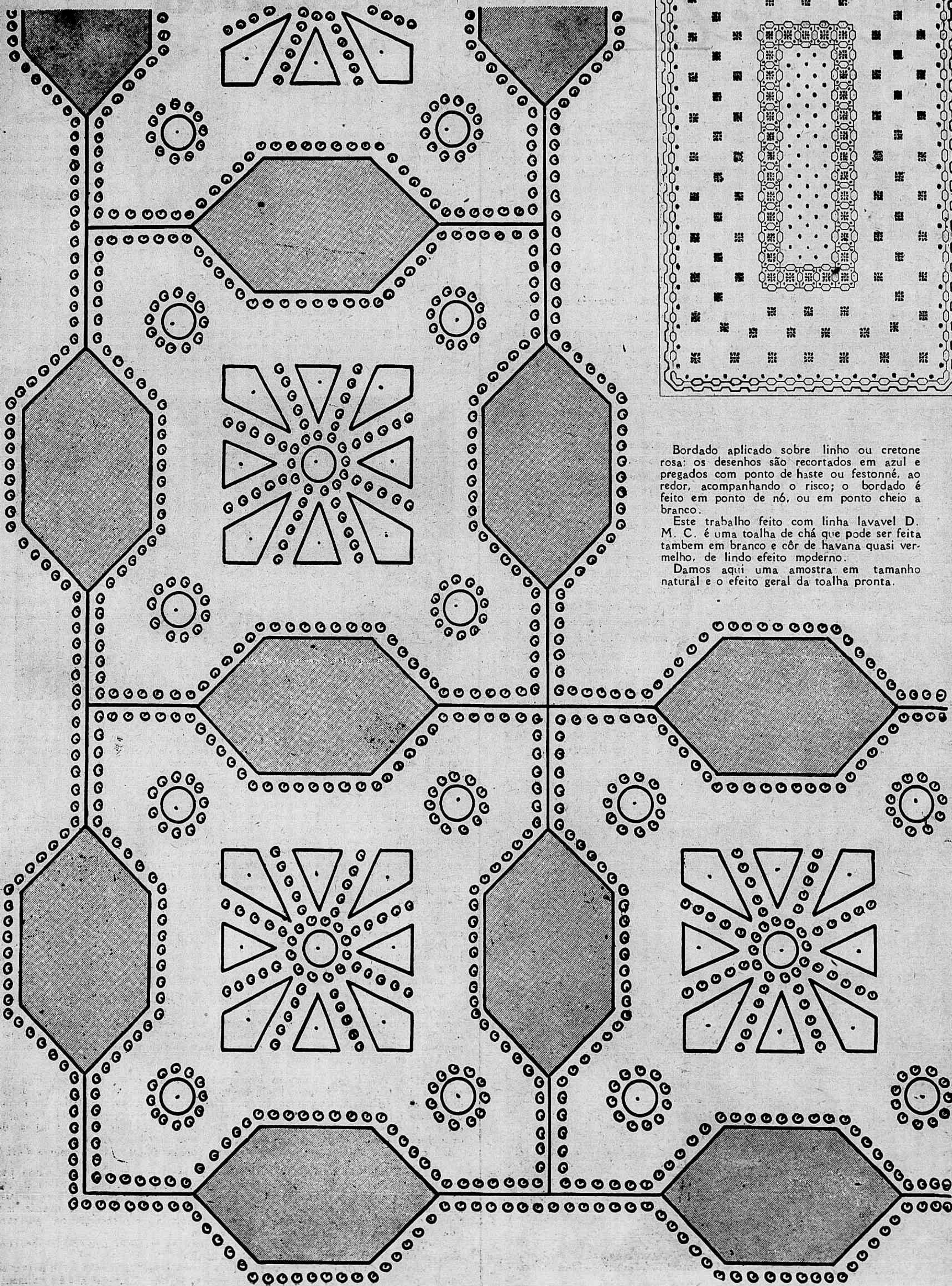
Coleque com cuidado numa travessa e enfeite com *petit-pois* ou salsa *à maitre d'hotel*.

CONSELHOS PRATICOS—Não se deve pôr agua fria numa panela que está cozinhando, isso endurece a carne, os legumes, tira-lhes a melhor porção de vitaminas e do sabor; a agua deve entrar em doses minimas em qualquer panela, conforme o genero da comida, e sempre agua fervendo ou pelo menos quente, isto consegue tapando bem a panela pois a exsudação ajuda a concentração da agua contida nos vegetes, carne, etc., e que não evapora.

— Não é aconselhavel usar o bicarbonato para as verduras pois embora lhes conserve a cor tira-lhes muito do seu valor nutritivo.

— A vinha-d'alhos é apenas tempero para carnes crúas e não deve servir para cozinhá-las pois as tornariam excessivamente azedas; mesmo o vinagre não é condimento para ser usado à vontade e sim com parcimônia.

TRABALHO MANUAL



Bordado aplicado sobre linho ou cretone rosa: os desenhos são recortados em azul e pregados com ponto de haste ou festonné, ao redor, acompanhando o risco; o bordado é feito em ponto de nó, ou em ponto cheio a branco.

Este trabalho feito com linha lavável D. M. C. é uma toalha de chá que pode ser feita também em branco e cor de Havana quasi vermelho, de lindo efeito moderno.

Damos aqui uma amostra em tamanho natural e o efeito geral da toalha pronta.

OUTROS MODELOS



1 VESTIDO DE FLANELA CÔR DE AVELÃ, TEM UMA PALA NO OMBRO E GOLA VIRADA, TEM PESPOINTOS DE "COR- DONNET" VERMELHO; OS BOTÕES E O CINTURÃO TAMBÉM SÃO VERMELHOS.



2 ORIGINAL VESTIDO EM LÃ LISA E DE LISTRAS, FORMANDO BOLSOS; GRANDES PREGAS NA FRENTE.



3 VESTIDO EM GABARDINE CÔR DE AZEITONA, DOIS DESENHOS - PES- POINTADOS FORMAM OS BOLSOS.

**SABONETE
HIGIENIC** HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

4 VESTIDO DE ALGODÃO CINZA, OS BOLSOS EM FORMA DE CARTEIRA, ABOTOADOS; A SAIA COM PREGAS PARA DENTRO, PESPOINTOS E CINTO VERMELHO.

5 VESTIDO EM FLANELA CÔR NATURAL COM BOLSOS DE FANTASIA; PESPOINTOS E PREGAS PARA DENTRO.



FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

**Colar de dente de cobra
como talismã de amor!**



COMO um dos meios de atrair o homem amado, a feiticeira recomendava: "Enfiem-se três dentes de cobra num fio de linha preta untada com cêbo de carneiro, faça-se um colar que se deixa ficar ao sereno durante três noites seguidas de lua cheia e a seguir pendure-o ao pescoço sempre que for ao encontro do homem cuja paixão deseja provocar..."

Nós não acreditamos! E você, é lógico, também não acredita que desse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte:

"A mulher que quiser atrair a atenção do homem amado, pega num

Baton Colgate, passa-o suavemente nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras".

Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com "Karanuva", o supremo embelezador dos lábios! Escolha a sua tonalidade dentro de 4 maravilhosas cores — do "Médio" ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

BATON COLGATE — É A MAIS FAMOSA RECEITA DE AMOR

incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Cahe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?

Está
embranquecendo?

Uze o

TONICO ORIENTAL

Elle fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.

Extingue a caspa.

L&K

**VINHO
RECONSTITUINTE
"GRANADO"**

**TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE**

GRANADO & C.
RIO DE JANEIRO

T. T. R. QUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

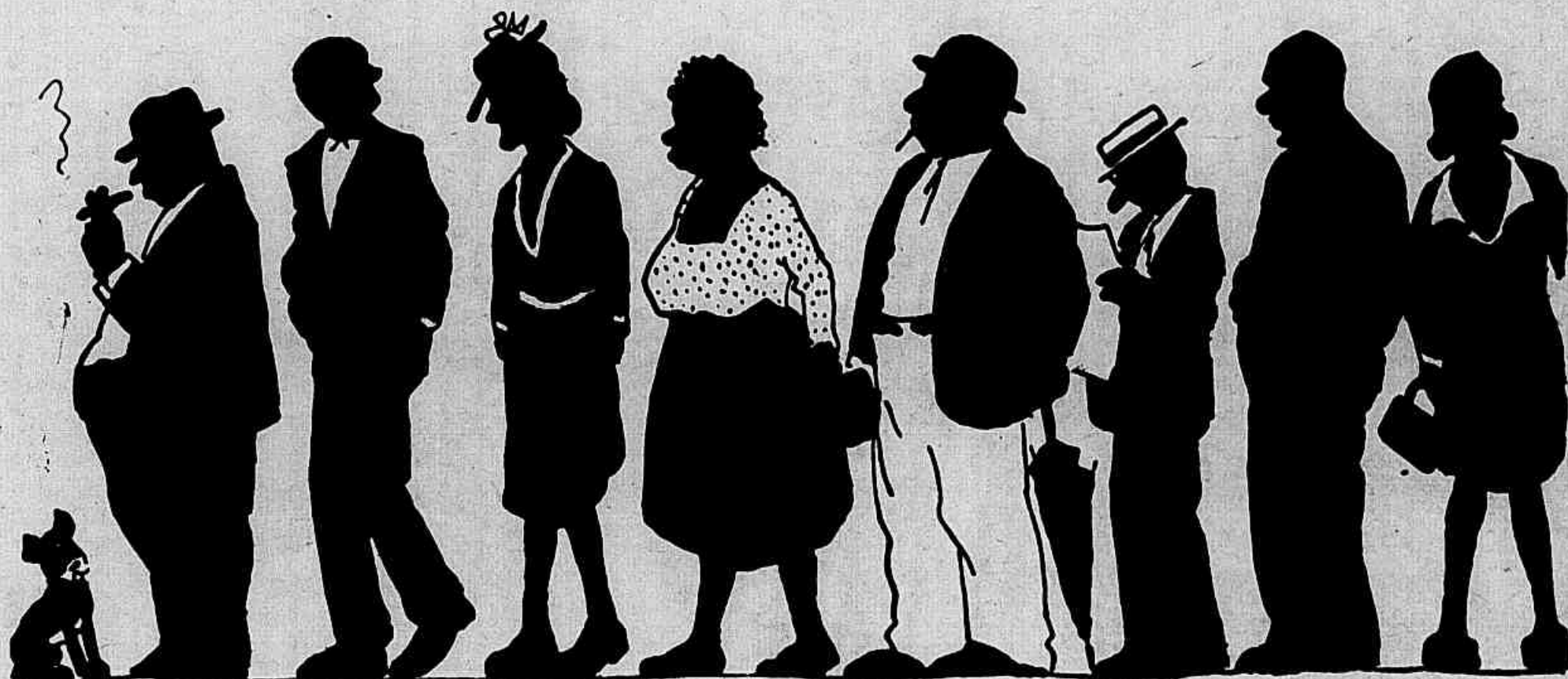
Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

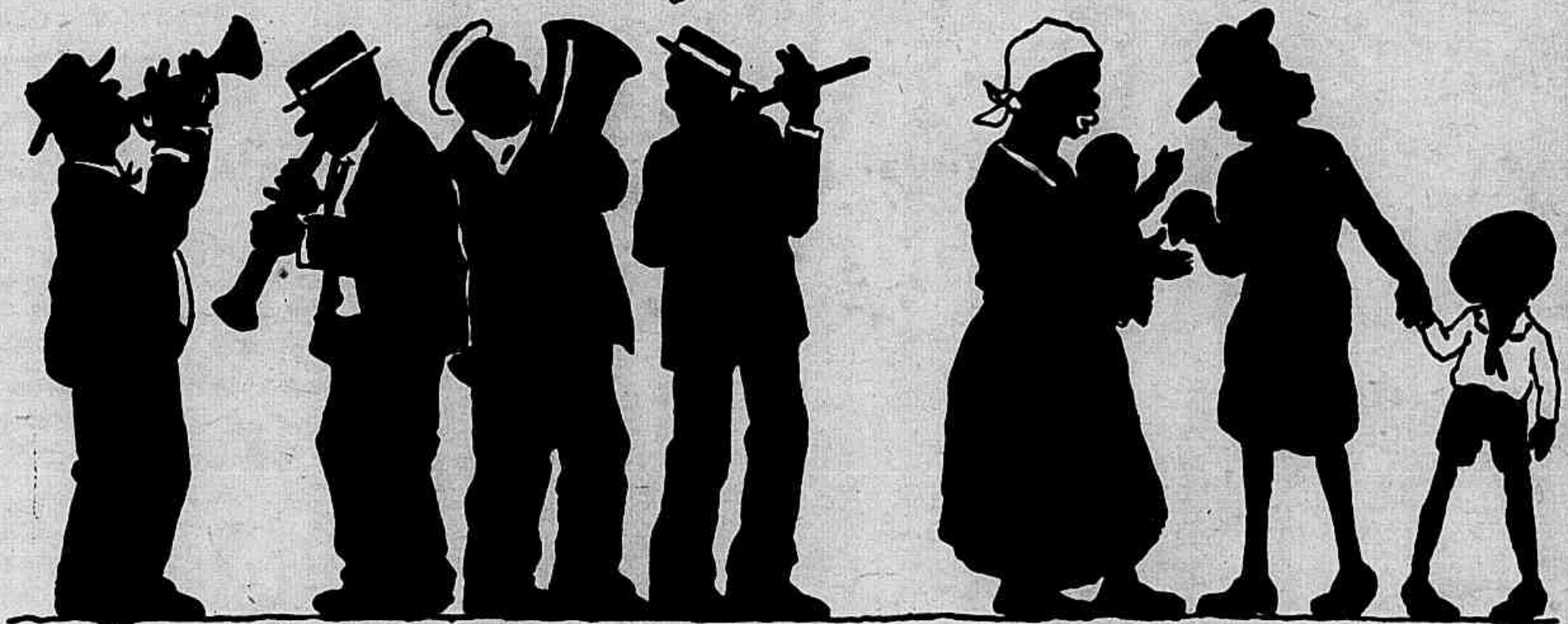
PARADA DAS FILAS



Fila marcial



Fila da carne, da manteiga do açúcar, do leite, do etc etc

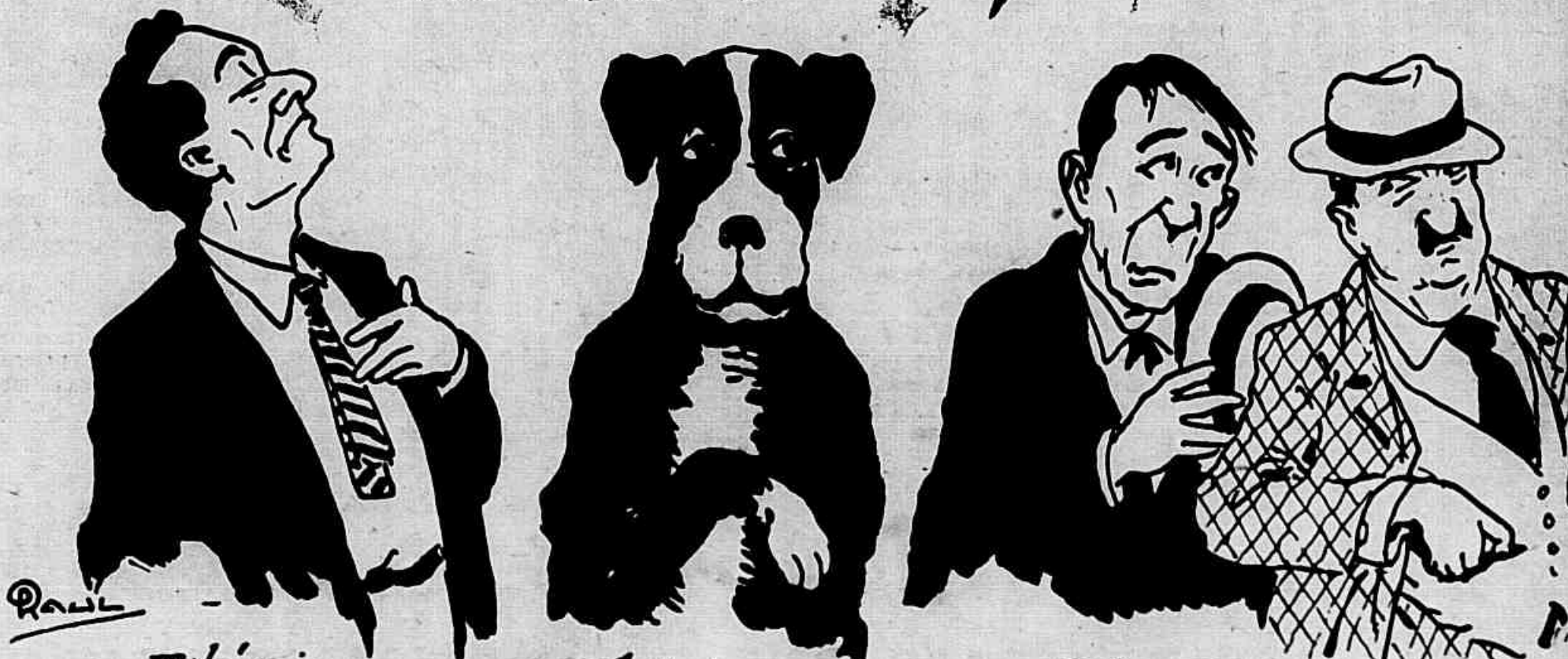


Fila armônica

Fila antropia



Fila-mento



Filância

"Fila" sério

Filante



MODELO DE QUARTO DE DORMIR *para operário?*

Apresentamos hoje um novo modelo de quarto de dormir mobiliado em estilo moderno. Este elegantíssimo dormitório tem como complemento um pequeno vestíbulo pelo qual é ligado ao terraço.

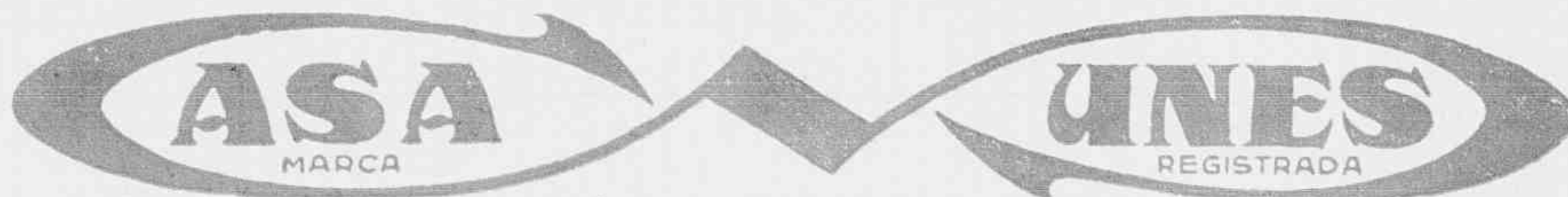
O leito, guarnecido com setim, fica entre duas pequenas mesas de cabeceira redondas e baixas, sobre as quais estão dispostos os dois *abat-jours* de seda com pés de cristal.

Completam o sóbrio mobiliário uma mesa de três pés e duas poltronas de linhas simples, postas no pequeno vestíbulo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

Aproveitem os preços reduzidos durante a TRADICIONAL VENDA ANUAL

DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO



Cia. de Cigarros Souza Cruz